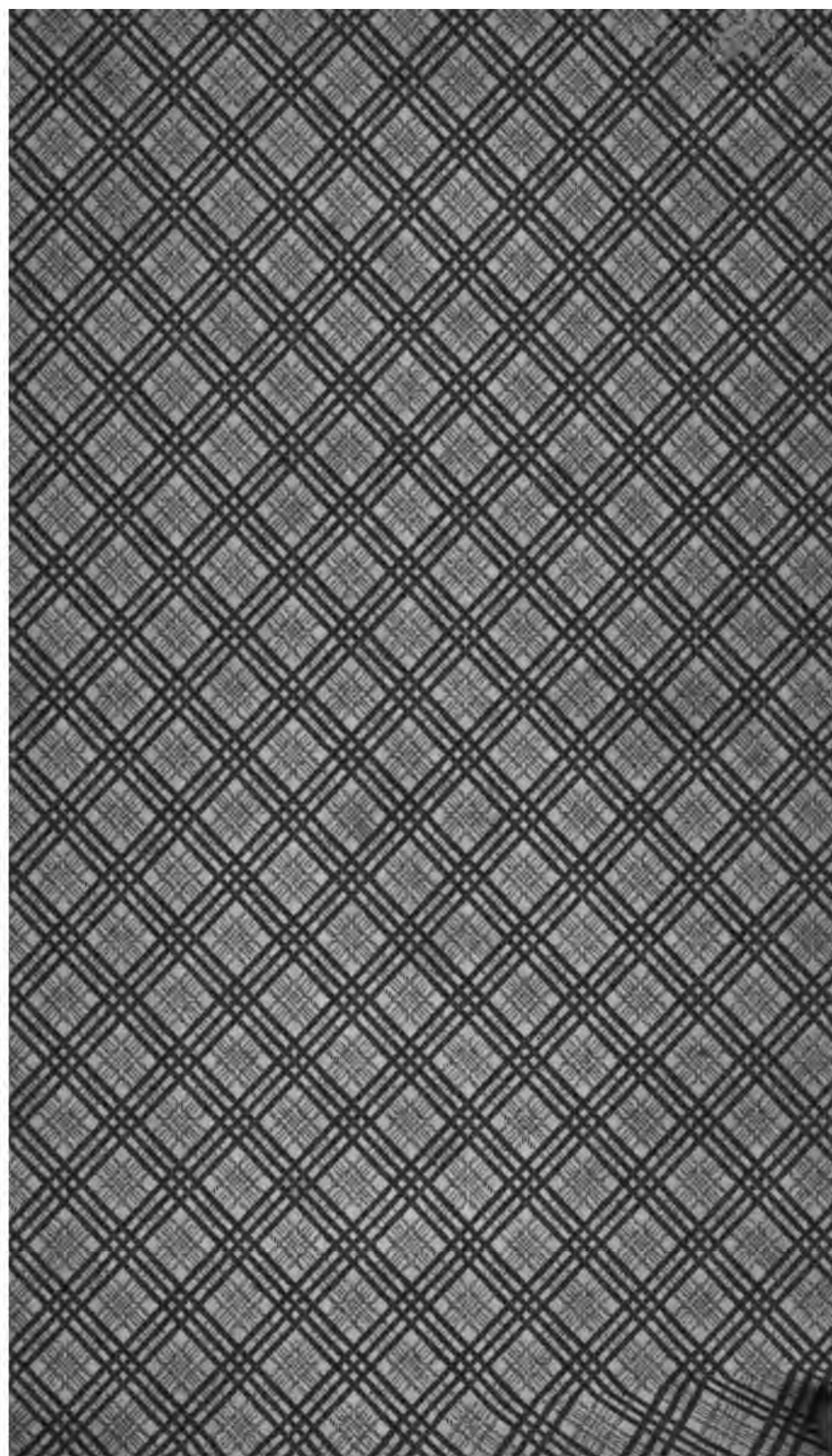


28/3/6[illegible] [illegible]

CANTICOS

POR

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR

SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA.

PREÇO 720.

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA
TRAVESSA DA VICTORIA, 52.

1858

A SUA MAGESTADE

EL-REI O SENHOR D. FERNANDO

O. E D.

A PRESENTE OBRA

O author,

Senhor :

E' grande um Augusto,
Não só por que o imperio doma,
Mas por que o braço robusto
Estende ás musas de Roma,
Abrigando-as sob o manto!
Faz, n'outra edade, outro tanto
Um rei, que a França terá
Por Mecenas soberano,
E, como o Cesar romano,
Seu nome a um seculo dá!

Tal ha, que, a purpura honrando,

Das proprias musas se inspira;
E cultiva-as, descançando
A mão do sceptro na lyra!
Não se affrontam as grandezas
Das poeticas emprezas:
E melhor a historia diz
O que eu apenas indico:
Teve a Prussia um Frederico,
A Baviera um Luiz!

Aqui mesmo acharam ellas
Privilegios nada escassos :
Musas, lettras, e artes bellas
Entraram nos regios paços,
Com favor e intimidade
Da sapiente Magestade ;
E o mundo, mais d'uma vez,
Applaudindo-as illustradas,
As tem saudado assentadas
Sobre o throno portuguez.

De exemplos taes animado,
A vós, SENHOR, reverente
Chego, e apresento inclinado,
O meu modesto presente.
Este livro estremecido,
Mais da minha alma nutrido,
Benignamente acolhei
Sob a sombra protectora
Do laurel d'arte, que enflora
A vossa c'rôa de rei!

Março, 1858.

José da Silva Mendes Leal Junior.

LIVRO I

LYRA

LIVRO I

LYRA.

I

O HYNVERNO.

(IMPROVISO)

Sem gallas nativas, sem fructos, nem flores,
    Ai! quantos amores,
Esconde no manto, que finge rigores
    Rigores sem ter!
Debaixo da neve, que a fronte branquêa,
    O fogo se atêa:
Negreja-lhe a face; mas guarda na idéa
    Furtivo prazer.

Amado por isso, reserva ás formosas
    Incognitas rosas,
Do sól não crestadas, que encerra viçosas
    No seu coração.
Se o estio é brilhante, se as aureas estrellas
    Fulgindo são bellas,
As luzes das festas, estrellas como ellas,
    Mais feias não são.

O esmalte dos campos e os céus annilados
São dons estremados;
Mas rostos celestes, no baile inflammados,
Tem menos fulgor?
Se «amor» diz aos homens a voz que murmura
Na verde espessura:
Nas sombras do hynverno melhor formosura
Tambem diz «amor».

1851.

II

TENHO MUITO, MUITO AMOR.

(IMITAÇÃO DE BÉRANGER)

Oh! quem me dera ajuntar
Montes sobre montes de ouro,
Sempre, e sempre, e sem parar! —
Vida minha, o meu thesouro
Todo aos pés t'o iría pôr;
Que se eu aváro me faço,
É porque, prezo em teu laço,
Tenho muito, muito amor!

Oh! quem me dera do céu,
Vate audaz, roubar n'um hymno,
O fogo de Prometheu! —
Anjo, o meu estro divino
Todo aos pés t'o iría pôr;
Que se eu desejo essa palma,
É porque, dentro d'esta alma,
Tenho muito, muito amor!

Oh! quem me dera correr
De armadas legiões na frente,
A triumphar ou morrer! —
Meu bem, o louro virente
Logo aos pés t'o iría pôr;
Que se á morte me subjeito,
É porque, a arder-me no peito,
Tenho muito, muito amor!

É tudo um sonho, ai! de mim!
Embora. Não me desprezas,
E has de sempre amar-me assim! —
Que se c'rôas e riquezas
A teus pés não posso pôr,
Em troca de ouro e de gloria,
Consulta a tua memoria,
Tenho muito, muito amor!

III

Ouvrez votre âme a l'amour:
La jeunesse n'a q'un jour!

Murcha a flor, que ao sol se esquiva,
No curvo tronco a pender;
E, sem saber que foi viva,
Sente-se em vida morrer.

N'alma um sol tambem fulgurà
Como o que brilha no céu:
Apagar fôra loucura
O que Deus mesmo accendeu.

O nome d'esse astro ignoto
Tem-l'o tu no coração:
Procura-o n'um ai, n'um voto;
Não n'o busques na razão.

Porque esfolhas pois, tão bella
Dos bellos annos a flor?
Se a razão te diz: «cautella!»
O coração diz-te: «amor!»

1848.

IV

A CANÇÃO DO PIRATA

(DO HESPANHOL, DE ESPRONCEDA)

Com doze canhões por banda,
Vento em pôpa, a todo o panno
Vôa, não corre, no oceano
Um velleiro bergantim;
Baixel pirata, que chamam
Por seus feitos «o *Temido,*»
Em todo o mar conhecido
De Marselha a Bombaim.

Treme a lua sobre as aguas;
Nos rinzes suspira o vento,
E ergue em brando movimento
Orlas de prata e de azul.
Eil-o, o capitão pirata,
Que vai cantando na pôpa,
Asia a um bordo, a outro a Europa,
E pela prôa Stambul.

I

«Voga, meu barco, navega
«Sem temor;
«Nem forte náu na refrega,
«Nem procella, ou calmaria
«Do teu rumo te desvia,
«Ou subjeita o teu valor.
«Vinte prezas
«Tenho feito
«Em despeito
«Té do inglez:
«E abateram
«Pendões varios
«Cem contrarios
«A meus pés.
«O meu barco é meu thesouro,
«A liberdade o meu Deus,
«É-me o pego unica patria,
«Lei a força, o vento, e os céus!

II

«Além movam feroz guerra
«Cegos reis
«Por mais um palmo de terra;
«Que eu aqui tenho por meu
«Quanto avisto em mar e céu,
«A quem nada vem dar leis.
«Não ha praia
«Sobranceira
«Nem bandeira,
«De explendor,
«Que não ceda
«De repente,
«E me alente
«Meu valor.

«O meu barco é meu thesouro,
«A liberdade o meu Deus,
«É-me o pégo unica patria,
«Lei a força, o vento e os céus.

III

«Á voz:—«D'ávante uma vella!»
«É de ver
«Como tudo se acautella
«Pannos cheios a escapar;
«Que eu sou despota do mar,
«Minha furia é de temer.
«Nos despojos
«O colhido
«Eu divido
«Por egual;
«E só guardo
«D'essa preza
«A belleza
«Sem rival.
«O meu barco é meu thesouro,
«A liberdade o meu Deus,
«É-me o pégo unica patria,
«Lei a força, o vento e os céus.

IV

«Condemnado estou á morte!
«D'isso rio.
«Se não me abandona a sorte
«O mesmo que me condemna
«Penderá de alguma antena
«Talvez no proprio navio.
«Succumbindo
«Que é a vida?
«Já perdida

«Não a vi,
«Quando o jugo
«Vil de escravo
«Como um bravo
«Saccudi?
«O meu barco é meu thesouro,
«A liberdade o meu Deus,
«É-me o pégo unica patria,
«Lei a força, o vento e os céus.

V

«São minha orchestra melhor
«Aquilões
«Mais o horrisono tremor
«D'esses cabos saccudidos;
«E das vagas os bramidos,
«E o rugir dos meus canhões.
«Quando o raio
«Cruza aos centos
«Eu, dos ventos
«Ao troar,
«Adormeço
«Socegado,
«Embalado
«Pelo mar!
«O meu barco é meu thesouro,
«A liberdade o meu Deus,
«É-me o pégo unica patria,
«Lei a força, o vento e os céus.»

V

Á MARGEM DO DOURO.

Que me importa serem bellas
Essas aguas, quando o Douro
Leva, á noite, alvas estrellas,
Traz, de dia, estrellas de ouro?
Que importa, se, nas compridas
Margens, do hynverno batidas,
Depois da nuvem correr,
Scintillando vivas cores,
Vejo um astro, em vez de flores,
De cada tronco pender?

Que me importa ver fronteiros,
Rendando os placidos ares,
Dos calvos, rudes oiteiros
Os contornos singulares?
Que me importa, se o cabeço
No escuro choupal espesso

Se recorta desegual,
Como um gigante curvado,
Ou como o vulto inclinado
D'um chimerico animal?

Que me importa, se, em descendo
As sombras da noite fria,
A visinha forja, ardendo,
De rubra chamma allumia
A ramada circumstante;
E, sonora e crepitante,
Parece raios vibrar
Nas fundas trevas, fulgente
Como o olho reluzente
D'um cyclope a trabalhar?

Que me importa, se, na hora
Do silencio e do mysterio,
Oiço em tumulto, lá fóra,
Das ondas o turvo imperio;
Quando o mar saccode a vaga
De encontro ao raio que apaga,
E, crespo, fero leão,
Pula aos céus, enfurecido,
Abafando no rugido
A propria voz do trovão?

Se baixa o sol outras vezes,
Entre os vapores dourados,
Como um rei sobre os paveses
Dos vassallos seus prostrados;
Se no tardo arbusto alveja,
Das demais rosas inveja,
A camelia, e lá vai pôr
O fecundo orvalho que amo,
Uma flor em cada ramo,
Um diamante em cada flor?

Que importa?—Quando á janella,
Céu azul, ar transparente,
Vejo cheia a branca vella
Cortar um iris corrente,
C'o baixel vai meu desejo.
Se elle inclina a proa ao Tejo
Faz-me tudo, a meu pezar,
Entre alvoroços e penas,
D'outros quadros, d'outras scenas,
E d'outras margens lembrar!

Porto—1846.

VI

ASPIRAÇÕES.

Ai! sonhei-a! — E, ardendo ancioso,
Amei o sonho saudoso,
Amei a incerta visão;
Nutri sua alma da minha,
Dei-lhe quanto amor eu tinha,
E o que tinha o coração.

Dei-lhe tudo o que sentia;
Cuidou ver-lhe a phantasia
No seu subito rubor
Um iris, que a esp'rança cora,
Ou, como as rosas da Aurora,
A aurora de um vivo amor!

Julguei-lhe o espirito ornado
Um thesouro recatado,
Cuberto de um casto véu:
Cuidei vel-a, em meigo laço,
Dar-me a terra n'um abraço,
N'um sorriso abrir-me o céu.

Dei-lhe o vasto sentimento
Que era o meu maior tormento:
Dei-lhe o soffrer e o penar!
Dei-lhe o que fôra e o que era:
E ter mais inda quizera,
Para mais inda lhe dar!

Imaginei-a, innocente,
Vibrar toda ao sopro ardente
D'uma inflammada paixão,
Como, entre lavas creado,
Vibra o lyrio, debruçado
Na cratéra de um vulcão.

Creei... um sonho. Era bello!
Formei-o do meu desvello,
Do meu affecto o compuz:
Cultivei-o como as flores;
Vesti-o todo de amores,
E todo o cingí de luz.

Era elle que eu amava,
Que eu não via, e que buscava,
E buscava sempre em vão.
Busquei... busquei por meu damno!
Cuidei achal-o: era engano.
Cuidei vel-o: era illusão.

Vivi de esp'ranças... um dia! —
Cuidei viver! — Na ironia
A minha esp'rança expirou,
Qual, no alaúde esquecido,
Suspira e morre o gemido
D'uma corda que estallou.

Quem adivinha, quem pensa
Que tortura acerba, immensa,
Havia nos votos meus?
Mysterios do coração!
As penas... d'esta visão
Ninguem n'as sabe: só Deus!

Desejei por ella a gloria:
De Homero e Dante a memoria
Por ella só invejei;
Martyr fui por merecel-a,
Quiz, luctei, soffri por ella...
Mas onde achal-a?
— Não sei! —

1848.

VII

A ALCACHOFRA.

Allez-vous en avec vos fleurs toutes fanées.
V. H.

Florirás? não florirás,
Minha alcachofra gentil?
Florirás, que te floriram
Aguas bemdictas de abril.

Vou queimar-te e requeimar-te,
Minha alcachofra agoureira:
Vou consultar minha sorte
N'esta planta feiticeira.

Sorte de amores tão varia,
Quem te dera a meu favor!
Porque tremo, e hesito, e anceio,
Chegando ao lume esta flor?

Meia-noute pouco tarda...
Duas... tres... As doze são...
Arde, flor, que é meia-noute,
Em louvor de S. João!

Não ficou das gallas tuas
Uma só. Bem negra estás!
Agora, posta ao relento,
Florirás? não florirás?

Olha que tens, entre as cinzas
Que ás auras fagueiras lanças,
As esp'ranças no teu seio,
O meu viver nas esp'ranças.

Tens em ti minh'alma toda:
N'esta noute benta e leda,
Podes-lhe dar azas de anjo,
E tambem d'um anjo a queda.

É tarde. Vou repousar-me
D'esta incerteza e terrores.
Vão talvez surgir-me em sonhos
Seccos espectros de flores!...

A manhã já vem rompendo...
Upa!... depressa... á janella...
Vejamos se a flor-sibylla,
Cinza está, ou flor mais bella.

Cinza! só cinza! oh! desdita!
Onde ha flor mais mal-fadada?
Nem sombras d'uma folhinha!...
Pois queimei-a bem queimada!

Cinza só! que sina triste!
Terna esperança mentida,
Vida me era! — Ai céus! agora
Nem esperança, nem vida!

VIII

SUSPIROS DE ABRIL.

É maraviglia, é amor
È sentimento, é speme,
Son mille affeti insieme,
Tutti raccolti al cor.

METASTASIO.

I

Minh'alma, toda amor, em vão comprimo,
Debalde os males meus escondo attento:
N'este pego fatal, o meu tormento
Nadar vem sempre ao cimo.

Se este peito, que Deus fez expansivo,
Teimasse accaso em constranger, mais forte
Libertar-me viria a mão da morte
O coração captivo.

Dilate-se por tanto! Em sons sentidos
Exhale a pena sua tormentosa;
Suspire, gema a lyra lachrymosa
Os hymnos doloridos.

Seria o canto e o chôro perigrino
Se ao sentimento a voz correspondera,
Se no rythmo ou nos prantos eu podera
Pintar o meu destino!

II

É todo fogo o meu peito,
A minha alma é toda amor;
Solitaria é minha vida,
Incessante a minha dor.

Se Abril os prados matisa,
Nos prados tormentos vejo:
Mudas as flores se entre-amam...
E eu... só tenho o meu desejo!

Se, tristemente sorrindo,
Enche a lua magestosa
De vaga ternura as almas,
Os campos de luz saudosa;

Eu, magoado e pensativo,
Conto as estrellas do céu;
E conto as ancias ferventes
Do profundo peito meu!

Se a rola saudades geme,
Se o rouxinol trina amores;
Que invejas!... Ardo, e no mundo
Ninguem sente os meus ardores!

E tremo, vacillo, anceio,
Se attento escuto, a meu lado,
Rir, folgar a natureza,
E me vejo abandonado;

Tremo de susto, que eu sinto
O que é ter um coração
Terno, ancioso, todo chammas,
E submettel-o á razão!...

À razão!... Acaso póde
A cadeia mais potente,
Seja de ferro ou de bronze,
Enlaçar um fogo ardente?

Entre as vivas laberedas
Brevemente se esbrazêa:
Funde-se, augmenta inda a lava
O que era d'antes cadêa.

III

A primavera risonha
Tudo faz reflorescer;
A madre-silva nos bosques,
Nos corações o prazer.

Accorda tudo ao seu brado:
As aves para cantarem;
Para sorrirem os homens;
E todos para se amarem.

Os espiritos florejam
Como as relvas amorosas:
Abrem-se juntos, rescendem
Os pensamentos e as rosas.

Só primavera eu não tenho
E se a tenho — em solidão —
É de nuvens, não de flores;
Não de sol, de escuridão.

IV

Meu coração era um vaso
Tão puro, tão precioso!...
Verieis d'alma por elle
O reflexo luminoso.

Abundante amor sincero,
Em nobres peitos vulgar,
E mil affectos sem nome
O enchiam a trasbordar.

Mãos prophanas m'o partiram;
Roto está, tudo entornou;
Até a propria esperança
Pelas fendas se escoou!

V

E comtudo talvez não merecesse
Desgraça tão cruel; talvez minha alma
Fôra digna de amor egual ao d'ella!
Ai! prados verdes, campos matizados,
Sombras da tarde, estrellas pudibundas,
Minhas socias de amor! ai! trevas meigas,
Da noite amena! quantas, quantas vezes
No vosso recatado, occulto seio,
Meus prantos derramei quasi em delirio!
E, quantas, leve aragem que gemia
Nos laranjaes do valle, pelo espaço
Meus suspiros levou, que vinham d'alma!

E quantas mais, sentado, pensativo,
Na alameda da encosta, em rude pedra,
Á beira da corrente inquieta e funda,
Quantas — olhos no céu e mão na face —
Conter ao campo, aos astros, aos fraguedos
As ancias que no peito não cabiam!
Foi-lhes sepulchro a solidão profunda:
Se haviam de rir d'ellas!...
Astros, campos,
Fraguedos que me ouvistes, vós sómente
Podeis dizer que affectos infinitos
Aqui dentro, em cardume, se apertavam!
Que ternura e saudade amarga e triste!
Que sêdes de querer e ser querido,
De entrar, calcando humanas impurezas,
N'um céu de amor, com quem comigo o abrisse!
Que desejos extremos, e sem mancha,
De fazer entre todos venturoso,
Á força de caricias e desvellos
Um ente idolatrado! De por elle, —
Por esse, — os hymnos meigos de que sinto
Ardente a phantasia a entumecer-se,
Fervoroso exgotar em mutuo inlevo!...
« Por um sonho! » dirão. Sonho de certo.
Mas quem, sem tal sonhar, passou na terra?
Não zombeis, homens, não. Qual de vós outros
Co'a fronte oppressa, e o coração partido,
Gemendo e pranteando, e n'um suspiro
Mil desejos, mil ancias, mil ternuras
Ás auras caprichosas entregando,
Qual de vós o não fez?... Se algum se encontra
Depôr deve estas paginas. Egoista,
O que intender não póde, não profane!

VI

Peitos sensiveis, corações amantes,
Ternos, languidos olhos femininos,
Dos que inda ingenuos são espelhos d'alma,
Lêde-me vós, só vós! Estou seguro
De que haveis de intender meu simples canto.
Lêde-me vós, que, á noute, reclinada
Na janella saudosa, vagamente,
Humida a face, contemplaes, sem vêl-os,
O azul do mar, do firmamento o brilho;
E murmurar ouvís, sem distinguil-as,
De eguaes mysterios egualmente involtas,
Do vosso peito as ondas e as do oceano!
Lêde-me vós que, ao despontar da aurora,
Entre os vossos jasmins tentaes um riso,
Que, sem causa, uma lagrima desmente;
E tremeis e córaes, quasi de pejo,
Se ouvís meigos arrulhos amorosos
De um casal desvellado no seu ninho.
Lêde-me vós que daes sinceros prantos
Á loucura do Tasso, — do Petrarcha
Aos magoados amores, — e ás saudades
De Bimnardel saudoso; — e que, inlevada,
Alguma vez, sincera, desejastes,
Para o pobre poeta consolardes,
Laura ser, ser Beatriz, ou ser Leonora!
Lêde-me vós, que um hymno doloroso
Enche de dôr; — e vós que, razos d'agua,
Olhos fitos no livro quasi findo,
Como vossos carpís estranhos males!
Lêde-me vós, que o marmore do templo
De pranto humedeceis, se ouvís, piedosa,
Do Deus-Homem contar os soffrimentos
Ao sagrado orador austero e grave.
Lêde-me vós... — Oh! lêde-me vós todas
A quem ardente amor, ou vago affecto —

Voraz incendio, ou timida scentelha —
O coração tomou. — De vós espero,
De vós, de mais ninguem, piedade e int'resse.

VII

Salve, rei da montanha, cedro annoso,
Que as tormentas affrontás;
Como os breves seus dias contam homens
Os seculos tu contas:

D'aqui vejo, nos ares recortada,
A serra do Occidente,
Descançando, em repouso altivo e féro,
Como um leão dormente.

Salvè, rei da montanha, antigo vulto,
Socegado Titão,
Que mal faz murmurar, severo e triste,
O vento da soidão,

Do curvo tronco debruçada a copa
Em arcos ellegantes,
Descommunal tropheu soberbo finge,
Ou porta de gigantes.

Qual se espreita o estrellado firmamento
Atravez da folhagem,
Taes vislumbram memorias do passado
Por entre essa ramagem.

Salvè, rei da montanha. A sombra tua
Já cobre gerações:
Pendem annos e folhas dos teus ramos
Em cerrados festões.

Debaixo d'esse tecto susurrante,
    E sempre hospitaleiro,
Como o tecto dos homens de algum dia,
    Para o pobre romeiro,

Eu, romeiro infeliz no mundo, venho
    Buscar abrigo obscuro:
Fallar venho ao passado, a ver se posso
    Esquecer o futuro!

Ai! não posso, não sei. A toda a parte
    Me segue est'ancia viva,
Como a frecha que traz no lado roto
    A corça fugitiva.

VIII

Irei nos braços da gloria
Esconder o sentimento?
Desgraçado, é vão o intento:
Se conservas a memoria
Has de guardar o tormento.

A gloria é fructo enganoso:
Seduz, mas não satisfaz;
Penas causa, sem dar paz:
Não é têl-a ser ditoso,
Mas logral-a é ser sagaz.

Presta á dor, que te lacera,
Que te abraza a mente acceza,
Um só nome a natureza:
Vago amor que a magoa gera,
Magoa que gera a tristeza.

Ai! ó sombra peregrina,
Sonho só, nunca verdade,
Ó phantastica beldade,
Existirás tu, divina,
Qual te pinta a idealidade?

Se existes, quero cingir-te
De flores, — quero adorar-te!
Se não tens, com gentil arte,
Um Phidias para esculpir-te,
Tens minh'alma para amar-te!

Santa Maria de Loures, 184 ..

IX

UM QUARTO DE HORA!

— «Ha no valle, ao pé da encosta,
«Uma fonte chocalheira,
«Junto á fonte um prado verde,
«E no prado uma rozeira:

«Vamos, anjo, ali sentar-nos?
«Teremos... terás comigo,
«Branda relva por alfombra,
«E a rozeira por abrigo;

«Vamos?» — «Sim» — «Chegados somos...»
«Que inlêvo este!» — «Senhor,
Que mais posso já pedir-vos?»
— «Que seja eterno este amor!»

— «Fel-o Deus em nossas almas
«Tão santamente nascer!»
— «Onde vais? já partes?» — «Parto.»
— «Mas o amor!» — «Mas o dever!»

— «Amor, que eterno pediste,
Breves instantes durou!»
— «Não morreu no coração.»
— «Nos labios, porém, findou.»

— «Ámanhã.» — «Virás?» — «Virei.»
— «Como o tempo nos correu!»
— «Nem foi bem um quarto d'hora.»
— «Se fôra mais, fôra o céu!»

Céu de amor, um céu aberto
De certo que elle seria,
Se tal quarto d'hora houvesse...
É pena ser phantasia!

1848.

X

A IRMÃA DA CARIDADE.

(VERTIDA, VERSO A VERSO, DO FRANCEZ DE MADAME ANAIS SÉGALÁS)

Fugís, ó minha irmãa, d'este mundo perdido.
Para Lazaro e Job, para Deus heis vivido!
A terra é, para vós, a ponte em que passaes,
A fim de ao céu chegar. Orgulhosos vivemos;
Aos lustres dos salões as almas accendemos:
Nós vivemos no sólo, o sólo vós pisaes.

As vaidades a nós, o luxo deslumbrante,
Diamantino planeta, ardente e scintillante!
A vós a caridade, a fé, o puro céu
E a segredar-vos Deus, nas vossas castas cellas!
Buscamos o clarão, vós buscaes as estrellas;
A purpura deixaes, guardaes humilde o véu!

Rompeis do mundo ao lado, ao lado andaes do vicio,
Sem jámais hesitar no santo sacrificio.
Da turba vadeaes o pélago infernal
Como um cysne do lago, alvas plumas nevadas,
Sereno contornando as ribas enlodadas
Sem o sulco deixar de prata e de christal.

Bateis do pobre á porta? Entrae, irmãa piedosa.
Deixae o ambicioso erguer-se á luz radiosa;
Os monarchas buscar; pedir, no engano seu,
Das honras o fulgor, fulgor que o nada encerra:
Dos paços os degráus só vão aos reis da terra,
A escada do infeliz conduz ao rei do céu!

Á casa fraternal, morada santa e bella,
Voltaes? Ides orar na simplice capella.
Vossa alma pura, a arder, em Deus busca o seu bem.
E Deus na pomba mira a candidez, que a adorna.
E inunda-a de explendor. E ella a seus pés se torna
Chrysalida gentil, que o infinito contém.

A vossa habitação é do Senhor bemdita,
É colonia do céu, que o proprio céu imita.
Do infante a mão tomaes, que balbucia em fim,
Soletrando comvosco, o livro e a crença rara:
Quem vossos olhos vê, quem d'elle a face encara,
Cuida ver uma santa ao pé d'um cherubim.

Saís da nobre casa? É vosso nobre estylo:
Um carcere não é; é só modesto asylo.
O claustro desdenhaes, e o seu encerro vão,
Que n'elle não podeis, ó virgem de piedade,
Atravez dos varões da dura, esteril grade,
Para o pranto enxugar, passar a casta mão.



A clausurada irmãa, d'um mosteiro no fundo,
Os olhos ergue aos céus sem baixal-os ao mundo,
Contempla a solidão, das maguas sem temor,
Sem ver o desgraçado, involto na amargura...
Mas quem anjo quer ser, nas horas da tortura,
Prompto as azas desprega, e vôa até á dôr.

Vellaes no santo hospicio, onde accorre em delirio
O pobre que nem tem com que pague o martyrio.
E o triste, no seu leito, accordando amanhãa,
Pensará que o desvella a propria mãe do Eterno:
Se não vê junto d'elle a irmãa do lar paterno,
Encontra no hospital da caridade a irmãa.

Se a peste sobrevem, abrindo a fauce impura,
Correis: próvida a fé vos serve de armadura,
E, guerreira de Christo, á cruz vos abraçaes...
O inimigo venceis... e emfim, d'elle vencida,
Caís, sem mausoleu, sem lapida esculpida,
E o balsamo offertando o veneno tomaes.

Esquecida morreis, qual morre a flor no prado.
À gloria não marchaes como o ardente soldado
Que, do sangue que verte, uma purpura faz.
Martyr desceis á campa, e o mundo inteiro o ignora.
Não vem morte faustosa, em tuba alta e sonora,
No golpe que vos dá contar o feito audaz.

Gloria a vós, irmãas, anjos de luz fagueira,
Que sentís, que viveis do paraizo á beira!
Debalde o vosso zello occultaes sob um véu:
Raiaes na sombra mesmo em que elle, em vão, se encerra:
Se não sois, por modestia, os diamantes da terra,
Minhas santas irmãas, estrellas sois do céu!

XI

BALLADA.

— « Que pretendeis, cavalleiro? »
— « Nobre sou, e vós sois bella;
« Dae-me pois, gentil donzella,
« Dae-me o vosso coração.

« Dar-vos-hei, em troca d'elle,
« Meu collar, que é d'oiro fino,
« E alvo manto peregrino,
« E as joias do meu brazão.

« Dar-vos-hei mais dez herdades,
« E o meu solar de Granada,
« E os rubis da minha espada,
« Sem reparar quantos são.

« E de tudo o que vos digo,
« E de quanto mais me esqueço,
« Só, donzella, em troca, peço,
« Só vos peço o coração. »

— « Guardae, senhor, vossas joias
« E os vossos dons seductores:
« Por oiro trocar amores,
« Não é, senhor, meu condão.

« Guardae, guardae vossas joias,
« Que eu guardarei meus affectos;
« Presentes tão indiscretos
« Dae a outras, a mim não.

« A mim não, que tal não cumpre
« Á donzella que é brioza:
« Pobre sou, mas orgulhosa...
« Dou, não vendo o coração! »

184...

XII

A VIRAÇÃO DA TARDE.

I

Sete vezes n'alta torre
O sancto bronze gemeu;
Ecco do valle outras tantas
Suspirou... e adormeceu.

Já lá vai fugindo o sol,
Já das ondas busca o seio,
Já de traz do outeiro verde,
Mostra só a face em meio.

Minhas horas tão formosas,
Doces horas do sol posto,
Ternas filhas do silencio,
Que assim me orvalhaes o rosto,

Eu vos saúdo, assentado
N'este antigo tronco escuro,
Entre os restos do passado,
E as esp'ranças do futuro!

Dos homens estou distante,
Só — bem só! — a meditar!
Ao lado do outeiro a ermida;
Em frente a cidade e o mar!

Ó sol, ó rei do universo,
Olho eterno do Senhor,
Que bello é ver-te, arrastando
Teu moribundo esplendor.

Mal a custo já resfolgas
Algum luzeiro quebrado:
Nasceste, reinaste, e morres...
Tambem morrer é teu fado.

Mas tu, ó sol, ámanhã
Outra vez resurgirás;
Só nós, se em terra cahimos...
Pranto aos mortos, honra e paz!

Salvè, horas do sol posto,
Ó despedidas suaves,
Morrer da luz entre as sombras,
Correr d'agua e trinar d'aves!

Salvè, doce viração,
Apoz estivo calor,
Que me dás frescura ao peito,
Qual á mente um casto amor.

Salvè, respiro saudoso
Do sereno céu d'est'hora: —
Conversemos, se te apraz,
Viração consoladora.

Em tuas azas discretas
Minh'alma quero entornar,
E o mysterio d'esta vida
Em que me sinto abrazar!

II

Julguei eu que era o mundo prado ameno
Só de relva macia alcatifado,
Julguei-lhe brando o ar, o céu sereno
E o solo recamado
De florinhas gentís entre a verdura,
Imagens da belleza e da candura.

Julguei que, egual á fonte buliçosa,
Docemente a existencia refrescando,
O amor, sahindo d'alma fervorosa,
Se iria derramando
Por dias, annos, horas e momentos
De um festivo porvir de encantamentos.

Em pós d'esta illusão corri sem tino,
Dando largas á mente escandecida,
Zombando feramente do destino,
E crendo só na vida;
Triste vida, que eu tive já por bella,
E que escravo me fez, ou martyr d'ella!

Corri, corri — e de correr cançado
Sobre um marco partido aqui me assento,
D'esse mundo dos homens desterrado;
E no meu pensamento,
A sós, curto universo imaginando,
Que alguns sonhos fieis me vão dourando.

De meu é quanto ainda contar posso,
E nem já para mais nutro o desejo;
Outr'ora na ambição já fui collosso,
Hoje em terra me vejo.
Ó breves sonhos meus, enchei meu seio,
Tristes, tristes quaes sois, sois meu recreio!

Ó meus sonhos, ás vezes foragidos
Na palida visão das horas mortas;
Outras tão arrojados e subidos,
Que me pondes ás portas
De um vedado escondido sanctuario,
Deixando-me depois mais solitario;

Ó sonhos, sonhos d'alma, eu que vos peço,
Eu que sinto no coração lavrar-me
Chamma vivaz, e pecco pelo excesso,
E mal posso explicar-me,
Tenho agora por unica riqueza
Vós, meus sonhos, só vós... e a natureza!

Eu! ancioso de amor, desencantado!
Eu! que a tanto aspirei, quasi mendigo!
Eu! que ufano me erguia, emfim prostrado!
E sem ter um abrigo!
Ninguem vem recolher meu pranto mudo!
E tudo me abandona e fujo a tudo!...

Só tu ó vida minha me não deixas!
Tu não foges, ó vida desditosa!...
Em vão desfaço o peito, e o solto em queixas:
Ardente e sequiosa
Debalde arrojo a mente á eternidade,
Buscando ír-me fartar na immensidade!

Instantes, por meu mal, curtos instantes
Livre discorro na amplidão dos ares,
Adejando entre os astros scintillantes,
Pairando sobre os mares;
Quando mais vou lançar-me no profundo,
Foge a visão e acho-me no mundo.

Se, postos os meus pés no firmamento,
Além dos céus ousado me alevanto;
Se me atrevo a esquecer o meu tormento,
E solto alegre canto;
Realidade cruel os sons me tira,
Prende a voz na garganta, e quebra a lyra.

E, na terra de novo já cahido,
Nos gelos me revolvo do abandono;
De minha alma no amago tranzido
Ao desejo sem dono
Largo os diques e o deixo, sem preceito,
Correr á solta em pedragoso leito...

Achar-me já tão só na flor dos annos!
Gasta a vida apenas fujo ao berço!
Pela taça beber dos desenganos
E, olhando no nniverso,
Ver apenas, em arido deserto,
Um encosto final em leito incerto!

Ó pedra, dura pedra, destinada
Meus ossos a esmagares algum dia,
Menos dura serás que esta gelada
Incessante agonia:
Fez-me descrer; roubou-me, n'um momento,
À terra o sol, ao peito o sentimento!

Dom do ingenho que és tu? que tens? que importas?
Que vales ó vaidade transitoria?
D'essa flamma só ficam cinzas mortas.
Ai! sedento de gloria,
Apoz só deixa, — requeimado incenso, —
O immenso desejar um vacuo immenso!

Ó morte, asylo extremo ao desditoso
Acaso és tu tão feia qual te pintam?
Duro aspecto te fingem tenebroso...
Quem sabe?—Talvez mintam:
Não, no rosto não has de ter horrores
Para o triste que pede os teus favores.

Eu, que vi, pedra a pedra, derrocar-se
Esse edificio, que erigira a custo,
E folha a folha vi pender, murchar-se
Cada flor d'este arbusto,
Que faço aqui?... Morrer. Morrer!... Não quero
É certa a campa: e eu... ainda espero!

Sim: nos ermos d'esta alma uma esperança
Floresce, como a palma no deserto;
Sopre-lhe um pouco o vento da bonança
E o curvo tronco incerto,
Crescendo, arqueando a copa buliçosa,
De flores cobrirá minh'alma anciosa.

Dois fios, fios unicos no mundo,
Á borda me sustêem do precipicio:
Quebrem-se elles... Do abysmo todo o fundo,
Completo o sacrificio,
E a fronte inclino.— É um santa amisade:
O outro... Sabe-o Deus na eternidade!

III

Não mais, branda viração,
Aqui fique o meu segredo:
Quem me déra mais contar-te!...
Não posso, não posso,— é cedo.

Vaes correr o largo mundo
Vaes, ó doce viração!
Tudo quizera dizer-te...
Não, que os homens ouvirão.

Aqui; basta. Cada tarde
Vir-te-hei, amiga, esperar;
Cada tarde, como agora
Virei comtigo fallar;

E se esta tenue esperança,
Que mal creio já possivel,
Dando-me o céu, algum dia
Mudar meu fado terrivel,

Então, minha confidente,
Pura e grata viração,
Vem trazer-me a flor da terra
A melhor da Creação;

Corre, então, ligeira corre,
Mais veloz do que hoje vaís:
Verás n'alma descerrada
Se alguem soube sentir mais.

Nossa Senhora do Monte — Maio, 1846.

XIII

O FILHO DO DESERTO.

(DO HISPANHOL, DE L. RIVERA.)

I

Ondeando aos ares o albornoz tufado,
No seu ginete, a todo o galopar,
Rasga as areias do deserto, ousado,
Ultimo descendente de Ala-mar.

Eil-o. Que bello! A fronte resplendente
Crestada vai da chamma de um vulcão:
Incendios tem no fulvo olhar ardente,
Tem a crença dos seus no coração.

Sôlta a redea, o turbante desprendido,
Galhardo no corsel, barbaro cid,
Avança rapido o infiel hardido,
Mais esbelto que a palma d'Almahid.

Arabe moço, intrepida figura,
No caminho do *Estreito* irrompe já;
Ao corpo, deu-lhe Allah a formosura,
Á mente, amor e glorias deu-lhe Allah.

Chega do mar á bronca penedia,
E ali suspira, e pára triste ali:
Saudoso os olhos lança á Andaluzia,
E torna a suspirar, e diz assi:

II

« Poetica Andaluzia,
Terra amena dos meus sonhos,
Pelos teus vergeis risonhos,
Se me expande a phantasia!
Minh'alma o espaço bebia....
Oh! dae-me espaço á illusão!
Vôa, vôa, coração,
Por essa esphera encantada,
Que ali te espera Granada;
E é Granada o teu condão.

Granada, ó patria querida
De tantas lides e amores,
Onde estão os teus senhores?
Onde a phalange aguerrida?
Eil-a, a Alhambra adormecida...
O jugo Allah lhe decreta...
Nas sombras, a turba inquieta
Já não vê a festa amada,
Porque a estrella de Granada
Era a estrella do Propheta.

Canta, ao som d'essas cadeias,
A tua sina inclemente,
Que já não brilha o crescente
Pelo tope das ameias;
Canta as penas em que anceias,
Canta memorias e amores;
Sobre esse campo de flores
Canta, canta os teus pezares,
E acalenta em teus cantares,
O somno dos teus senhores!

D'esta plaga, ardente e nua,
Contemplo o ceo andaluz,
Onde, entre raios de luz,
Fulge a luz da gloria tua.
Oh! terras da meia lua
Sevilha, Jaen, Granada,
D'essa ventura passada
Não conservaes a memoria?
Ou sois vós de tanta gloria
Sepultura abandonada?

Ai! sois, que morreu, preclara,
A raça que vos deu ser:
Astro audaz de outro poder
O captivo solo aclara!...
A minha voz retumbara,
Chamando ao combate incerto...
Nenhum era já desperto!
Só, á guerreira canção,
O rugido do leão
Me respondeu no deserto!

Accorda, raça maldicta,
Ergue-te em nome de Allah!
Por que abandonas tu já
A tua melhor mesquita?
Misera, triste, e proscripta,
Povo errante e vagabundo,
Em somno jazes profundo
Emquanto a patria te chora...
A patria que foi senhora,
Senhora de meio mundo!

Adeus pois, Andaluzia,
Terra amena dos meus sonhos;
Adeus pois, vergeis risonhos
De tanto amor e alegria!
Canta ao choro da agonia,
Canta, canta o teu senhor,
Que eu só peço á minha dôr,
Como um adeus d'essa terra,
Uma lagrima de guerra
E outra lagrima de amor!

III

Com tranquilla altivez o pego encara,
E outra vez torna o moiro a suspirar;
Humedecido aos prantos que chorara,
Satanico lhe fulge o acceso olhar.

Negro o manto da noite vai descendo;
A espora punge o voador corsel...
Já — «*para sempre*» — a gemer dizendo,
Nas trevas fundas se immergira o infiel!

1852

XIV

O ADEUS DE AUSENTE.

(A MINHA MÃE.)

Denso veo de nevoa densa
Veste o alvor da madrugada;
Alveja a serra, vendada
Por triste mortalha immensa:
Travam crua, mutua guerra
Negro o ceo e branca a terra.

Gela o orvalho matutino
Repassando os meus vestidos,
E os hirtos membros transidos
A mover já mal atino:
Treme o corpo, mas a mente
Pelo espaço vôa ardente.

No horisonte vaporoso
Azas bate a phantasia;
E longe, longe me guia,
Transportado e pressuroso.
Esquece, ó alma, o que vejo
Foge, segue o meu desejo.

Porque, entre ardores da guerra,
Entre os riscos e entre a lucta,
O coração se me enlucta
E, descendo para a terra,
Uma lagrima gelada
Sulca a face envergonhada?

Não, não é fraqueza agora!
Não é timida anciedade!
São lembranças, é saudade
De quem por saudades chora:
Meus paes, meus tectos singelos...
Quem me dera agora vel-os!

Ó minha mãe, minha amiga,
Que mais que nunca amo e preso,
De amor vosso peito acceso
Lembre o que a vós não se abriga:
Da maternal, santa prece
Vosso filho não se esquece.

E vós, meu pae, varão justo,
Que me vêdes empenhado
Pelo direito sagrado
De um paiz, de um throno Augusto,
Não abençoareis, distante,
Quem vos chama a cada instante?

Vós, que a minha juventude
Encaminhastes, discreto,
Pelo nobre trilho recto
Da razão e da virtude,
Não temaes, — que esse preceito
O amor m'o lembra e o respeito.

Tambem vós, irmã querida,
Minha amavel confidente,
Com quem, afflicto ou contente,
Repartia outr'ora a vida,
Quem me dera, estreito e terno,
De novo o abraço fraterno!

Ai! familia idolatrada,
Meus irmãos, meus companheiros,
Vós, dos annos meus primeiros
Consolação desejada,
Recebei d'est'alma anciosa
Uma lembrança saudosa!

Que importa que a tempestade
O rosto venha açoitar-me?
Eu tenho para animar-me
D'estes que invoco a amisade.
Tolde a neve embora o dia:
O coração não me esfria.

Do dever, da patria escravo.
Bebo a taça da amargura:
É de fel; mas a ternura
Adoçar-lhe pode o travo.
Vossas lembranças, que espero,
São meu premio: outro não quero.

N'estas imagens saudosas
Se compraz a phantasia:
Vivo n'ellas noite e dia,
São-me gratas... e penosas.
Se as vejo, doe a anciedade
Se as choro, punge a saudade!

Findo aqui: missão mais forte
Rouba este bem derradeiro:
Foi um goso passageiro;
Fica da magoa o transporte.
Mas se a voz nos labios cala,
Guardo-a n'alma, e n'alma falla.

Adeus, vós todos que eu amo,
Paes, amigos, e parentes;
Ouvi as vozes ardentes
Com que de longe vos chamo.
Objectos dos votos meus
Aguardae-me e orae — Adeus!

Minho — 1847.

XV

CARIDADE E GRATIDÃO

(RECITADA NO THEATRO DE S. CARLOS POR OCCASIÃO DA SOLEMNIDADE EM BENEFICIO DAS FAMILIAS INDIGENTES DO ALGARVE.)

I

Da relva na densa alfombra,
Ao verde abrigo do ulmeiro,
Que sobre inquieto ribeiro
Inclina o mysterio e a sombra,

Flor, que a modestia resume,
Cresce a violeta singela;
E os thesouros só revela
Pelo nativo perfume.

Tal, em segredo, consola,
A virtude bemfazeja,
Que mais perfuma e floreja
No conforto que na esmola;

Tal faz a provida mão,
Que, escondida, sabe ver
Em cada angustia um dever,
Em cada afflicto um irmão.

Este auxilio protector, —
Segundo o sancto preceito, —
Só se sente pelo effeito,
Como pelo aroma a flor.

Mas não basta muitas vezes
Esse ignoto beneficio:
Subir deve o sacrificio
Quando sobem os revezes.

Não brilha só na humildade
Do fraterno amor a idéa;
Não é menor se pompêa
Nas festas da caridade.

Ao mavioso som dos cantos,
Do lustre aos vivos clarões,
Vibram muitos corações,
Muitas mãos enxugam prantos.

Englobam-se aureas parcellas
N'um conjuncto de esplendores...
Como a noite esconde as flores,
O sol esconde as estrellas.

É bello, é nobre, é christão, —
E Deus na terra o abençôa! —
Depôr das artes a c'rôa
Nas aras do coração.

Justifica-se a grandeza,
Sabe melhor a existencia,
Quando o festim da opulencia
Leva um sorriso á pobreza.

Em torno do humilde lar,
Que um grato dom fortalece,
É cada bocca uma prece,
É cada peito um altar.

Qual festa jámais valeu
Applausos taes e taes palmas?
É bastante para as almas,
E dá sobras para o ceo!

II

Em torrentes o ceo, em furia o oceano,
O solo ameaçam na voraz tormenta;
De dia para dia cresce o damno,
De hora em hora uma dôr outra accrescenta.

Convulsa, exhausta, na agonia intensa
A terra treme do diluvio novo;
É mar de vagas a planura immensa,
Rios de pranto os olhos são de um povo.

As ondas bravas, remettendo a pino,
Estalam nos parceis as duras quilhas,
E, na praia alagada, já sem tino,
Alçam as mãos, esposas, mães e filhas.

No alto do monte o lavrador perdido,
Por entre a cerração contempla... e chora!...
Vendo afundir, no campo submergido,
O colmo e o lar, que o turbilhão devora.

O fertil patrimonio, que amou tanto,
Tornou-se um areal, ociosa herdade:
Debalde busca ali sequer um canto
Em que possa abrigar uma saudade.

Troncos lascados, confundidos tectos,
Toldam lagos, que foram já campinas;
E o vendaval, que varre os mil objectos,
Co'as ruinas faz inda outras ruinas.

O remedio, as esp'ranças, os suores,
Tudo vai na maré que os plainos cobre:
Um mal faz antever males maiores;
O pobre não tem pão, o rico é pobre!

As cidades vacillam delirantes
Nas raizes de pedra sacudidas;
Corre a turba a implorar, com ais cortantes,
Soccorro ás almas, inda mais que ás vidas.

Para remate d'este quadro infando,
Livido espectro, que se abraça á fome,
Colhendo o que a miseria andou lavrando,
Percorre os povos que entre luctos some.

Inteira uma provincia devastada,
Quasi sem voz, e quasi já sem norte,
De tantos infortunios aterrada,
Por extremo favor espera a morte....

III

Não irmãos! Irmãos contaes!
Tende fé na vossa estrella:
Segue a bonança á procella,
E o conforto a lances taes.

Ha corações generosos!
Quando lagrimas sentidas
Deslisam d'olhos formosos,
São em per'las convertidas.

Na beneficente alliança,
Como a pomba da arca antiga,
Santa Providencia amiga
Vos leva o ramo da esp'rança.

Quanto mais se exalta o mal,
Mais se exalta o sentimento:
Soando a voz fraternal
Ninguem falta ao chamamento.

Além dos extensos mares,
O amor de patria é fecundo;
Não esquece o novo mundo,
Na angustia, os paternos lares.

Aqui, por mãos melindrósas,
Sempre abertas á desdita,
Mostram as almas piedosas
A caridade infinita.

Honra pois, honra e louvor
A quem sabe, docemente,
O leito nu do indigente
Doirar de um raio de amor!

Fallou singela a verdade
Em nome de um povo irmão:
É tributo á caridade
Pela voz da gratidão.

1856.



XVI

N'UM ALBUM.

Qualquer pagina d'um album,
Como um dia na existencia,
Ou é rapida impressão,
Ou hypocrita apparencia.

Se é banal, provoca o tedio;
Causa riso, se affectada: —
Corto a duvida traçando
Uma memoria, e mais nada.

Mas que memoria? Não sei.
Triste? Fôra profanal-a.
Festiva? É rara a que tenho.
De affecto? É melhor guardal-a.

Creio pouco, em meu conceito,
No que, de mais prompto e franco,
Abre e entorna o coração
Na primeira folha em branco.

Antes em branco deixal-a
(E ninguem de tal se enfade)
Do que tornal-a em vulgar
Epitaphio da verdade.

Nada val? Podem volvel-a,
Ou cortal-a; e, desprendida,
Ficará... o que são tantas...
Mais uma folha cahida!

Cahida a vereis fugindo,
Em turbilhão vagabundo,
Pela veia tenebrosa
Do esquecimento profundo,

Como da rosa silvestre,
Á sombra espessa do matto,
Foge a folha desmaiada
Sobre a lympha do regato.

XVII

A FESTA DE CORPO DE DEUS NA ALDÊA.

(VERTIDO DO FRANCEZ.)

I

Já de Cancer ardente
O fecundo calor
Amadurece os trigos,
E vai corar a flor.
Ufana dos seus dons,
Risonha a natureza
Reveste, em vindo a aurora,
As galas da belleza.
O estio, no seu throno,
Como em côrte, irradia
As pompas, ostentando
O fogo e a luz do dia.

5

No campo afortunado,
Que rescende fragrancias,
Indica tudo jubilos,
Tudo afiança abundancias.
Esp'rançado o cultor,
N'estes dias sem veos,
De amor um canto grato
Eleva para os ceos.
O pio, sancto rito
Enflora a fronte á grey,
Que vai a sua off'renda
Levar do mundo ao rei!

II

Distante das cidades, —
Em paz vivendo occulto, —
Que encantos me não deu
Este sereno culto!
O sitio o mesmo é inda,
A mesma a gratidão,
E, bemfeitor, o ceo
Inspira o coração.
Os votos são mais puros,
Revelam mais candor;
E quanto o peito sente
A bocca diz melhor!

O quadro deleitoso
Da festa campezina
Parecé que inda agora
Os olhos me illumina.
Revejo o adro, e o templo,
E a cruz da minha aldêa:
Sob os pinceis despontam
A imagem mais a idéa.

III

Brilhante o astro do dia,
Seguia o curso ardente,
Jorrando nas encostas
A luz, como em torrente,
Por ceo de anil vibrando
Os raios inflammados!

Junto ao portal, e em roda
Das campas dos passados,
Que, despojando o lucto,
Vestidas de verdura,
Mostravam côr d'esp'rança
Das relvas na espessura,
O povo se ajuntava
Em grupos dividido.

Como elle, em seu transporte,
No dia appetecido,
Revê o antigo rito
D'estas festas pomposas,
Que loucos proscreveram
Por leis abominosas!
Como, aspirando unanime
Contentamento e amor,
Affectuosa a turba
Acolhe o seu pastor!

E o bom pastor reveste
O sacro paramento,
Que tanto abandonara
Culposo esquecimento.

Qual, da morte surgindo,
Feliz convalescente
A' natureza lança,

Grato, o olhar complacente;
Tal o ancião venturoso,
Volvendo á patria e á vida,
Ao jubilo descerra
Sua alma enternecida.

Em tempos dolorosos
De insanias e de guerras,
Dez annos amargara
Por estrangeiras terras.
Foi esta a recompensa
Do seu fervor constante,
Quando apenas pedia,
No desterro incessante;
O templo, em que do Eterno
Cantara os beneficios,
E onde expozera o verbo,
Despido de artificios;
O jardim, que plantara;
E os amigos da infancia;
E o simples presbyterio,
E a modesta abundancia!

Emfim torna a ver tudo
Quanto assim desejara!
Benigno, já se esquece
Dos transes que passara;
E, posto que a fortuna
Lhe provasse o rigor,
Ainda o pão dos pobres
Amassa com fervor.

IV

O bronze sonoroso,
Nos ares já vibrado,

Adverte da partida
O instante desejado.
Encaminha-se a aldêa
Em filas alternadas,
Sem se ornar das cidades
Co'as pompas falseadas.
Brocados preciosos
Ali não se mostravam;
Lavor e pedrarias
Aos olhos não brilhavam;
Mortos ramos inodoros
De ficticia belleza
O altar não desluziam
Ao Deus da natureza;
O orgulho dos potentes,
Sequioso de offuscar,
Não vinha ali do luxo
O esplendor ostentar.

Quanto eu lhe avantajava
Da pobre aldêa a festa,
Desenfeitada e rustica,
Mas simples e modesta!

De vêl-a se enternece
Alma que sabe amar!

Primeiro, os lavradores,
Os anciãos do Logar, —
Cuja fronte, severa,
Despiram sãos cuidados, —
Em grupo caminhavam
Nas rezas enlevados.

O sequito piedoso,
Não longe, em procissão
Seguia, precedido

Do sagrado pendão,
Depressa as ramas densas
De sombra vem cobril-o;
Que em deveza profunda,
Saudoso e fresco asylo,
A turba se apertava
Em honra do seu Deus,
De canticos sentidos,
Enchendo terra e ceos.

Do Rei dos reis diante,
Sob as verdes arcadas,
As campestres donzellas
Das rosas desfolhadas
As petalas, no solo,
Profusas, espalhavam,
Mesclando o seu perfume
Ao que ellas exhalavam;

O incenso, que Sabah
Outr'ora fez potente,
Em rolos odoriferos
Subia docemente,
E em vaporosa nuvem
Sobre os prados pairava.

Ás vozes dos anciãos
O canto se juntava.

Enamoravam aves
O rustico thesouro;
E os portaes inflammava
Do seu palacio de ouro
O sol, já coroado
De mais amplo esplendor,
Nas arvores copadas
Detendo o seu ardor!

V

E eu folgava revendo
Da aldêa a turba amiga
Das selvas no mysterio,
Como na edade antiga,
A celebrar o Eterno
Em seus cantos sinceros!

Ao Senhor não pediam
Esses homens austeros
Nem brilho de palacios,
Nem luxo das cidades,
Nem fama de deleites,
Nem fumo de vaidades.

Diziam:—«Prosperae-nos
«Nossos trigos e gados!
«Que um dia os filhos nossos,
«Em torno congregados,
«O nosso hynverno de annos
«Ao sol dos seus aqueçam;
«E nunca os seus destinos
«Tristes prantos nos peçam.
«Por indole singelos,
«E por amor ditosos,
«Que presem, sempre unidos,
«Estes campos formosos!»

Depois, a pompa sancta
Da alegre procissão
Percorre a aldêa humilde,
Inspira a devoção.

VI

Que maviosas scenas
Aos olhos se offerecem!

Alguns velhos, enfermos,
Que os annos entorpecem,
Vem adorar a Deus
Das choupanas ás portas,
Da mocidade as forças
Deplorando já mortas.

Oh! velhos, consolae-vos
Vendo o solo medrado
Pelo braço, que pende
De ser util cançado!

O genio que á crueza
Antepunha a clemencia,
A desgraça acolhendo,
Ajudando a indigencia,
Do angelico refugio
Vos promette a doçura...
Não tendes pois ahi
A imagem da ventura?

Filhos e netos vendo-vos
Por vós o ceo imploram,
E de afagosos risos
Vossa velhice enfloram.

Á volta do festejo,
Mal a calma declina,
Quando o horisonte claro
Dá saudade á campina,
E, posto o rubro manto,
Da sombra precursor,
Quando, impellindo as auras,
Ás selvas dá rumor,
Irão todos contentes,
Ao vosso humilde lar,
Do filial affecto

As delicias provar;
E, por vós presidido
O folgado serão,
Remoçará prazeres
Ao senil coração.
Dos velhos patriarchas,
N'estes dias amenos,
Jurareis que volveram
Os jubilos serenos!...

VII

Ai! deixo-vos. Á festa
Me torno commovido.

Rude, coberto de hera
Da edade carcomido,
Venerando um carvalho
Amplo espaço sombrêa:
Ali, rompendo a aurora,
As donzellas da aldêa
A' sombra levantaram
Um throno de verdura:
O musgo, em festões longos,
Lhe forma a bordadura;
Os lyrios, dos dois lados,
O estrellam de alva côr;
E a rosa ostenta em feixes
Rutilante o frescor.

Aquelle solio ingenuo,
Pela innocencia ornado,
Do Senhor ao descanço
Estava destinado.

VIII

De taes sitios o aspecto,
De tal scena a ternura,
O espirito me enleva
Na paz mais sancta e pura.
Como que o pensamento
Em si mesmo se encerra,
E para melhor mundo
Se afasta emfim da terra.

IX

Mudez solemne ao ermo
Fazendo já quebrar,
O povo, lentamente,
Cercou o agreste altar!
Com que sancto respeito
Da aldêa o bom pastor,
Sósinho, e atravessando
O solo todo em flor,
O Rei dos reis, que leva
Na hostia sacrosancta,
Ante o povo, prostrado,
Reverente levanta!

Sincera a turba inteira,
Curvada a fronte á crença,
Do universal monarcha
Adorou a presença;
E cada qual julgava,
No ardor da devoção,
Que o seu Deus lhe descia
Ao proprio coração;
Não esse Deus, armado
Do raio vingador,
Que no funesto dia,

No dia do rigor,
Virá, entre coriscos,
Cercando-o o pavor fundo,
Surgir á terra attonita,
Horrorisando o mundo;
Não esse; mas um Deus
Que o seu fulgor tempera,
E como um pae se mostra
A' familia que o espera,
Os males consolando
E dando, ao tormento,
Ao infortunio a esp'rança,
A' dor o esquecimento!

X

Para o antigo recinto,
Que praz á oração,
O povo já dirige
O modesto pendão.

Qual grupo harmonioso,
Que em confusão caminha,
Não longe do cruzeiro
Agora burburinha?

De amor e de respeito
Constante rodeadas,
As mães vejo, da aldêa,
Dos filhos seus ornadas:
Sorri-lhes tudo aos olhos,
N'este alegre momento:
Tem n'elles o alvoroço
Do eterno sentimento.

As donzellas festivas,
D'alvo linho trajadas,

Adornam-se de graças
Que não são estudadas,
E á vista reproduzem
O côro encantador
Dos anjos, enfeitados
De innocencia e de amor.

O Deus seguiam todas,
Que a terra festejava;
Sua voz qual sua alma
O artificio ignorava.
Crente e amante a piedade,
Provocando a ternura,
Por seus labios soltava
Ineffavel doçura.
E os cantos, irrompendo
Nos porticos divinos,
Dissereis que se uniam
Do ceo aos proprios hymnos!

XI

Eis já do templo sancto
O espaço consagrado
Pelo piedoso sequito
Em silencio occupado.
Começa no altar-mór
O augusto sacrificio,
Mysterio, todo amor,
Que torna o ceo propicio,
Que aos proprios mortos presta
Remindo-lhes a pena...

Assim a augusta scena
Deu fim áquella festa!

1854

XVIII

A INFANTE DE GRANADA.

El-rei moiro de Granada
Passou pelo prado um dia:
Era moço, gentil era,
E gentilmente sorria.

Cavallo que elle levava
Aço rijo mal soffria;
Era todo pedras finas
Duro alfange que trazia.

Bordado albornoz trajava,
Luzentes armas vestia:
Do senhoril, regio porte
Captivava a sob'rania.

Tambem lá era no prado,
Linda moça que gemia,
Colhendo penas e flores
N'aquelle chão á porfia:

Eram flores de saudade
As flores que ella colhia;
Eram penas de ser pobre
As penas que ella carpia.

Olhos negros como os d'ella,
Nas Hispanhas não havia;
Nem nos paços de Sevilha,
Nem por toda Andaluzia.

Dos nobres modos que tinha
Namorava a galhardia:
Se não fôra ser vaidosa,
Mais do que um anjo seria.

Como el-rei tão triste a visse
Para o pé d'ella corria;
E, desmontando apressado,
Estes ditos lhe dizia:

— «Porque choraes vós, menina,
«Com tão grande tyrannia?
«A magoa que vos magôa
«Muito maior magoa cria.

«Os vossos prantos, senhora,
«Tem não sei que sympathia;
«Em quanto vós pranteaveis,
«Eu tambem prantos vertia.

«Se algum occulto segredo
«O desejo vos dizia,
«Contae-m'o vós: se o contasseis
«Eu bem prompto o cumpriria.

«Enfeitara-vos de per'las,
«De rubís vos cobriria;
«Miramolins coroados
«Por escravos vos daria.

«Não ha em terras de crentes,
«Quem me não tome por guia;
«Nem cavalleiro tampouco
«De maior cavallaria.

«Dez imperios... e este alfange
«A vos os pés eu poria.
«Que mulher, que hurí celeste
«Invejar-vos não havia?

«Vinde comigo, senhora,
«Quero dar-vos a alegria;
«Quero cumprir vos á risca
«Palavras que vos dizia.

«Vinde, sere's nobre infante
«De mui nobre senhoria,
«E quem sabe...»
A gentil moça
Já não chorava, já ria!...

El-rei moiro de Granada,
Mal um mez corrido havia,
Da pobre moça na fronte
Real corôa cingia.



XIX

CHROMIS E LYCHERA.

IDYLIO.

(IMITAÇÃO DO ANTIGO.)

LYCHERA.

— Moço Chromis, vem depressa;
Tenho-te amor, e sou bella:
Alva sou como Diana,
E sou ligeira como ella;

Sou como ella altiva e forte;
E os pastores, ao sol posto,
Quando passo junto d'elles
Sem volver sequer o rosto,

Duvidam se é de mortal
A minha presença airosa,
E, alongando os olhos, dizem:
—«Ai! Venus! Como é formosa!»

CHROMIS.

Esses penhascos, Lychera,
Por que hasde tu habitar?
Não vou, que em zelos me accendo;
Tenho ciumes do mar.

Vem tu. As selvas tem colmos
De solidão deleitosa:
A' rosa dá sombra a murta,
Ao musgo dá sombra a rosa.

Lychera, não te mergulhes
N'esse inconstante cristal:
Que sejas deusa receio,
Receio o ser eu mortal.

Temo que os nautas invoquem
Na tormenta que os espera,
A Galathéa divina...
Ou a divina Lychera!

1854

XX

AS LADAINHAS DE MAIO.

(VERTIDO DO FRANCEZ.)

I

Torna emfim a saudar-se,
Na estação deleitosa,
Esta solemnidade,
Tão grata e jubilosa;
N'ella a religião
Co'a piedade christan,
Ajuda das aldêas
O trabalhoso afan.

Dès que Maio floresce,
As turbas campesinas
As longas procissões
Começam nas campinas.

II

Mal o nuncio da aurora,
O cantor do casal,
Nos pateos, arrogante,
Da festa dá signal,
Logo, a rustica turba,
Em varia caravana,
Deserta do palacio,
Deserta da choupana.

III

Ao portico da egreja
O povo está grupado,
Estendendo-se em filas,
D'um lado e d'outro lado.

Eil-o já do Logar
O cura respeitavel,
D'este rebanho amado
Pastor recommendavel.
Elle mesmo ha traçado
De tal dia o prazer;
O caminho, os descanços,
O partir, o volver.

IV

Lá vão. O brando sopro
Da flórida estação
Ondêa as ricas pregas
Do esplendido pendão.
Segue-lhe a cruz de prata,
E, com maior cuidado,
O sancto padroeiro
No seu andor doirado;

Apostolo ou pontifice,
Ou martyr animoso,
Os hombros vergam curvos
Ao peso precioso.

Os seus alvos roquetes,
Suas vestes de linho,
Faz voltear a aragem,
Em dobras, no caminho;
Ricas fachas de seda,
E o manto recamado,
Em desusada pompa
Mostra ao surpreso prado.

Da christan lithurgia
O culto apparatoso
Mais bello praz, ao sol
De um dia luminoso.

V

O guia da oração,
Alma e orgulho da festa,
O ministro sagrado,
Caminha e brilha á testa;
Murmura o breviario,
Ou, a voz alteando,
Os hymnos e os responsos
Solemne vai cantando.

E cada qual anima
O sancto itinerario!

Qual nas devotas mãos
Voltêa o seu rosario!

Qual das pendentes contas
Corre cada mysterio!
Qual, invocando os sanctos
Do angelical imperio,
Para alcançar dos ceos
Mais graça, maior bem,
Esgota os nomes todos
Que antiga lenda tem!
Qual, no piedoso accesso
D'um fervor sem egual,
Recita os sacros psalmos
Do propheta real!

VI

Os hymnos e orações
Lá se vão, confundidos,
Pelas brenhas loquazes
Da encosta repetidos,
E pelos eccos longos
Das selvas e fraguedos,
Que as vozes lhes susurram
No desvão dos rochedos.

A madre-silva em flor
Perfuma-lhes a estrada;
Contorna-lh'a, fronteira,
Do rio a veia amada;
Ás pétalas, em nuvens,
Do arbusto vem ao chão,
E o pé, quando deslisa
N'este humido torrão,
Faz de aljofares liquidos
Orvalhosa aspersão.

VII

As mattas e silvados
Passando, vão ávante
Do prado vicejante;
E logo ao cimo galgam
D'um pampanoso oiteiro,
Que, além já do ribeiro,
Parece que domina
Pomares e campina.

Ali, o homem de Deus
As mãos, que espargem benção,
Levanta pio aos ceos,
Rogando, em sancta lide,
O auxilio do Senhor
Que a dura mingoa afasta,
Para a afolhada vide,
Para a seara basta
E para o fructo em flor.

Qual a fresca orvalhada,
Fecunda, á madrugada,
Os torrões sequiosos,
As relvas do pascido,
Os pomos saborosos
E o trigo mal nascido;
Tal desce aquella benção
Afiançando a abundancia
A toda a agreste estancia.

O campo, o valle e a selva
Rescendem mais fragancia;
Enverdece a folhagem;
E desabrocha a flor;
E eccôa em toda a parte
Um cantico de amor.

Diante, em roda, tudo
Parece respirar:
Anima-os a esperança,
Que a prece faz esp'rar.
Alegre a confiança
Lhes paira sobre as terras,
No ambito dos valles,
E na enfésta das serras.

Se encontram no caminho,
Sob o carvalho e ulmeiro,
Nos ermos da campina,
Da aldêa o padroeiro...
Os passos seus suspendem,
E o simulachro antigo
Recebe um voto ingenuo
E um hymno, ao seu abrigo.

VIII

Chegando a noite, volvem,
E, até que o sol rebenta,
Com sonhos fortunosos
O somno os acalenta.
Feliz a phantasia
Lhes acogula, inteiros,
Co'a vindima os lagares,
Com o grão os celeiros.
Calcando, até á aurora,
N'estas visões amigas,
Bastos colchões de flores,
E almofadas de espigas,
Os fructos julgam ter,
E os feixes proveitosos;
E gosam dos thesouros
Que pedem pressurosos.

IX

Risonha, minha aldêa,
Morada venturosa,
Rever-te julgo ainda
N'essa festa formosa,
Em que eu, todo soberbo
De entrar na procissão,
Creança me juntava
Ás mais da povoação!

Ha quanto tempo, ai! quanto
Estes quadros não vejo,
Baldando o meu desejo!...

O rosto volto, em pranto
Que provoca a saudade,
Áquella tenra edade;
E cresce, na candura
D'esta infantil historia,
Co'a saudade a memoria,
Co'a memoria a ternura!

1854

XXI

NO ALTO DA AJUDA!

Nas orlas do Occidente
O sol se inclina ao mar;
Um raio do Poente
Me vem aos pés vibrar;
E, como seu tropheo,
No horisonte doirado,
De purpura tarjado, esplende o ceo!

Ao longe ruge o oceano;
Rescende ao perto a flor;
Além o pégo insano;
Aqui um casto amor:
A imagem do poder
E da belleza a imagem,
De um Deus alta mensagem, mandam crer.

Os olhos á memoria
Recordam quanto foi;
Uma folha da historia,
O rastro d'um heroe:
A praia corre além,
Que outr'ora era o Restello,
E, por devoto zelo, hoje é Belem!

D'ali partira o Gama,
E os nautas seus rivaes,
Levando a nossa fama
Ás terras orientaes;
Ali, por mãos da grey,
Surgiu o padrão novo,
Que erguera a um grande povo um grande rei.

Ao pio monumento
Os feros galeões
Traziam, por cimento,
As páreas das nações;
No rendado portal,
Que o tempo não consome,
Inteiro diz seu nome Portugal.

Mais longe, sentinellas
Perdidas entre as vagas,
As torres, sobre as fragas,
Competem co'as estrellas;
E o rotante pharol,
Ao navegante incerto,
Das aguas no deserto, suppre o sol.

Ao lado meu se altêa,
Em parte, o regio paço,
Que, dominando o espaço,
O oiteiro senhorêa.
Fugir vejo a meus pés
O rio, que murmura,
Como foge á ternura a timidez.

A vela, que a bonança
Conduz no azul do Tejo,
Parece uma esperança
Vogando n'um desejo;
Este aspecto me faz
Saudades do infinito,
Que n'elle vejo escripto affecto e paz.

Silencio é tudo em roda!
Calou-se a terra e o mar!
A natureza toda
Parece repousar.
Direis que vem dos ceos
A doce viração
Fallar ao coração de amor e Deus!

Sumiu-se o astro do dia
N'um pego de rubi,
Deixando apoz de si
Casta a melancholia;
E o pallido luar,
No raio, que desata,
Faz um lago de prata scintillar.

O sitio, a occasião
Mergulha o pensamento
No azul do firmamento,
Do oceano na amplidão;
E o pensamento já,
No infinito, em que crê,
A pura imagem vê que n'alma está.

XXII

PERIPECIAS.

Que linda estavas, dizendo
Quanto occulto n'alma tinhas,
Toda vibrando e tremendo,
As tuas mãos entre as minhas,
Convulsas, em febre ardendo!

Como te affrontava a côr
O afogueado semblante,
Rubra nuvem do pudor
Que reflectia brilhante
O vivo incendio de amor!

Os olhos volvias lentos;
Arfava-te anciado o seio:
Baralhando os pensamentos,
No silencio d'esse enleio
Eram as horas momentos!

Quem diria que, tão breve
D'essas horas esquecida,
Alma inquieta, affecto leve,
Ultrajarias na vida
O que á vida mais se deve!

Aquelle rubor ficticio
Purpura foi de irrisão,
Com que, por maior flagicio,
Me vestiste o coração
Das insignias do supplicio.

A palavra, eil-a baldada!
Foi a promessa motejo!
O mesmo pudor cilada!
O sentimento desejo!
Vão o espirito! O amor nada!

De que te assombras tu logo
Se, em colerica paixão,
Justamente desafogo?
Tem queimores a traição,
E um fogo ateia outro fogo.

Pintaste chammas fingidas;
Este doe porque é sincero:
As tuas juras mentidas
Com elle reduzir quero
A vis cinzas espargidas.

Tornaste-me a crença pura
N'estes raios de vingança;
E, com crueza tão dura,
Que até me queimaste a esp'rança
Sobre os restos da ventura!

1856

XXIII

ADEUS A LISBOA!

(CANÇÃO DE DESPEDIDA, ESCRIPTA PARA A INSIGNE ACTRIZ SANNAZARO.)

I

Adeus, formosa cidade,
Adeus, amavel nação:
Levo de vós a saudade,
Em vós deixo o coração.
Este sol que a mente inflamma
Me inflamma as gratas canções. . ,
Adeus, herdeiros do Gama,
Adeus, filhos de Camões.

Ai! terra de gloria, bemdicta dos ceos,
Adeus, Lisboa, adeus!

II

Terra de amor e poesia,
Terra de gloria e de amor,
Sultana do Meio-dia,
E da Peninsula a flor,
És na belleza uma dama
És um varão nas acções...
Adeus, herdeiros do Gama,
Adeus, filhos de Camões.

Ai! terra de gloria, bemdicta dos ceos,
Adeus, Lisboa, adeus!

III

Beijo os louros, que na frente
A tua mão me poisou:
Dal-os pode quem no Oriente
Tão bastos louros ceifou.
Fez-te grande e nobre a fama,
Nobre acclamam-te as nações...
Adeus, herdeiros do Gama,
Adeus, filhos de Camões.

Ai! terra de gloria, bemdicta dos ceos,
Adeus, Lisboa, adeus!

IV

Guerreira, fixas teus lares
Ás moiras portas de Fez;
Nauta, ondêas em cem mares
O pavilhão portuguez.
Do alto genio a viva chamma
Arde em tuas tradições...
Adeus, herdeiros do Gama,
Adeus, filhos de Camões!

Ai! terra de gloria, bemdicta dos ceos,
Adeus, Lisboa, adeus!

V

Mollemente reclinada
Nos floridos laranjaes,
Fronte d'astros esmaltada,
Pés banhando-se em cristaes,
Lisboa, só te não ama
Quem te ignora as perfeições...
Adeus, herdeiros do Gama,
Adeus patria de Camões.

Ai! terra de gloria, bemdicta dos ceos,
Adeus, Lisboa, adeus!

185..



XXIV

ALTA NOITE.

Já todas declinam
As lépidas galas,
Ornato das festas,
Orgulho das salas.

Anceia anhelante
O baile a findar,
E os ramos nos seios
Vão-se a desfolhar.

A célere walsa
Gyra em turbilhão;
Trêfego voltêa
Lesto cotilhão.

Alta vae a noite,
Alto o luar vae,
Na vidraça, aos beijos,
Desmaiado cae.

Mudos se namoram
Terra e ceos, lá fora;
E em delirio, aqui,
Vôa a instavel hora.

Mas horas que importam
Se o prazer, sem medo,
Entre os raros grupos
Folga em mais segredo?

Se é mais branda a voz,
E faz dardejar
Desbotado o rosto
Mais ardente o olhar?

Se as faces e as flores
Parece que imploram,
E mais ternas pendem
Quanto mais descoram?

Que importa, se, ao cabo,
Um enlevo fundo
Une o par, que esquece
O resto do mundo?

. . . .

Se as grinaldas tombam,
Se os setins estalam...
Quem repara n'isso
Quando as almas fallam?

1856

XXV

COMPARAÇÃO.

Das sombras humidas mal se ergue a aurora,
Que as faces cora d'oriental matiz,
Cingindo aljofares, todo esmaltado
Resurge o prado, e o novo sol bemdiz.

É que acha estimulos todo o vivente,
Tudo o que sente, coração ou flor,
E os raios languidos, insinuantes
Vão, penetrantes, acordar o amor!

Eis volta rapida do hynverno a neve
Fazendo, em breve, tal ardor minguar;
E a flor inanime desbota ao frio. . .
Mas teve estio: póde um dia amar!

1855

XXVI

RECORDAÇÃO.

Quando os meus quinze contei,
Um tio velho que eu tinha —
Que inda choro e chorarei,
Toda inteira a vida minha! —
Disse-me um dia:
—«Olhe cá;
«Está quasi um homem já:
«Para que por tal o tomem,
«Quero fazer-lhe um presente,
«Com que um homem...
«Com que um homem se apresente.»

Julguei, n'esta oração toda,
Que o tal *quasi* sobejava,
E sondei o beiço em roda
A ver se o buço apontava.
Estranhara o tractamento!
E o programma, que um portento
No tom me estava a indicar,
Fez-me, logo á introducção,
Palpitar. . .
Palpitar o coração!

Fiquei-me desvanecido,
E, aprumando-me vaidoso,
Ouvi, meio distrahido,
Entre ufano e curioso,
O longo fim do sermão.
O bom de meu tio então,
Acções junctando a promessas,
Deu-me, para meu thesouro,
Duas péças. . .
Duas peças novas de ouro.

Esquecendo a gravidade,
E o valor que este incidente
Outorgara á minha edade,
Dei dois pulos de contente.
As peças mirei de perto;
E não trocava de certo,
Desdenhando regias sihas,
O meu erario infantil
Pelas minas. . .
Pelas minas do Brazil!

A scismar no que faria
De tão grosso cabedal,
Passei o resto do dia,
E de noite dormi mal;
No meu somno, a cada instante,
Via um grupo fulgurante
De effigies taes, que não sei
Quem as tivera inventado;
E sonhei...
E sonhei que era morgado;

Apenas rompeu a aurora,
Posto a pé antes do sol,
Quiz tomar, por ali fora,
Os meus desejos a rol.
Ai! que diversos e quantos!
Eram tantos, tantos, tantos,
Que lhes não achava o fim,
O mundo tinha um defeito
Para mim;
Para mim era inda estreito.

Meditava seriamente
Se faria a acquisição
D'um relojo com corrente,
Ou d'um cavallo rabão.
Como escolhesse o cavallo,
Entrei logo a ajaezal-o.
Mas... mas o relojo!... Aqui,
Pensando com mais estudo,
Resolvi...
Resolvi-me a comprar tudo!

Era no campo. Ao sol posto,—
Já fresca, outoniça aragem
De um dia depois de Agosto
Ciciava entre a folhagem,—
Fui ao moinho do oiteiro,
Onde o Domingos moleiro,
Porque ás vezes me deixara
Trotar do seu macho em cima,
Conquistara...
Conquistara a minha estima.

De o deslumbrar de apparatos
A pia tenção levava;
Mas fui achal-o nos tratos
D'uma terçan que o prostrava.
Cessara o motim festivo:
Solitario e semi-vivo,
Jazia o triste no chão,
Com as faces amarellas
N'um montão...
No montão das rotas velas!

Chamei-o: nem respondia!
Busquei: tudo lhe faltava!
Quando eu afflicto saía,
A pobre moleira entrava.
Vinha de lidar chorando,
Negro pão de dois penando!...
Em tal desarrimo e dôr,
Tirando a peça primeira,
Fui-lh'a pôr...
Fui-lh'a pôr á cabeceira.

Que nunca ninguem se esqueça
Da alheia tribulação!
Tinha saudades da peça,
Mas tinha orgulho da acção!
Ficara aos sonhos metade
Entre os braços da piedade.
Pago e ufano como um rei, —
Bem que no caso a scismar, —
Caminhei...
Caminhei para o Logar.

Um pardieiro, entre rosas,
Havia do Povo á entrada,
Juncto ás ruinas musgosas
D'uma ermida derrocada.
Vivia n'esta casinha
A tia Anna, — uma velhinha
Que sabia muita historia,
E m'as contava ao serão,
Co'a memoria...
Co'a memoria da affeição.

Em versos, um tanto baldos,
Modulava-me ella ainda
As trovas de *D. Reinaldos*,
E o romance da *Florinda*.
Fugia a noite apressada
Ao sabor d'essa toada,
Em tão suspenso escutar
Que o meu sentido primeiro
Foi chegar...
Foi chegar a cavalleiro.

Uma vaquinha leiteira,
Alvas malhas, pello nedio,
Era a sua companheira,
E tambem o seu remedio.
Conhecia-lhe a canção,
E vinha comer-lhe á mão,
Quando não pascia á porta.
Chego, e a falla me abandona!...
Vejo-a morta...
Vejo-a morta aos pés da dona!

Dera-lhe o mal de repente;
Para morrer ali fóra!
Meigo o olhar intelligente
Inda carinhos implora!...
A pobre velha — coitada!—
Sem voz, tremula e parada,
Olhava, olhava tambem,
Como quem, na dôr que encerra,
Mais não tem...
Mais não tem que ver na terra.

Nada disse. Que diria?
Ha desgraças tão completas
Que da propria sympathia
São as vozes indiscretas.
A velha não se moveu...
E chorava!... E chorei eu!...
Que havia determinar,
Em miseria tão expressa,
Senão dar...
Senão dar-lhe a outra peça?

Puz-lh'a, mudo, no regaço;
E volvi a passos lentos,
Apagando, n'um só traço,
Desejos com sentimentos!
Senti o fausto perdido:
Mas não foi de arrependido!...
Dissipada já deixava
A phantastica opulencia;
Mas levava...
Mas levava a consciencia!

1857

XXVII

CONTEMPLAÇÃO.

Estava a donzella pallida,
Já noite, no seu eirado;
Á grade o braço encostado,
Encostada a face á mão.
  Alvo rosto melancholico
Leves anneis lhe afagavam,
Que travessos volteavam
A sabor da viração.

  Eram loiros, quasi fùlgidos,
Descendo como em delirio
Sobre um cello, de que o lirio
Fôra vencido rival.
  Crereis ver doidas caricias
Do amoroso sol de Maio,
Quando vibra o fulvo raio
Sobre o jaspe, e o faz cristal.

Longos festões odoríferos
Lhe serviam de moldura,
Toda estrellando a verdura
O perfumado jasmim.
Como requestando-a sùpplices
Tinha aos pés, sob as janellas,
Menos alvas, menos bellas,
As camelias do jardim

Arfava-lhe o seio tùmido,
Prisioneiro impaciente,
Como o anhélito fremente
Das curvas ondas do mar.
De sedas airoso carcere,
Claustro pudico e discreto
De thesouros, e de affecto,
Rangia, quasi a estalar.

«Porque a vista fitas cùpida
«No pallor da argentea lua?
«Contemplas a patria tua
«Na etherea amplidão dos ceos?
«Namoras acaso, èxtatica,
«As estrellas rutillantes?
«Ou miras, d'olhos radiantes,
«N'esse azul o azul dos teus?

«Que secretos votos férvidos,
«Por esses olhos impelles
«Para os astros, irmãos d'elles,
«Invejosos bem que irmãos?
«Não tens tu, em serie esplendida,
«Longa e nunca interrompida,
«Cheia de flores a vida,
«De flores cheias as mãos?

«Que te falta para os jubilos?
«Porque um ai, quasi um lamento,
«Te enleia a cada momento,
«E suspiras tanta vez?
«Porque te pende uma lagrima,
«Que na palpebra scintilla,
«E te humedece a pupilla
«Essa ignota languidez?

«Porque assim te enlevàs tùrbida
«N'um sonhado paraiso,
«E te desmaia o sorriso
«Sobre os labios inda em flor?...
«Não peças aos mudos extasis
«O segredo d'esse abalo:
«Se queres sincera achal-o,
»Menina, chama-se — amor!

1857

XXVIII

ASPIRAÇÃO.

I

Ás longas orlas das soidões umbrosas
Já se debruça a madresilva em flor;
E em leves flócos, de jucundo albor,
Touca de neve os espinhaes de rosas.

O enxame zumbe, preparando o mel,
De um lado a outro, pela sébe viva;
E a azul campânula, espreitando esquiva,
Sorri na valla do feraz vergel.

Rubra a papoila, o malmequer doirado
Dão á campina festival matiz:
«Enlevo e amor» a primavera diz
Vestindo a selva, atapetando o prado.

Além das serras já se inclina o sol,
Como nas pompas d'um cortejo humano;
A' linha escura de distante oceano
Baixa, soberbo, universal pharol.

Da ermida os vidros, esplendor da aldêa,
Torrentes d'oiro vão jorrando ao ar,
Emquanto, ao longe, do modesto lar
Fumosa spira no casal voltêa.

Que sombras vastas! Que profusa luz!
Que vario quadro! Que aprazivel scena!
A sancta paz da natureza amena
A amar e crer, a meditar induz.

II

No fundo trilho da vereda agreste
Vae a donzella, em cautelosa acção,
Prompta a afastar, com previdente mão,
A çarça brava, que a balseira veste.

Ampara os passos d'uma curva ancian
Com braço firme, levantada a fronte,
Qual se levanta, rubescendo o monte,
Em poz da noite virginal manhan.

Contempla a velha a companheira linda
E pára, a espaços, para mais a ver;
Sorri-lhe um raio de fugaz prazer,
O derradeiro que lhe é dado ainda.

Que verde affecto no pendor senil!
A tanto hynverno que amorosa lida!
Dissereis ver-se, para os ceos erguida,
Viçando em gelos uma flor de Abril.

Com mil extremos a donzella a tracta,
E a velha exulta, porque é sua avó:
Com mais dois traços que eu ajunte só,
Tereis da neta a descripção exacta.

Cendradas tranças, d'uma rosa a côr,
Bocca purpùrea, que invejavam damas,
E uns olhos claros, de tão densas ramas,
Que á sombra d'ellas se emboscava amor!

III

Que moço esbelto de paixão se inflamma
Pendendo o rosto para a ver assim?
Era o fidalgo do solar de Alvim
Morgado, e conde, e caçador de fama.

Sobe a donzella pela encosta além;
E o moço absorto a remiral-a mudo!
Perdido e attonito, esquecendo tudo,
Suspeita apenas o que n'alma tem.

Ao fim de uns tempos, como a visse á porta,
No cego empenho de a mover com dons,
Assim lhe diz, em comprimidos sons,
Tomada a falla do tremor que a corta:

—«É bella, eu rico: aproveitando a sorte
«Desfructe os dias, que lhe vão sorrir;
«Que eu dar-lhe quero, se me quer seguir,
«Setins, e joias, e alfayal-a á côrte...»

Suspenso fica, sem poder findar,
Porque a donzella, de vergonha oppressa,
Lhe torna altiva:
—«Quanto disse esqueça:
«Amor só juro nos degraus do altar.»

Sem mais palavra, da lição corrido,
Foi-se o mancebo, nunca mais voltou;
Louco antepondo, porque o mal buscou,
Ser nobre inutil a ser bom marido.

IV

Passara um anno. D'entre um plumbeo ceo,
Involta em nevoas, mal assoma a lua.
Do cemiterio sobre a terra nua
Quem dobra o joelho? porque um beijo deu?—

Beijo dos mortos, nunca em flor mais pura
Bebeste o orvalho de oração christan!—
Era a donzella, que saudava a ancian
Adormecida sob a loisa escura.

Eil-a prostrada, mais formosa orando,
Límpido aljôfar o que foi rubor,
Triste e pendida, como um anjo em dôr,
Que baixa á terra, só de quando em quando.

Não faz lembrar, na cerração da estancia,
Pallida estrella que nas sombras luz?
E, aos pés relvosos da lascada cruz,
O gesto e o ar da communhão da infancia?

Chegae-vos perto. Colhereis apoz,—
Thesouros d'alma, pelo solo errantes,—
Dos olhos meigos perennaes diamantes,
Sonoras perlas da argentina voz.

—«Guarda, (dizia) ó minha mãe segúnda,
«Da patria nova, a que ascender te vi,
«A pobre orphan, que te exora aqui...
«Guarda-a do erro, que na terra abunda.

«Lições e exemplos que deixaste herdei,
«Aspiro a ver-te; conserval-os quero;
«Mas só, mas pobre, que sou eu? que espero?
«Que sina tenho? a que porta irei?

«Sobre esta cinza, que te foi já vida,
«O pranto em fio doloroso cae,
«Da campa ao fundo tenho eu fé que vae
«Chamar-te, ó sombra, pelo amor surgida.

—«E vae decerto porque o amor não jaz»
(Exclama um vulto, que a nebrina investe
De traz da sombra d'um lethal cypreste,
Gemendo os eccos na mansão da paz.)

Viril de aspecto, do viver o estio
Na vasta fronte lhe estampara: «amou!»;
Honrado nome por si só ganhou,
O olhar velado lhe esclarece o brio.

«Sobre esta cinza que já vida foi
«(Prosegue attento) lhe direi que, injusta,
«Por mim já sei o que a miseria custa,
«E sei por mim o que a magoa doe.

«Vejo a que aspira. Não lhe dou riqueza.
«Só posso dar-lhe, se o não leva a mal,
«Vontade firme, coração leal,
«E a pura chamma pela estima acceza.

«Consulte o peito; continue a orar;
«Scisme a existencia nos humbraes da morte;
«Se quer depois participar-me a sorte,
«O *sim* lhe peço nos degraus do altar!»

V

Ouvira Deus a aspiração piedosa.
Ao fim do lucto, decorrera um mez,
Rito evangélico, ante as aras, fez
Gentil donzella mais gentil esposa.

Rosal viçoso, em torno á campa, diz
Que a avó repoisa, sem cessar lembrada;
E a nèta linda, sempre amante e amada,
Não foi condessa, mas viveu feliz!

1857

LIVRO II

HARPA

LIVRO II

HARPA

XXIX

O SECULO.

Um seculo potente segue ovante,
Que outro prepara ás gerações futuras:
Parar n'elle é faltar á lei prestante
Que impoz o Creador ás creaturas.

O barbaro poder da força rude
Sepulto jaz nas paginas da historia:
Triumpha nova fé, outra virtude,
Palmas diversas, mais subida gloria.

Domina a idéa! Já não tolda a vista
Das lagrimas e sangue o horror profundo!
Não deixa apoz a sôfrega conquista
Rasto de morte em testamento ao mundo!

Epoca nova o pensamento inspira;
Em cada pagina o vereis radiante:
Nos marmores, nas telas, e na lyra
Do Eterno a dextra repetiu: «ávante!»

1854

XXX

POETA!

Quid dedicatum poscit Apollinem Vates?

I

Ergue, ó genio, essa fronte láureada
Acima das grandezas vans da terra!
Quem não sente não vive: absorve-o o nada.
Vida maior o pensamento encerra!

Mundos de mundos surgirão no espaço,
E, na mente, ó poeta, has-de ajuntal-os:
Como Samuel, estenderás teu braço,
E um gesto bastará para evocal-os.

Ergue, ó poeta, a fronte que se aclara
Da ardente inspiração, raio divino;
Ergue-a, poeta; e deixa a turba ignara
Invejosa sorrir do teu destino!

Ouves? Ouves na sombra murmurando
Celeste voz de etherea melodia?
Cada som n'alma eccôa, doce e brando;
Furta a Deus cada nota uma harmonia.

Ouve-la, meiga, a prantear magoada
Pelas fragas da serra em soledade?
Ouve-la, em furia, rebumbando irada
Na aza negra da negra tempestade?

Não n'a-escutas no humilde cemiterio,
Queixas e ais a misturar co'a aragem?
Não sentes, pelas horas do mysterio,
Como triste suspira entre a ramagem?

Repara. Sae do leito da torrente;
Geme as horas no valle adormecido;
Do arroyo segue a veia mansamente;
Corta a noite n'um languido gemido!...

II

Qual voz é essa, ignota e semiviva,
Tão meiga, tão sentida, tão canora,
Que te enleva, te absorve, e te captiva,
Segredando-te affectos hora a hora?

Qual voz é essa, irresistivel maga,
Que onde a sanha respira acorda amores?
Que atrozes maldições com bençãos paga?
E faz em prantos converter furores?

III

Poeta, desterrou-te Deus no mundo
Para só descrever sua feitura?
Deu-te, parte de si, pensar profundo,
Para entoar só cantos de ternura?

Não: eterno, e potente, e grande, e forte,
Creador do universo e seus portentos,
O sceptro, que avassalla vida e morte,
Deu-t'o, a ti, creador de pensamentos.

Deu-te o engenho; e, com esse dom primeiro,
Deu-te a c'rôa de flores e a de espinhos:
Pôz-te entre o ceo e a terra, medianeiro,
Para os homens guiar em seus caminhos.

Deu-te o futuro, repartiu-te os dias,
Para os gastares, sobranceiro á lucta,
Em carpir fundo, novo Jeremias,
Sobre as ruinas da Syão corrupta.

Se ermando vaes, augusto solitario,
Por que ao duro supplicio te condemnas?
Para fazer, oblato do Calvario,
Do teu martyrio um lenitivo ás penas?

Sim; é. Conduze o amor, manda a piedade
Ao desconforto, que padece ao longe:
Na prece abraça inteira a humanidade,
Qual no cenobio o macerado monge!

Não vives para ti. Entre profanos
O verbo fallas de augural sciencia.
Tens, ó victima, do holocausto os annos
Contados pelos annos da existencia.

Quem d'illusões te faz vulgar escravo
Mente a si, mente a Deus, aos homens mente:
Canta o medroso a simular-se bravo;
Tal esse inverte quanto em si não sente.

IV

Doe na terra uma dôr? Vae tu, poeta,
Levar-lhe logo o balsamo celeste.
Uma vida tocou da vida a meta?
Vae plantar sobre o tumulo um cypreste.

Algum pranto correu? Acolhe-o n'alma!
Alguma flor murchou? Por ella chora!
Algum ente soffreu? Dá-lhe uma palma!
Algum ai se exhalou? O mal minora!

Crava os olhos no ceo; fervido o creio,
Essa augusta missão lá foi tramada.
Tens Deus na mente, e a compaixão no seio?
Ergue, ó poeta, a fronte laureada!

V

E eu fui sentar-me á sombra do arvoredo
Do valle no mais fundo.
Da tarde a viração, como em segredo,
Cantava um hymno ao mundo.
Ido era o sol. No cimo da montanha
Um raio só ficara
Quebrado e rôxo. Em solidão tamanha
Que voz erguer-se ousara?

No loireiro do bosque ave canora
Erma nota soltou.
Chalraram eccos. Era triste a hora
Triste a nota soou.
Porém de fraga em fraga, repetida,
Longe, longe, ascendeu,
E da aragem nas azas conduzida
Se parou, foi no ceo!...

VI

Assim corre, ó poeta, incerto o dia!
        Aqui triste canção;
A cruz além; mais longe a pedra fria
        Em raso, humilde chão!

Mas não cesses, não cales, rei dos hymnos;
        És sempre grande e nobre,
Tu que lês a palavra dos destinos
        N'este ceo que nos cobre.

Vinga-te o tempo. Eterno monumento
        Na gloria principia;
Emquanto esquece o inutil opulento
        Que passa, e dura um dia.

184...

XXXI

O ALMANZOR.

Moiro ás armas que as armas dão brado!
Já, nos campos do claro Xenil,
Todo o crente Islamita esforçado
Chama á gloria o guerreiro anafil.

Moiro parte. O doirado crescente
Vejo, ao longe, no oiteiro a tremer:
O guerreiro anafil estridente
Chama á gloria, arrebata ao prazer.

—«Em paz fica, ó cidade das fontes,
«Ó Granada, princeza entre mil;
«Adeus torres de rubidas fontes
«Fica em paz, minha Alhambra gentil!

«Nos teus gratos jardins, que tamanhas
«Em si contam delicias de amor,
«Guarda, guarda-me, ó flor das Hespanhas,
«Dos teus prados a mais gentil flor.

«Adeus, Zhara, por quem minha lança
«Vou, contente, na guerra hastear:
«Deixa ao menos que eu leve a esperança,
«Já que esta alma não posso levar.

«Vês o alfange do moiro atrevido?
«Vencedor a teus pés o trarei,
«Ou prostrado, mas nunca vencido,
«Pela gloria e por ti morrerei.

«Dá-lhe, ó Zhara, dá-lhe uma lembrança,
«Se não vires o moiro voltar!
«Levar quero uma luz de esperança
«Pois que mais não me é dado levar.

«Zhara, adeus! Que a traição te não tente!
«Ai! se o moiro trahido voltar,
«Do Almanzor a vingança potente
«Ha-de a todos no mundo espantar.

«Já me acena o agareno estandarte...
«Zhara, adeus! Se o teu peito é traidor,
«A ti mesma ha-de ó Zhara espantar-te
«A vingança do moiro Almanzor!»

....

Gentil moiro, o Almanzor destemido
Do combate infeliz não voltou:
Foi no campo o seu voto cumprido
Mas a moira á promessa faltou.

184...

XXXII

Ecoutez, bonnes mères... Je viens vous demander d'être mères suivant les lois de notre nature divine, avec tout l'amour d'une âme appelée a former des âmes.

AIMÉ MARTIN.

Nobres mães, que mostraes orgulhosas
Os filhinhos n'um gesto sem par,
Alto erguei essas frontes formosas!

Com Deus mesmo heis-de vós preparar
O porvir que em silencio germina!

Velae, mães, pela flor pequenina,
Pois á gloria que a patria illumina
Daes a chamma no canto do lar!

1869

XXXIII

Á MEMORIA DE BOSSUET.

ODE

(VERTIDA DOS ESTUDOS POETICOS DE CHENEDOLLÉ.)

Qual Demosthenes, tendo
Athenas por cliente,
Livre e audaz, ao mais cruel monarcha
Vibrou, relampeando, o verbo ardente;
E depois, da vingança
Tirando mais pujança,
D'oiro a c'rôa, seu premio, revocava,
E, opprimindo o rival, dobrada a furia,
Vencedor n'outra arena,
Impavido o prostrava;

Qual, fervendo-lhe a veia
No vigor da expressão,
O orador, entre a turba circumdante,
Ateava a sabor qualquer paixão;
E á Grecia congregada,
Attonita e calada,
Lançava o raio, fulgido e troante,
Alargando os prodigios da sua arte,
Domando quem se oppunha,
Das almas triumphante;

Tal Bossuet vereis,
Em phrases, menos parcas,
Curvar, nuncio do Deus a quem adora,
Co'a palavra sensivel os monarchas!
Mal á sancta cadeira,
Mais pura e verdadeira,
Sobe, esplendente de inspirado ardor,
Cingem-lhe a fronte os loiros da sapiencia,
E o verbo, que domina,
Luz com mais esplendor!

Magnifico e sublime,
Ora, das nobres dores
Mostra o abysmo, onde esteve um throno augusto,
E da Rainha expõe altos terrores;
Ora, os ceos entre-abrindo,
Pinta o Sob'rano Infindo
Impondo aos povos immutaveis leis,
Co'a mão terrivel sacudindo as c'rôas,
Espedaçando os thronos,
E lições dando aos reis!

Mas qual melancolia
Não verte sobre as almas,
Quando, d'ellas tirando amargos prantos,
Orvalha d'Henriqueta (1) as tristes palmas!
Como pinta a princeza,
Na aurora da belleza,
Cortado o fio á mais grandiosa sorte,
Dos pincaros da gloria, que sorria,
Tombando, florescente,
Entre os braços da morte!

Ouvide em seu trovão (2)
Como apouca o poder
Do que pompas julgamos sobre a terra!
Como a luz tenue o fez compadecer
Que ascende ao firmamento!
Seu vasto pensamento
Desce, e assenta-se ao pé das sepulturas,
E ali, no mudo pó, commum sudario,
Com voz terrivel prostra
As soberbas venturas!

Altivo Castelhano,
Fugiste, combatendo
Nos campos de Rocroi [illegible]
O susto ali ficaste [illegible]
Que heroe, [illegible]
No [illegible]
Te rompe [illegible]
E, de tantos guerreiros [illegible]
Apenas [illegible]
De Lens para as campinas?

(1) *Oração funebre* da princeza Henriqueta de França.
(2) Expressão predilecta do proprio Bossuet.

É Condé, que na liça
Enceta taes empresas:
Bossuet lhe descreve o ardor guerreiro
Aos vinte annos c'roado de proezas! (3)
Grave o ardor se inflamma;
D'Enghien ao genio em chamma
Segue o passo mortifero e cruento;
É mais que um quadro, encara-se a peleja,
Da qual, supremo o verbo
Repete o movimento.

Como aguia d'aza immensa,
Os ceos quasi roçando,
Galga de xofre o mais vasto espaço,
Tudo vê, tudo corre, e vae voando;
Tal Bossuet, potente,
Passa e desenha á mente
Memphis, Esparta, Athenas; guia apoz
De seus altos destinos alta a imagem,
Solemne, como os évos,
Como o tempo, veloz.

Se jámais é sublime
É quando, illuminando,
Interprete dos seculos que acorda,
Dos povos o sepulchro vae sondando;
Quando cerra, profundo,
Os funeraes do mundo
Sellando a campa na romana edade;
Quando o clamor prophetico levanta
Atravez das ruinas
E o pó da humanidade!

1853

(3) *Oração funebre do Grande Condé.*

XXXIV

LASCIATE OGNI SPERANZA...

(VERSÃO DO ITALIANO DE DANTE.)

Por mim se desce á estancia dolorosa,
E dos prantos á tétrica cidade;
E dos proscriptos á mansão penosa;

Dos fundamentos meus a immensidade
Poz-m'a um Deus, implacavel na vingança:
Precedeu-me sómente a Eternidade.

Como ella a mão do tempo não me alcança;
E tenho escripto: «ó filhos da maldade,
Entrae; aqui findou toda a esperança!»

1846

XXXV

A VISÃO D'EZECHIEL.

I

E o espirito de Deus disse ao propheta:
Vês o plaino defronte?
Não voltarás a face. Em linha recta
Vae além; desce o monte.

E desceu o propheta. E o que lá vira
Contou ás gerações:
Folga o ceo, geme a terra, o mundo admira;
E prostram-se as nações!

II

Vendo estaes um valle, aberto
Entre rochas a tombar;
Secco e nú, triste e deserto,
Da montanha até ao mar.
E o mar levanta-se afflicto;
Corre-lhe o funebre grito
Pelos eccos do infinito,
Longe, mais longe, a soar.

E o raio fulge e rebenta;
E o despedido vulcão
Sobre as azas da tormenta
Tinge de fulvo clarão
A espuma da vaga alçada;
Qual, de chammas ouriçada,
Ignea juba afogueada
D'um phantastico leão.

E o propheta entre as agruras
Pára, sente, ouve, a tremer,
Os ossos e as sepulturas
Debaixo dos pés ranger.
E as ossadas alvejantes,
Passados poucos instantes,
Alevantam-se oscillantes!...
E o Senhor diz-lhe: «Vem ver!»

E o propheta, no transporte
D'um santo e mudo terror,
Viu aquelle pó da morte
Tomar vulto, e forma, e côr.
E o passado que jazia,
Que ha mil seculos dormia,
Viu-o elle, que se erguia
Ao aceno do Senhor.

E viu purpuras e sceptros,
Ornando o orgulho mortal;
E viu um povo de spectros
Tornar-se um povo real.
E ousou calcar temerario,
Em passo convulso e vario,
O tenebroso sudario
D'este imperio sepulchral.

E, curvado e penitente,
Elevou sua alma a Deus;
E ás trevas da propria mente
Sentiu correrem-se os véos;
E arrancou brados profundos,
Que troaram, gemebundos,
Pelos contornos dos mundos,
Pelos espaços dos ceos!

—«Eu vi-te na tua gloria,
«Ó Deus do povo fiel;
«O Senhor és da victoria,
«És o Senhor de Israel.
«Não mentem as prophecias:
«Salvarás humanos dias,
«Como já salvaste Elias
«D'impias mãos de Jezabel.»

III

Não mente, não, não mente a prophecia:
A visão do propheta foi cumprida!

Agonisava o mundo. O filho do homem,
Condemnado ao nascer, nascia á culpa.
Era a terra um exilio sem esp'rança,
Que as esp'ranças mirravam-se no berço.

Era a vida um supplicio. Além da vida,
Incerteza, negrume, o nada, o cahos;
Outro cahos peior! Além da morte,
Para sempre: dizia a Eternidade!
E o abysmo repetia: para sempre!

Tal como Ezechiel erectos vira,
Rotas as campas, os mirrados ossos,
E outra vida viverem; tal de Christo
O duplo sacrificio. Dupla vida
Aos homens restitue. A Eternidade
Cinge-os nos braços amorosa e leda:
Viviam para a morte: mortos, vivem!

O martyrio do Golgotha sublime
Propaga os fructos seus. Roma apoz Roma,
Roma christan em-poz da Roma extincta,
O mundo apoz o mundo a cruz adoram;
E, pendente da cruz, um corpo exangue
N'um gemido, n'um ai, n'uma palavra
Quebra á terra os grilhões, ao mundo o encerro.
Abre a vida, abre o ceo, franquêa as portas
Do fulgido, eternal oriente d'almas!

O Deus que evoca, anima os esqueletos,
Dormentes na mortalha dos sepulchros,
Outra vida chamou dos ceos á terra,
E da terra nos ceos a fez eterna.

Ó Christo-Deus, cumpriu-se a prophecia!
A mão que ao servo seu rasga os mysterios
Do cahos tira a luz, da morte a vida.

Não cessa o Homem-Deus. Pendente o braço
Da cruz do soffrimento, ergue d'um golpe
O filho do peccado, que no fundo,

No mais fundo do abysmo blasphemava:
Ergue-o apar de si mesmo, e aos ceos com Elle
Resgatado o conduz, e puro, e livre!

Restitue-lhe a esperança e a eternidade;
E dá-lhe, fructo da immortal victoria,
N'um verbo o mundo, n'um suspiro a gloria.

IV

Duas vidas se consomem,
Uma pó, outra dos ceos:
Morre no berço o Deus-Homem;
Na cruz morre o Homem-Deus.
No monte, que fez divino,
Já cançado peregrino,
Exhala o sopro mortal;
Adoptando a humanidade,
Despe a sua eternidade
Na sepultura carnal.

Adorar o lenho vamos;
O berço vamos saudar:
N'um d'elles a morte achamos,
Para n'outro a vida achar.
O Christo, que nos soccorre,
Se nasce n'um, n'outro morre:
Morre e vive d'uma vez!...
Para ser unico exemplo,
D'um tugurio fez um templo,
D'um madeiro um mundo fez!

1844

XXXVI

O SONHO DE ENÉAS

EPISODIO

(VERTIDO DO LATIM, DE VIRGILIO.)

«Era a hora do dia, em que ás fadigas
Manda o somno o repouso, dom dos Numes.
Eis surge Heitor diante do meu leito,
Pallida a fronte sob a dôr vergada,
E tal como a victoria deshumana
Apoz o carro seu, na crua arena,
Negro de sangue e pó rojou seu corpo!
Os pés inda lhe vejo macerados,
Do indigno laço, que os deixou fendidos!

Ai! como elle differe de si mesmo!...
Não é já esse Heitor, chefe indomavel,
Que audaz as armas rouba ao proprio Achilles,
E aos muros paternaes volve em triumpho;
Ou, pondo em cerco os vinte reis da Grecia,
Lhes arroja aos baixeis o dardo e a chamma.

Quão mudado está hòje! O sangue em flocos
Lhe mancha a barba espessa e a coma inculta.
Contavam-lhe os meus olhos sobre o peito
Os golpes furibundos, que o prostraram
Em redor da cidade, patria sua!
Eu mesmo ao proprio heroe julgar fallava,
Em prantos afogado, por tal arte:

—«Ó dos filhos d'Ilion esp'rança e gloria!
«Onde estiveste? Que magoada ausencia!
«Todos te anceiam para soccorrer-nos,
«E assim vens, e assim nos appareces,
«Quando Troya succumbe aos seus trabalhos,
«Quando tantos dos teus jazem na campa!
«Porque tens esse aspecto anuveado,
«Mudadas as feições, sem conta os golpes,
«E o rôto lado o coração mostrando?»

Heitor instantes cala; apoz instantes,
Diz, e um longo suspiro arranca d'alma:

—«Foge aos gregos e á chamma! Vae depressa!
«Filho de Venus, vence-te o destino!
«Foge: Priamo e Pergamo viveram!
«Nossas muralhas, desabando, estalam!
«Se houvera salvação, dava-a tal braço.
«Caro Enéas, no meu adeus extremo
«Pergamo os numes seus te recommenda.
«Conduz-lhe além do mar os simulachros;
«E funda, em torno d'elles, patria nova.»

Termina; e logo aos olhos me arrebata,
Broquel dos muros, a potente Vesta,
E o seu sagrado emblema, e a luz perenne,
Que eterna ardendo lhe guardava o templo.»

1853

XXXVII

AO SR. A. F. DE CASTILHO.

(POR OCCASIÃO DAS SUAS DESPEDIDAS SAINDO PARA O BRASIL.)

I

Vaes demandar, poeta, outro hemispherio?
Vae, que braços e palmas te aguardavam!...
Das santas quinas o perdido imperio
Os filhos perde que o seu berço honravam!

Este mal d'onde vem? Morta a memoria,
Acaso adormecemos, sem cuidado,
Nos seccos loiros da murchada gloria,
Mendigos sobre andrajos de brocado?

Não se indague; deplore-se. É destino!...
O poeta desdens por hymnos troca:
Mesmo curvo ao bordão do peregrino,
Tem n'alma affectos e perdões na bocca.

Tal deves ser, cantor da primavera,
De tristezas e amor, da antiga edade,
Da fé que ensina, da razão que espera,
E, hoje, inda mais, cantor da humanidade!

II

Entre o povo de Deus foi uso outr'ora
Em sacrificio áquelles que partiam
Plantas queimar da despedida á hora,
Que, tornadas perfume, aos ceos subiam.

Sigo o exemplo. Ao meu estro, humilde planta,
Corto uma folha que pendia inerte;
Se, ardendo, tenue aroma inda levanta,
Foste d'ella cultor: a ti reverte.

Ante o protesto a ingratidão refoge!..
Por honra d'esta terra, que foi nobre,
No opulento regaço acolhe-me hoje,
Modesta off'renda, o óbolo do pobre.

III

Vae, poeta. Desfralda em torrão novo
Da nova éra o esplendido estandarte:
É patria o mundo; a humanidade é povo;
Alma aqui deixa, e o nome em toda a parte!

A flamma que o nascente purpurêa,
Nuncia de luz, nem só aclara um solo;
Tal, raio creador, desponta a idéa,
Surge, brilha, d'um polo a outro polo.

Como um astro, que alterna a luz da gloria,
Vae, poeta, preenche os teus destinos:
Fica, para guardar-te alta memoria,
Côro celeste, a voz dos pequeninos.

Semeaste o porvir. Virás um dia
Rever-te da colheita nos thesouros:
Das gerações a grata sympathia
Será teu premio, avivará teus louros.

Deixas apoz, n'um rasto de abundancia,
Vertendo esp'rança, os fructos opulentos,
Que, das flores nascidos na fragancia,
Da farta c'rôa sacudiste aos centos.

Chamam-te irmãos! Esperam-te cidades!
Outra patria acharás alvoroçada!
Mestre, vendo-a florida de saudades,
Tua cruz sentirás menos pesada.

Propiciem-te os ceos incertos mares,
Vae, poeta, procura outro hemispherio;
E os orphãos, que deixaste n'estes lares,
Recorda-os ao saudar teu novo imperio!..

Em justo preito, ao estro, pobre planta,
O ramo corto de saudades cheio:
Não perde o leve aroma que levanta,
Se o cultor o quizer guardar no seio.

Ante o protesto a ingratidão refoge!...
Em nome d'esta terra, qu'inda é nobre,
No já pleno regaço acolhe-me hoje,
Modesta off'renda, o óbolo do pobre!

1853

XXXVIII

A NARRAÇÃO DO ESCRAVO.

(IMITAÇÃO DO HESPANHOL.)

—«A côr d'este meu rosto
Vos fará conhecer que foi, outr'ora,
D'Africa o solo meu primeiro encosto;
E, do deserto na torrada areia,
Me prendeu má fortuna
De escravo miserando á vil cadeia.

Um filho, que eu amava como o dia,
De dez annos, não mais, tambem captivo,
Meu destino seguia.

Atravessando o mar baixel negreiro,
Venderam-nos o braço, o sangue, e a vida
Á sórdida avidez d'um mau roceiro,

O valle, a selva, o monte
Da adusta America, em servis lavores
Regámos do suor da nossa fronte;
E, os pulsos alquebrando sem esp'rança,
Do látego ao flagello aborrecido,
O espirito almejava só vingança,
Qual trêda a sonha o misero vendido!

Framos todos no trabalho um dia.
Correndo atraz da leve mariposa,
Alegre o filho meu se distrahia.
Um branco olheiro, então, cruento e irado,
Com o açoite cruel lhe avinca as faces!...

Ferve o sangue irritado
Ao ver ess'outro sangue que escorria!
Com mão, que em raiva ardia,
O machado arrojei do branco ao peito:
Se lhe acerto, deixava-lhe de um golpe
O coração perverso ali desfeito.

Frustrado fôra o intento;
Fugindo aos tratos, ébrio de amargura,
De meu filho travei, corri sem tino,
Procurando das mattas a espessura,
Sem mais guia que Deus, e o meu destino.

Prostrava-me o cansaço,
Que eu sem parar correra
Ouvindo apoz, no solitario espaço,
O rugido selvagem da panthera.

Emfim amanhecia,
E o rugido fatal se aproximava.
Meu peito de terror estremecia,
E d'escutal-o o sangue me gelava:
Vi então que a panthera me seguia;

E que eu, rendido, apenas me arrastava!
O peso de meu filho me impedia;
Armas não tinha para combatel-a:
Ceder emfim cuidei á minha estrella,
E, victima da sorte,
Minhas angustias acabar co'a morte.

Presinto a fera já sobre a folhagem,
E o susto cresce n'alma que se aterra,
Quando a voz d'um mancebo clama:
—«Em terra
«Não vês defronte esse animal selvagem?»

Prostrámo-nos, os dois; volvo a cabeça;
Vejo-o apontar, sorrindo, como em sala:
A fera salta, parte o tiro, e a bala
Entre os olhos o craneo lhe atravessa.

—«Negro (diz-me com gesto magestoso)
«Traz'-me o cadaver, por favor t'o rogo.»

Calado e attonito obedeço logo,
Porque, á fé vos direi, só em tal homem
Sorrisos vi diante de tal fera!
Nem achei n'outro a altiva heroicidade
Que nem o risco, nem o susto altera.

Olhando-me depois, diz com piedade:

—«Pois, sem armas, da selva mal segura
«Te aventuraste ao solitario trilho,
«Expondo-te, infeliz, á atroz tortura
«De ver um tygre devorar-te um filho?»

Contei-lhe então a minha desventura.
Ouvindo attento a dolorosa historia,
Mais de uma vez ao rosto lhe assomava
Da nobre indignação a côr briosa,

E embalde se esforçava
Por, a furto, enxugar, co'a mão nervosa,
A lagrima apiedada,
Que dos olhos brilhantes resvalando,
Queria envergonhada
Ir-lhe fugaz nas faces deslisando.

—«Ai! triste, proseguiu, teus males vejo;
«Descança, vaes por mim ser resgatado:
«Será meu filho o filho teu presado,
«Se de á patria volver não tens desejo:
«Se preferes voltar, dize, és liberto.»

Perdi no mesmo instante
As saudades do patrio meu deserto;
E, a seus pés, supplicante,
Pedi que me acceitasse o sacrificio
Da minha vida inteira, sua agora,
Em troca de tamanho beneficio!

Eis aqui o motivo
Porque não aproveito
Das cultas leis o salutar effeito;
E, na Europa, inda vivo
Reputando-me escravo!...

De um grato affecto sou porém captivo,
E a tal escravidão não acho eu travo.»

1855

XXXIX

O HYMNO DE VIRIATO.

Das armas no rijo embate
A Lusitania campêa;
E no fragor do combate
A fronte se lhe incendêa.
    Pula, ardente coração,
    Dentro em peito de leão!

De contrarios e traidores
As nuas, alvas ossadas
Enfeitam, em vez de flores,
D'estes cerros as quebradas.
    Pula, ardente coração,
    Dentro em peito de leão!

Accorrei-me, a cento e cento,
Guerreiros da Herminia (1) serra,
Sôlta a cóma, dada ao vento,
Ao vento bravo da guerra.
    Pula, ardente coração
    Dentro em peito de leão!

Guerra, guerra! Em guerra armadas,
Bradam: «guerra» as fundas brenhas;
Armas são, arremeçadas,
As pontas das nossas penhas.
    Pula, ardente coração,
    Dentro em peito de leão!

Que stridente som rebôa,
E recresce, e forças ganha?
D'ecco em ecco o *pæan* (2) trôa
Pelas fragas da montanha.
    Pula, ardente coração,
    Dentro em peito de leão!

Nos ramos do roble velho
Oscilla o *clypeo* (3) sagrado:
Dos anciãos o conselho,
Eil-o em torno congregado.
    Pula, ardente coração,
    Dentro em peito de leão!

Guerra, guerra! Livres somos!
D'um lado do escravo a sorte,
E d'outro acabar quaes fomos...
Não se hesita: antes a morte.
    Pula, ardente coração,
    Dentro em peito de leão!

(1) Serra da Estrella.
(2) Grito de guerra.
(3) Escudo orbicular.

Antes a morte do ferro
Do que a paz envilecida:
Tornar a patria em desterro
Não é paz, e menos vida.
    Pula, ardente coração,
    Dentro em peito de leão!

Vêdes em sangue escorrendo
Esta mão que as feras doma?
É do holocausto tremendo (4)
D'ess'outras feras de Roma.
    Pula, ardente coração,
    Dentro em peito de leão!

A paz do Pretor é laço
Que um povo inteiro suffoca:
Fere mais que o forte braço
A traição da astuta bocca.
    Pula, ardente coração,
    Dentro em peito de leão!

Não vos diz tudo: «vingança?»
Crime fôra, e fôra insania,
Á perfidia mais que á lança
Dar a flor da Lusitania.
    Pula, ardente coração,
    Dentro em peito de leão!

(4) A mortifera e eternamente odiosa cilada de Servio Galba nos valles da Turdetania. Attrahiu ali Galba os Lusitanos, seduzindo-os com a promessa de repartir-lhes novas terras, e de tal fórma os soube illudir que os persuadiu a entregarem-lhe as armas. Tanto porém que os viu desarmados, faltando á fé jurada, deu sobre elles com as legiões, antecipadamente apercebidas para a geral matança, deixando nove mil cadaveres, varões, anciãos, mulheres e creanças, juncando o campo. Viriato, á frente dos raros que escaparam, no proprio logar da carnificina juramentou para a vingança os seus companheiros, mettendo todos as mãos, por maior solemnidade, nas feridas ainda quentes dos que jaziam.

Guerra! Façamos, guerreiros,
Tresdobrando a furia aos [illegible],
Dos anneis dos cavalleiros
Um grilhão para as cohortes.
Pula, ardente coração,
Dentro em peito de leão!

Rompam as aguias, e o dia,
D'esses claros horisontes
Na rocha as garras afia
O abutre dos nossos montes.
Pula, ardente coração,
Dentro em peito de leão!

Calça a *ócrea* (5) ó Turdetano, (6)
Celtibero (7) empunha a clava: Ah!
Quem ha-de atalhar-te o damno,
Sendo a Lusitania escrava?
Pula, ardente coração,
Dentro em peito de leão!

Guerra pois, que é certa a gloria!
Bem vistes: ha pouco livos
Os augurios da victoria
Nas entranhas dos captivos.
Pula, ardente coração,
Dentro em peito de leão!

(5) Arma defensiva, que subia a meia altura do joelho; [illegible] quasi e grega da meia edade; — de coiro ou de [illegible] fortemente tecidas.

(6) As tribus Turdetanas povoavam o Algarve e parte do Alemtejo, e formavam um dos povos mais consideraveis da [illegible].

(7) Estendiam-se os Celtiberos pelas margens do [illegible], ramificando-se pelas Asturias e Galliza.

Venus, nossa protectora,
Nos fará Marte propicio
Em breve as aras lhe cora
Amplo o humano sacrificio.
    Pula, ardente coração,
    Dentro em peito de leão!

Ais de morte as vagas gemem
E ao som da horrenda harmonia
Os rudes pincaros tremem
Sobre a Cinthia (8) penedia.
    Pula, ardente coração,
    Dentro em peito de leão!

Guerra! Avante! Eil-os! Á guerra!
Tremem do susto que as toma,
Sob os nossos pés, a terra,
Ante os nossos olhos, Roma!
    Pula, ardente coração,
    Dentro em peito de leão!

184...

(8) Cintra; promontorio Cinthio.

XI.

A CARTUXA DE PARIS.

(VERSÃO DO FRANCEZ.)

Ó claustro, onde os discipulos de Bruno
As orações occultam que ao ceo mandam,
Os porticos modestos abre, ó claustro!
Nos agrestes jardins entrar me deixa,
N'esses que d'antes Catinat buscava
Para esquecer os reis fugindo á côrte!

Paris conheço. Leve o pensamento
Discorre á tôa em seu recinto enorme.
Quero aqui apertar de soltos dias
A quebradiça, mal formada trança;
Venho, só, recolher o scismar vago!

Foge, ó rumor; pomposas Tulherias;
Louvre, que aos olhos meus guardas intacto,

Apoz cem annos, de Luiz o fausto:
Prefiro a soledade, em que, libérto,
Pode o espirito ermar, mesmo entre as ondas
Da capital, que ferve e tumultua.
Amo o retiro: consagrei-lhe a musa!

Já, mais tenue o esplendor que o mundo aclara,
Setembro foge, desmaiado o brilho
De que o anno momentos fulge ainda.
Dobra a paz, que me prende a taés logares,
Seu saudoso pallor. Suave aos olhos,
Mais sombria a verdura, em grave aspecto,
Casa-se ao lucto do cenobio triste.
Quero internar-me sob as ramas densas
Do bosque amarellento. Reclinado
Na relva, que já pallida esmorece,
Goso o ar, goso a sombra, amo o silencio!

Esses carros que levam rumorosos
A soberba opulencia: esses trabalhos
Da multidão, que se levanta em vagas;
E o som confuso, voz da gram cidade,
Na turba a soidão de Bruno aos filhos:
O arruido os circunda, e a paz tem n'alma!
Dia a dia, sob inconstante forma,
Do seculo o phantasma, em mãos do tempo,
Junto lhes passa, alardeando em balde
Pompa fallaz. Deixaram vãs chimeras:
Afóra a eternidade o mais é sonho!

E ousaes chorar seu destino infausto?

«Que fatal preconceito a leis tão duras
«Ligou (dizeis) os pios suicidados?
«Lentos morrem de negra dôr comidos;
«Altar de ferro lhes acceita os votos,
«E o desespêro só mora com elles!»

Vós, que ás victimas credulas daes prantos,
Comigo penetrae n'este recinto.

Que aspiraes? Ar dos ceos, um ar sereno.
Fogem pesares, as paixões se calam,
E o mudo claustro vos seduz co'as trevas!

Mas que lugubre tom do campanario
Desce e faz susurrar os dormitorios?
O bronze, a voz do tempo, formidavel,
Hora apoz hora, ao pobre anachoreta
Em longos eccos diz: «attende á morte!»
Pela abobada os sons se escoam tenues
E, depois de expirar, inda nos fallam.
Grave a meditação, que, desde a aurora,
Curva percorre os frios pavimentos,
Ouvindo pára, e lê sobre uma campa
O epitaphio, dos annos quasi gasto,
Que o scêpro gothico entalhou na pedra!

Eloquente painel! Praz á minha alma
O zimborio, que um sancto horror negreja;
E as eras abraçando os rotos muros,
Onde, gemendo, faz ouvir seus pios
Ave agoireira, que só canta a mortos;
E destarde o cair; e os renques d'ôlmos,
Aos quaes descendo o sol um raio vibra,
E o busto pio, que reveste o musgo;
E o metalico sino suspiroso;
E o templo sancto, em que, ao toque d'alva,
Cada dia um concerto surge austero
Do silencio profundo, e sobe aos ares;
E as reliquias do martyr que o altar guarda;
E a relva densa que atapeta a campa,
Modesta campa, aonde, sem remorsos
Passou aventurado o cenobita
Da mudez da clausura á paz da morte!

Já desce a escuridão sobre as paredes;
É seu lucto maior, mais funda a sombra.
Os cumes de Meudon o sol me occultam.
Morre o dia. O poente, descorando,
Do fogo apaga os ultimos reflexos!

Eis subito irradía nova aurora,
Que lenta sobe ás cupulas escuras,
Do paço, (1) ao pé, por Médicis erguido;
Branqueia o cimo, e, á vista deleitada,
Côa pela vidraça o argenteo disco.
Das saudades o astro do ceo vérte
Mistica luz aos mausoleos do claustro,
Qual se fôra o revérbero suave
Que as palpebras afaga ao justo extincto.

Horrida agora não descubro a morte:
Seu aspecto enternece e não me espanta.

Engano-me? Escutemos. Sob a arcada
Chega-me o ecco de ineffaveis hymnos.
Sacra a religião, velada, desce;
Aproxima-se: a paz, que dulcifica,
No fundo d'alma já se infiltra occulta,
De um Deus a voz incognita, em segredo,
Baixo vos diz:
—«Meu filho, aqui te aguardo;
«Comtigo sou no fundo do deserto!»

Agora os olhos levantae do enlevo
D'esta contemplação. Vêde, no mundo,
Nos seus trilhos cansados, os humanos
Perseguindo, inconstantes e sem fructo,
Esperança tenaz da dita esquiva.
Recordae esses seculos selvagens,

(1) O Luxemburgo.

E os seus costumes barbaros e atrozes;
N'elles a Europa inteira devastaram
O duro Vandalo, o feroz Lombardo,
E a Roma o sceptro disputaram Godos.
A força era sem freio, o fraco inerme!

Fallae: ousareis vós impor censuras
Aos Bentos e aos Basilios, que, fugindo
Ao seculo maldicto, em tempos impios,
Abriram contra a dôr sanctos refugios?

Oh! desertos do Oriente, áridos cerros,
Antros, mattas, ascéticas thebaidas,
Que infortunios em vosso escuro seio
Outr'ora não guardastes de oppressores!
Escondiam-se ali; e o christão puro,
Que pura a crença férvido abrigava,
Vivendo só com Deus n'aquellas brenhas,
Orava ao menos sem temer verdugos.
As victimas ali não se atrevia
O tyranno a seguir; e muitas vezes,
Desarmado a seus pés, no logar sancto,
Buscava indulto para os longos erros.

Virtude impavida habitava o ermo!
Vêde, nos restos de Carthago e Thebas,
Nos fundos vãos, nas derrocadas torres,
Illustres penitentes sepultarem
As memorias das côrtes e do mundo!

Emmudece a paixão sob o cilicio;
Mas o austero viver renova encantos:
Protege Deus aquelle que o procura,
E, sob os pés, lhe enflora o seu deserto.

Palmeira, que dás fresco aos Lybios plainos,
A' sombra tua repoisaram muitos!

Prophetico Jordão, quantos vagaram
A' orla do teu leito? Altivos cedros
Dos alcantis do Lybano famoso,
Vós, que um rei saturou, pulsando as cordas,
De divina harmonia, annosos cedros,
Na copa susurrante bastas vezes
Ao ceo mandastes muito orar frementes!

Uma penha guardava ao monge o somno;
E só lh'o interrompia o grito da aguia,
Cantando o Eterno em solitaria rocha!

Ao fragor da torrente, que o sacia,
Subito um anjo, desvendando a face,
Lhe traz do ceo pacifica mensagem!

Mas não correm seus dias sem tormentas:
O eloquente Jeronymo, honra egregia
Das primeiras edades, viu de Roma
Voluptuario fervor transpôr-lhe o ermo.
Sua austera sapiencia, nos combates
Mais e mais se exerceu!...

Talvez, como elle,
Deplorando a fraqueza e rebeldia,
Extremoso mortal trilhou seu piso.

Ai! quanta vez suspiros inflammados
Trouxe a noite do fundo dos mosteiros,
Debalde repellindo o amor com preces!
Ao pé da tumba e penitencia vela,
Entra, escondida sob os longos crépes,
E ao benigno Senhor se entrega em chôro.

A Comminge, a Rancé deu Deus desculpa:
A Comminge, a Rancé quem não dá prantos?
Quem não lhes sabe o amor, e o mal não pena?

E tu, que as almas ternas has turbado,
Vestal do Paracleto, miseranda,
Tu, que, sem proferir juras vulgares,
Dotaste o amor de sentimentos novos;
Tu, que o homem sensivel, illudido,
Rever quizera na mulher que adora;
Heloisa, ao teu nome o peito arqueja!
Novo Abailard te amou qual se não ama!...

Quantas vezes busquei, fugindo á turba,
O asylo onde em Paris viveste joven!
As venerandas torres, que ao ceo ergue
A cathedral, onde os avós oraram;
Essas torres conservam tua historia,
Triste historia de amor, que os eccos sabem.
Vi ali os vestigios da morada
Do teu Fulberto!...

Diz-se que, em taes sitios,
Longo um gemido sôa de anno em anno,
A' hora em que o hymineu fatal travaste!

A donzella então lê, no fim do dia,
Essa carta em que o amor arde eloquente.
Vendo-lhe a turbação, o amante em ancias
Co'a chamma escripta mais augmenta o fogo!

Mas que faço, imprudente? Em tal recinto
Ouso fallar de amor, quando me cercam
Lições do tumulo e terror supremo!

Do longo corredor nua a parede
De anathemas se cobre pavorosa:
São maximas de morte, que ante os olhos
Anjo exterminador expõe facundo.
Frequente leio: *Deus, vingança, inferno!*
Vê-se o rigor, esconde-se a clemencia!

Claustro escuro, onde o ceo amor proscreve,
Onde o instincto maior é maior crime,
Ao teu seio voando, a phantasia
Buscava a sancta paz, a mudez ampla;
Mas outras sensações minh'alma aspira,
E ante um dever tão rigido esmorece!

Quando o tempo, trazendo o desengano,
Me houver desfeito das paixões o germen,
E o rapido prazer que trava a prantos;
Quando o meu coração penar segredos,
N'essas horas, amadas do poeta,
Em que elle quer, vagando em liberdade,
De si mesmo fruir, scismar ermando,
Então virei, ó solidão tranquilla,
Esquecer no teu centro o vão tumulto,
E procurar, na abobada deserta,
A casta musa que inspirou taes carmes!

1853

XLI

O JUDEU ERRANTE.

(LENDA HEBRAICA.)

Flebilis ille....

I

Eis a noite. Da immensa tormenta
A voz sôa, tremenda e fatal,
Átra voz, que no abysmo rebenta,
Qual do espirito negro do mal!

Alvo manto, que a ossada reveste
Da nevoenta montanha, brilhou;
Raio livido o esguio cypreste,
Sceptro d'ella, n'um facho tornou;

E scintilla, e flammeja, e semeia
Chispas rubras, palhetas d'Ofir;
E, grandioso e sublime, na ideia
Fica o horror sôbre o horror a cair!

Ruge o oceano, leão furibundo,
Empinado entestando co' o ceo:
Afigura-se um cahos o mundo,
Se é que o mundo no cahos não deu.

Geme a terra. O ceo chora. São rios
Largos prantos do escuro bulcão.
Os gemidos trovões. Quasi frios,
Desmaiados os povos... estão!

Ai! que extremos d'horror excessivos!
Mais tremendo pavor não será,
Quando aos mortos disser: «descobri-vos!»
A voz grande do grão Jehovah.

A montanha, n'um ambito breve,
Do universo resume o terror:
Fogo a cóma, no pincaro neve,
Sangue imita, é sudario no albor.

Junto ao fusco cypreste inflammado
Passa um vulto, que é unico ali;
Alta a fronte, na fronte mercado,
Tristemente dos medos sorri!...

II

Quem era? d'onde vinha? Grave e lento,
A montanha desceu.
Fogo e neve galgou. Choveram raios;
E o vulto não tremeu!

As copas verdenegras da floresta
Horrendas ulularam;
E, dobrados, os troncos milennarios
Gemendo se abraçaram.

E um medonho tinir soou de ferros,
E silvaram serpentes,
E os tetricos phantasmas, nas clareiras,
Alvejaram frementes.

E as trevas a crescer! Cresceu com ellas
Dos homens o temor....
Mas não temia o vulto, que tranquillo
Passava em tanto horror.

E passava, e seguia; ávante, ávante,
Avante, sempre ávante,
Deixando, atraz de si, o proprio medo
De medo palpitante.

Sereno caminhava na tormenta,
A mil mortes exposto,
Bronze os pés, bronze o peito, bronze a fronte,
E mais bronze inda o resto.

Quem era? D'onde vinha? Qual seu fito?
Não n'o soube ninguem!
Olhou fixo a tormenta; ficou mudo:
Passou, sorrindo, além!

III

O maldicto da Judéa,
Incessante peregrino,
Eil-o, que arrasta na terra
O seu lugubre destino.

Avante, ávante! Não pára,
Não respira, não descansa:
Debalde foge ao tormento;
Segue debalde a esperança.

Desde o dia do seu crime
É por seu crime impellido;
Com elle sempre abraçado,
E sempre d'elle pungido.

Proximo ás raias da morte
Não póde á morte chegar:
Novo Tantalo da campa,
Só logra a campa avistar.

É-lhe a vida como o abutre
Do condemnado d'outr'ora;
Devora entranhas eternas,
E a si mesma se devora.

Avante, avante! Não pára,
Não respira, não descansa:
Debalde foge ao remorso,
Segue debalde a esperança.

São-lhe os olhos os verdugos!
Se de amor sente a anciedade,
É seu amor o infinito,
Seu ciume a eternidade.

III

Porque insultaste o Messias,
Ó desgraçado Ashavero?
Foste o teu algoz mais duro,
Sendo o seu algoz mais fero.

Avante, avante! Não pára,
Não respira, não descansa:
Debalde foge ao remorso,
Segue debalde a esperança.

Ai! dirão que a morte é pena!
Maior pena é não morrer:
O mais cru dos soffrimentos
É ser eterno, e soffrer!

Eil-o vaga, vaga incerto,
Sempre em continuo transporte,
Preso á vida por seu fado,
E por seu desejo á morte.

Não é do ceo, nem da terra,
Nem do bem, nem da desgraça;
E' do espaço, e n'elle immerso,
Quer, não pode, anhela... e passa.

Que vês no mundo, Ashavero?
Deserto immenso has-de ver,
Sem verdor, astros, nem sombras...
Sem um tumulo sequer!

Avante, ávante! Não pára,
Não respira, não descansa:
Debalde foge ao remorso,
Segue debalde a esperança.

IV

A' noite, quando a noite se recama
D'uns astros pelo ceo, d'outros na terra;
Quando o pallor da lua aos labios chama
O que n'alma se encerra,
Se quer a noite olhar
—«Noite não tens!» occulta voz lhe clama.
—«Caminhar! Caminhar!

Desdobra a aurora o manto purpurino,
As estrellas, quaes perlas, atirando
Do firmamento ao mar. Na selva um trino
Soa de quando em quando:
Se elle o quer escutar,
—«Não tens aurora!» a voz lhe vae troando...
—«Caminhar! Caminhar!»

Em tarde estia, quando, na deveza,
Em turva nuvem d'oiro ao sol fulgura
O pó do valle, e quando a natureza
Docemente murmura;
Se elle a quer contemplar,
—«Tarde não tens» lhe estruge a voz no ouvido...
—«Caminhar! Caminhar!»

V

—«Archanjo do remorso, este martyrio
«Quando ao fim chegará?
«Acaba-me! Não tens um monte, um raio
«Que me esmague aqui já?

«Que pode haver na terra que eu não tenha
«Tristemente sentido?
«Que sciencia, que mal, que, em dôr crescente,
«Não haja visto e ouvido?

«Vi de Roma a loucura; vi, na arena,
«Das fauces dos leões
«Sair a nova fé, que a fé levava
«A's futuras nações;

«Vi sangue humano a espadanar no dholman
«Dos celticos mysterios;
«E das quentes entranhas consultadas
«Sairem vinte imperios. (1)

«Da sociedade vi aurora e dia;
«Vi povos transformados;
«Umas crenças nascer, morrerem outras;
«Vi do Universo os fados.

«Da cruz e do crescente as altas luctas
«Eu vi sanguinolentas,
«Modificando o mundo, e pelo mundo
«Semeando as tormentas.

«Vi meus filhos, meus netos perpassarem
«Pela terra acossados;
«Vi-os, meu sangue, ao sangue seu mentindo,
«Fugirem-me apressados.....

«Vi tudo; encarei tudo; sube tudo;
«E vivo!... Mal tão fundo
«Quem n'o-pode sonhar? Os outros findam
«Não cabe este no mundo!

(1) É geralmente sabido como os holocaustos, offerecidos ao deus tremendo dos celtas, o sanguinario Theutates, eram victimas humanas. Precediam os augurios dos Druidas as resoluções da nação. Consistia o principal d'estes augurios na consultação das visceras palpitantes. Assim foi que a politica do Grão-Druida Atax lhe fez ler a ordem celeste, d'onde se derivou aquella guerreira emigração celta, que levou as suas tribus,—principalmente a dos Tectosagas,—a conquistar e povoar as terras de Panonia, da Illyria, e, na maior parte, as margens do Rheno e do Danubio. Assim se fundaram effectivamente novas raças e imperios. A sciencia ethnographica é muita vez um admiravel poema.

«Archanjo do remorso, este martyrio
«Quando ao fim chegará?
«Acaba-me. Não tens um monte, um raio
«Que me aniquile já?»

Assim pensava o triste, dentro d'alma
Recalcando a afflicção;
Nos olhos gelo, marmore nas faces,
E no peito um vulcão!

VI

Onde estás hoje, Ashavero?
Quem soube o fim ao Judeu?
Morto-vivo e vivo-morto,
Quem nos diz se já morreu!

Ao mais rijo das batalhas
Desarmado arremetteu;
Dez espadas lhe cravaram
Pelo peito... e não morreu!

Crespo o mar em serras d'agua,
Nas aguas comsigo deu;
Deu nas penhas e recifes,
Deu no abysmo... e não morreu!

Por entre um bosque de chammas,
Na furia d'ellas, rompeu;
Cruzaram-se as labaredas
Sobre o triste... e não morreu!

Onde é pois o desgraçado?
Quem sabe o fim ao Judeu?
Doeu-se d'elle o seu anjo?
Quem nos diz se já morreu!

VII

Nos gelos altos do Pólo,
Dos Titães entre as ossadas,
Onde nunca entraram homens,
Viram-se humanas pégadas.

Era o eterno peregrino:
Chorae, mortaes, seu destino!

N'este imperio do silencio,
Alvo, liso, nú, deserto,
Um vulto passou, qual sombra,
De neve... e de horror coberto!

Era o eterno peregrino:
Chorae, mortaes, seu destino!

Depois sumiu-se onde á terra
Quasi se une pardo o ceu,
Andou... andou... Dos seus passos
Ao longe o ecco morreu!...

Era o eterno peregrino:
Chorae, mortaes, seu destino!

184...



XLII

AVÈ, REX.

Ante o berço de um Deus, pae da egualdade,
Me prostro, grave e mudo.
Salvè aurora christã da liberdade:
Bethlem, eu te saudo!

Rojo a fronte no pó, que ali desponta
O sol da Redempção;
Adoro a Luz, que apaga a eterna affronta
Do legado grilhão!

Cantae, vozes do mar, vozes da serra,
Um cantico profundo.
Eis o Senhor! Jesus nasce na terra,
No Ceo renasce o mundo!

Cura aos homens, Jesus, nova ferida
De nova escravidão;
Que, em vez da antiga mácula remida,
Ficou-lhes a ambição!

1847

XLIII

CHRISTUS REX.

I

Eil-o. Ao Golgotha vae, suando em bagas
O orvalho da agonia :
Pelos rubidos labios de cem chagas
Proclama o novo dia.

A purpura real leva cingida
Por derradeira affronta ;
Sobem-n'o á cruz ; despede-se da vida,
E a liberdade aponta !

Partiram-se as algemas n'este empenho
A' humanidade inteira;
É o Horto pedestal, é haste o lenho
E a purpura bandeira!

É bandeira que, esplendida volteia
No pincaro sagrado;
É o symbolo, o mysterio, a sancta ideia
Do mundo resgatado!

II.

Avè, Christo, Christo rei,
Que, no throno da montanha,
A' custa de dôr tamanha
Proclamaste a nova lei.
Foi cumprida, até as metas,
A palavra dos prophetas.
«Pelo mundo penarei»
Tinhas dicto; e, n'esta scena,
Te rendeste á dura pena:
Avè Christo, Christo rei!

Nobre herdeiro de Judá,
Acceitaste como herança
Aquella flor d'esperança
Que no mundo se não dá.
Era apanagio celeste:
Nas mãos ao mundo a trouxeste;
E, para colhel-a já,
Deixaste, no extremo anceio,
Rasgar fundo o sacro seio,
Nobre herdeiro de Judá.

Das rosas de Jerichó
Foste vergontea florida.
Soffreste. Deixaste á vida
O que era da vida, o pó;
Nas miserias do Calvario
Dever quizeste um sudario
A piedoso, alheio dó!
Para ser da terra a estrella
Murchou-se a rosa mais bella
Das rosas de Jerichó.

O signal da Redempção
Deste no transe supremo.
Que exemplo! Teu brado extremo
Foi um brado de perdão.
O ferro que te exhaurira,
Do céo as portas abrira
No esgotado coração;
Dos algozes o delirio
Fez do lenho do martyrio
O signal da Redempção.

O mundo já livre é,
Nem hade mais ser rendido;
Porque no sangue vertido
Forte se faz toda a fé;
E esse sangue, espadanado
Do divino, aberto lado,
Diz ao mundo: «espera e crê!»
São só de amor estes laços:
Do martyr nos rotos braços
O mundo já livre é!

III

Que importa, no holocausto venerando,
Das seitas o clamor?
Irá no pó dos seculos medrando
O verbo do Senhor.

A cruz será nas provas da constancia
Raio d'um novo sol;
E brilhará nas trevas da ignorancia
Como eterno pharol.

Em vão, na tempestade, a vaga irada
Vae bater-lhe ao sopé:
Como o fogo da Vesta fabulada,
Arde o lume da fé.

Multiplica-se a cruz, cobre a cidade,
O campo, e a serra agreste;
Levanta-se onde avulta a humanidade:
No loiro... e no cypreste!

Sobe do colmo á cupula preclara;
No Universo discorre;
Peleja e marcha; marcha e nunca pára;
Padece, mas não morre!

1848

XLIV

SURREXIT!

Alleluia! Alleluia! Alleluia!

I

Reinam trevas. Da meia noite as horas
Gemebundas no bronze susurraram.
Deserto o templo está. Sancto silencio
E' este, que domina temeroso
Na casa do Senhor. Pallida e triste
A baça luz da lampada soturna,
No denso ambiente agonisando anciada,
Em subitos clarões intermittentes
Quasi finge suspiro derradeiro
D'homem que vae morrer. Ao brilho rapido
Phantasticas, enormes se alevantam
As columnas do templo. Expira a chamma,
E os gigantes de marmore na sombra,
Na sombra e no mysterio, novamente

Os capiteis symbolicos engolpham.
Na funda solidão sómente eu vélo.
Dorme tudo em redor. A paz solemne
Que me cerca e me involve é paz de morte.
Que paz!...

Acaso um tumulo não vejo
Lá no extremo da nave tenebrosa?
Não a vejo tambem crescer-me ao longe,
E alongar-se, e alongar-se?... Vejo. Ao fundo
Os muros emblematicos do templo,
Rasgados como um véo, deixam patente,—
Em deserta campina, calva e triste,
De informes, cadavericos penedos
Toda orlada em redor,—o vulto grave
D'um tumulo singelo. Eil-o, que o vejo;
Vejo-o d'aqui. A' lisa cabeceira
Pendida a fronte, o rosto annuveado,
Com ar de quem magoado se lamenta,
Um anjo d'azas candidas se assenta.

II

Quem jaz ali?...

Refulge subitaneo
De viva luz, de immensa claridade
O rosto ao cherubim. Celestes côros,
Suspensos os sentidos, arrebatam
O coração. Os angulos do tumulo
Raios lançam, que cegam deslumbrando.
A pedra sepulchral partida estala
Lume vivo golphando....

E' elle, o Eterno,
O Homem-Deus, o Martyr da montanha,
O Filho de Judá, o Desejado,

O Cumpridor das altas prophecias,
O Rei dos reis, a Magestade summa,
O Pae, o Redemptor, o Mestre — Christo!

Faces no chão, mundanos! Joelho em terra
Homens vaidosos! Universo, exulta;
Humilha-te ao teu Deus!

Vêde-lo? Surge
Em toda a pompa, em toda a magestade
Da sua eterna gloria. Ó natureza,
Entôa-lhe os teus hymnos mais festivos,
Murmurae-lhe, ó ribeiros da planicie,
O canto triumphal; aves, trinae-o;
Susurrae-o, florestas. Vós, sonoras
Aguas do mar; vós, cedros da montanha;
Vós, ó gárrulos eccos; vós, profundas
Torrentes trepidantes; vós, ó selvas;
E vós tambem, desertos suspirosos!
Vós todos, que, na mistica harmonia
Dos mundos e dos entes, alcançastes
Uma nota cantar, cantae-a alegres
Ao meu e vosso Deus. Completo seja
O gram concerto. Allumiae-o, estrellas.
Astros do ceo, bordae-lhe o seu caminho.
Curvae-vos, gerações, e respeitosas
Sumi no pó as frontes orgulhosas!

III

A promessa do Eterno foi cumprida,
E á risca, ponto a ponto, as escripturas!

Já no cimo do Golgotha tremendo
A palavra «perdão» caiu no mundo,
Mundo e homens por ella resgatados
Tem amplo, tem patente, aberto, e livre

O caminho do ceo pela esperança!
A cruz da infamia é signa de triumphos!
A cruz venceu!

Ó nobre lenho, salvè!
Salvè, lenho da cruz! Lábaro sancto,
Hasteádo no cume da montanha,
Salvè, tres vezes salvè! Mediatario
Entre os homens e o ceo, eis-te explicando
Os mysterios da vida e os do sepulchro
Aos seculos e ao mundo; eis-te assellando
Solemne, triumphal, eterno, o pacto,
O grão pacto de paz!

Prostrado e humilde
N'estes do templo marmores antigos,
Ás mãos a vós levanto, e ao ceo meus olhos:
O calix, que o meu Deus tragou submisso,
O calix doloroso da amargura
Foi ao mundo remedio e foi ventura!

IV

Resuscitou o Eterno! A gloria sua
Enche os mares e o ceo, inunda a terra,
Cobre todo o universo, e ao proprio abysmo
Um raio manda a consolar piedoso
Quantos podem ser inda consolados.
O Eterno resurgiu! Para acolhel-o
Abrem-se os ceos, como Elle abriu seus braços
Nos tratos do Calvario á humanidade!...

E o tumulo onde está? onde a campina,
Horto gentil tornado escuro e raso?
Onde os broncós penedos que a circulam,
E o cherubim formoso? Onde se escondem?

No mundo das visões estão perdidos,
Ou foi isto illusão dos meus sentidos?

V

Tudo é sombra em redor. Som de meus passos
Acorda nas abobadas profundas
Os eccos dormitantes. Apagou-se
A luz do sanctuario. Pelos ares
Os do templo domesticos espiritos
Vagueam susurrando brandamente.
Na casa do Senhor familiares
Uns com outros conversam. Aos ouvidos
Confusos sons de externo movimento
Pouco a pouco me chegam. Rescendentes
Estes ramos, que o marmore atapetam,
De fragrante alecrim, de rosmaninho,
Novos perfumes exhalar parecem
Pelo sancto recinto. Vae, lá fora,
Surgindo, creio, a madrugada ao mundo.
Os pendentes ornatos luctuosos
A frôxa luz embaçam. . .

Não: no cimo,
Áquella fresta gothica, perdida
Entre os rendados symbolos de pedra,
Timido assoma um raio; curioso
Debruça-se depois, e cresce, e alonga-se,
E vae, lucida fita abrindo as sombras,
Bater na cruz do altar.

Oh! não foi sonho
O cherubim, o tumulo, a campina. . .
Ai não, não me illudi. Aquelle raio,
Doirando a cruz, m'o diz; diz-m'o esta nave;
Estes véos dolorosos, tristes restos,
Me dizem tristemente a pompa triste;

Essa gala que ao templo se prepara
Precursora de festa e d'alegrias,
Tudo, tudo m'o diz.

Mysterio sancto
Da minha redempção, eu te saúdo!

Ave, Pae, Christo rei, divino Mestre
Que, de pé sobre o novo monumento,
O lençol de Joseph de Arimathea
Em purpura tornaste. Salvè, Christo,
Eterno vencedor; Sancto dos sanctos,
Que seccaste do mundo os longos prantos!

VI

Do templo em breve as sombras tenebrosas
Vão todas ser desfeitas. O veo negro
E os crépes que o revestem vão sumir-se.
Vestindo flores, e palmas, e brocados,
Aberto ao sol e aos homens, dentro em pouco
As altas, bronzeas portas descerrando,
Franquear-se ha-de ás turbas.

Virão ellas?
Sim, que hão-de vir. Eguaes talvez na pratica,
E talvez deseguaes no pensamento!

A pompa triumphal succede ao lucto
E a filha de Syão, a branca virgem
Da cidade sagrada, troca em risos,
Em cantos festivaes as lacrimosas
Doloridas canções. Assim triumpha
De seculos, de loucos, e de incredulos,—
E de ingratos tambem,—a nobre crença,
A fé pura da cruz! Assim aos tempos
De atroz perseguição e de desterro,

De dôr chorada em trevas, de mil penas,
De funda magoa, e tratos, e tormentos,
Succedeu bonançosa a quadra amena
Da victoria, da paz e dos seus fructos:
O protesto dós justos é qual era,
O Evangelho venceu, a Cruz impera.

VII

E o cherubim, que o tumulo guardava,
Permaneceu no mundo á voz do Eterno
Para o velar sem fim; que n'esse tumulo,
Vestibulo dos ceos, ficou patente
De Christo, Martyr-Deus, a extrema herança,
O thesouro dos homens, a esperança!

184...

XLV

AO REVERENDO F. R. DA S. MALHÃO (*)

EMINENTE ORADOR E POETA.

Ao mavioso cantor, illustre herdeiro
D'uma esplendida lyra,
Saúda, curvo e humilde, um forasteiro
Que respeitoso o admira!

(*) O sr. Beneficiado Francisco Raphael da Silveira Malhão, ornamento do pulpito portuguez, é sobrinho do celebre poeta Malhão, e tão digno d'este grande nome pela musa como pelas virtudes.

Tu excitas o transporte,
Eu sou simples trovador;
Mas fez-nos irmãos a sorte
Que nos deu o mesmo amor.
Deixa pois que o peregrino,
Bemdizendo o seu destino,
Teus humbraes logre passar.
O rico ao pobre consola:
Do teu espirito a esmola
Como pobre vou buscar.

Salvè, nobre cultor d'um nome illustre,
Que de loiros revestes;
Tu mudas, sobre as glorias do passado,
Em palmas os cyprestes.

Além do valle e do monte,
Teu canto n'alma senti:
Cuidei que era Anacreonte,
Julguei que ouvia Parny.
Via-te a fronte elevada
Tocar nos céos inspirada:
Vi-te explorar, grave e só,
Estas ruinas tamanhas,
E, como o rei das montanhas
Bradar-lhes: «erguei-vos pó!»

Foi teu berço, é teu sonho e teu regalo
A veiga florescente;
O monarcha da serra (1) é teu vassallo,
E Deus teu confidente!

(1) Allude-se ao castello de Obidos.

Quantas vezes, inclinado
Nos partidos bastiões,
Terás tu interrogado
Segredos das gerações?
E quantas mais, escutando
O suesta susurrando
Pelos rendados maineis,
Terás chamado á memoria
Vinte seculos de gloria,
Trinta gerações de reis.

Oh! que bello ha-de ser, em pé, na crista
Dos muros seculares,
N'um relance abraçar, cingir co'a vista
O campo, os ceos, e os mares.

Alvos lyrios do poeta
Que de coisas não dirão?
Que brando affecto a violeta!
Que negra magoa o chorão!
Como as nevoas matutinas
Sobre o calix das boninas,
Mil diamantes irão pôr,
Tornando, d'esta maneira,
Uma flor cada balseira,
Uma estrella cada flor!

Tu indagas do tumulo os segredos,
E com elle discorres,
Quando, ao luar, vacillam nos rochedos
As arestas das torres!

N'essa hora de mysterios
E de vago meditar,
Vida e morte dos imperios
Vaes na pedra decifrar,
Esse, farto já de estragos,
Ergues o rosto aos afagos
Da nocturna viração,
Vaes tindar, co'a voz que encanta,
Nas endeixas d'uma planta
A historia d'uma nação.

Vês, desfructas, intendes, e revelas
Essas magicas scenas,
Nasceste já familiar com ellas :
São as tuas camenas !

As magestosas ameias
Dos fragosos alcantis,
E as planuras todas cheias
De topasios e rubís ;
Ora o colosso da altura ;
Ora o arroyo que murmura ;
Aqui, os negros portaes,
Negros da mão dos Fronteiros,
Ali, os verdes oiteiros
Aljof'rados de cristaes ;

Tudo isto é teu, assim a rocha austera
Como o campo esmaltado.
Deu-t'o o genio do ermo. É teu. Impera
No que o genio te ha dado.

Vasto o espirito domina
Sobre os rôtos corucheos;
E das flores da campina
Se arremeça livre aos ceos.
Quem tal gosa e tanto sente,
No passado e no presente,
Pode acaso d'um mortal
Attender ao voto insano?
Pode: um vate é sempre humano
Mesmo n'esse pedestal! (1)

Quinta do Jardim, nas immediações
de Obidos.—1848

(1) O sr. beneficiado Malhão, que hoje o autor se honra de contar no numero dos seus amigos, respondeu immediatamente n'outra poesia, tão bem viçada e florida, que são para sentir os seus quasi extremos de encomiastica benevolencia. Folgara o autor de apresental-a como singular attestação da juvenilidade, frescor e espontaneidade d'aquelle grande engenho, que não verga ao peso dos annos, e a quem são tão familiares as sagradas lettras e a severa palavra dos Fleury e dos Bossuet como as lettras profanas e as deliciantes harmonias dos Gessner e dos Lamartine; quizera mais offerecel-a como prova de que o parnaso portuguez ainda acha folegos que o subam, e inspirações que perpetuem a gloriosa dynastia dos seus poetas. E de certo o fizera, se, por lhe ser tão lisonjeiro esse formoso trecho, já conhecido do publico, este sincero intuito não pudera passar aqui por ostentoso desvanecimento.

XLVI

A ANTONIO PEREIRA DA CUNHA. (*)

Pulchra stella in mare turbido!

I

Que me importa o rugir da tormenta?
Do monteiro que importa o clamôr?
Que me importa que a areia sedenta
Queime os ares co'o torrido ardor?

(*) Uma serie de circumstancias imprevistas collocaram inopinada e temporariamente o autor, ainda verdissimo de annos, no periodo da guerra civil de 1847, á testa do districto administrativo de Vianna, — uma deliciosa terra e uma população excellente, d'onde, e de quem, trouxe memorias para muito e saudades para sempre. Residia, como ainda hoje reside, n'aquella notavel villa,

Já não sinto o bulcão temeroso,
Zombo já do tremendo mastim,
E o deserto; com ser horroroso,
Pode a todos turbar; não a mim!

Não, que vejo, em melhor horisonte,
Melhor astro suave a luzir;
E nas fragas do rispido monte,
Flor d'esp'rança, a bonina a sorrir.

Astro e flor, no cansaço e procella,
És-me tu — e tu só — meu irmão:
Não ha luz mais gentil, flor mais bella,
Do que a luz, do que a flor da affeição.

agora cidade, que é o centro de sua casa e solar, o distincto dramaturgo, mavioso poeta, e nobilissimo orador, Pereira da Cunha, conhecido e presado de quantos amam e estimam as boas lettras d'esta terra. Já então existia entre ambos uma estreita amisade, que nem o tempo nem a distancia tem afrouxado, e que o autor folga de poder aqui altamente testemunhar.

Todos viram ha pouco o sr. Pereira da Cunha na tribuna parlamentar, e poderam apreciar os quilates do seu talento e a elevação do seu caracter.

Em 1847, o sr. Pereira da Cunha e o autor acharam-se n'uma situação ardua para ambos. Seguia cada um o partido a que tem constantemente permanecido fiel; e esses partidos encontravam-se no campo, em armas, e como inimigos. Ambos exerciam delegações importantes, e ambos militavam activamente sob contrarias bandeiras. Eram severas as instrucções que o chefe administrativo recebia da côrte, e o official do seu general, com relação aos grupos insurreccionados. Não o seriam menos porventura as que os cabos da insurreição communicavam aos seus immediatos. Apesar d'isso, o sr. Pereira da Cunha e o autor nem faltaram á amisade, nem trahiram os seus juramentos.

É-lhe suave recordar agora este lance consolador, deplorando os desvarios d'uma epoca luctuosa, que espera em Deus se não renove.

Seja permittida esta pequena explicação a quem tem sido [illegible]

II

Ai! peno tambem, qual penas,
Da patria as chagas fataes;
Qual as choras, choro as scenas,
Que d'irmãos fazem rivaes.
Nas rubras veigas, tingidas
D'uma hecatomba de Atridas,
Dobro os joelhos com fervor,
A carpir, de egual gemido,
As derrotas ao vencido,
O triumpho ao vencedor.

Mas se a furia tormentosa
Das soltas, bravas paixões,
Faz que terra tão mimosa,
Sulque o ferro das facções;
Se o rancor, faminto e vario,
Profanando este sacrario
D'um solo, benção do ceu,
Faz que o filho desvairado
Manche as mãos no sangue herdado,
Sobre o seio que lh'o deu;

de uma vez injustamente julgado pelas paixões partidarias, e sirva esse poemeto de provar como, já então, no meio dos horrores e da furia da guerra civil, para alguns homens o sentimento da patria estava acima dos delirios das facções, mesmo no meio d'ellas. Releve-se-lhe que elle se compraza tanto em volver os olhos para esta pagina: não é pelo que vale, é pelo que significa.

A poesia é resposta a outra primorosa, que ao autor fôra dirigida pelo seu amigo: as imagens com que abre, e que o leitor porventura não achará sufficientemente preparadas, referem-se ás que adornavam a elegantissima epistola do sr. Pereira da Cunha.

Se um povo, outr'ora d'amigos,
Povo de tygres se fez,
Se a gloria e os brios antigos
Se esqueceram d'uma vez,
Choremos; mas, alto o rosto,
Cada qual em bando opposto
Siga recto o seu pendão,
Sem paixão, sem mutua offensa,
Rivaes talvez pela crença,
Irmãos pelo coração.

Sim, amigo; o nosso encargo
E' de brandura, é de paz;
Se aos olhos se faz amargo,
O coração doce o faz.
N'elle juntos nos achamos,
Juntos soffremos e oramos;
Que ao peito, que espera e crê,
São-lhe os odios negro insulto:
Não attende ao vario culto
Quem tem n'alma a mesma fé.

Se, pois, á lucta corremos
E' para a mão estender
Ao que em terra anciado vemos
Já sem força a padecer,
Para as chagas lhe fecharmos,
Para, sequer, lhe atalharmos,
Nos roxos labios mortaes,
Blasphemos da campa á beira,
A maldição derradeira
Entre os derradeiros ais.

Se porventura algum dia,
Ás nossas juras fieis,
Nos toparmos na porfia,
Nuas as armas crueis,
Esquecendo a pugna irada,
Passarei á esquerda a espada,
E, dando-te a mão leal,
Bradarei: «os odios calem:
Paixões do mundo não valem
O que este abraço só val!»

III

Como a tua, minh'alma se empega
N'esse golpho luzente dos ceus;
Fende o ar, bebe o espaço, e, mal chega,
Seus suspiros confunde co'os teus.

Enlaçado comtigo, a teu lado,
Do ether corro as mansões de cristal;
E, enlevado, esquecendo outro fado,
Deixo o mundo, não sou já mortal.

Mas não só n'esses pairos sublimes
Eu te hei-de ir, caro irmão, abraçar:
N'esta terra, manchada de crimes,
Inda pode a esperança raiar.

Vianna do Castello.—1847

XLVII

ABD-EL-KADER

OU

O ULTIMO CAVALLEIRO ARABE.

(Um valle estreito nas gargantas do Atlas. O acampamento de um corpo de regulares de Abd-el-Kader. A tenda do Emir dominando as outras e distinguindo-se d'ellas pelo estandarte, fixado no chão, á entrada. Rompe o sol.)

ABD-EL-KADER

(*escutando os sons longinquos da musica marcial no bivac francez*).

Do christão os frouxos hymnos
N'este ouvido morrer vem,
Como os cantos femininos
Das moles noites do harem:
Nem de glorias, nem de amores
Sonha sequer os ardores;

Não lhe accende o coração
Este sol, que, se elle inflamma,
Faz cada lingua uma chamma,
Faz cada peito um vulcão.

De amor fallei? Tal fraqueza
Vence o guerreiro do Islam:
Foge á perfida belleza,
Vê na mulher uma irman.
Sente o amor? No amor impera.
Almas que o ferro tempera
Podem quebrar, não ceder;
Não acceitam jugo ou laço,
Querem livres ter o braço,
E livres querem morrer.

Emquanto a lei odiada
Reger em terras de Agar,
Nenhum de nós tem morada
Nem chão, nem tribu, nem lar.
Traça a longa carabina,
E largando na campina
O corcel, que ardendo está,
Vae sempre, erguido ou por terra,
Na mente um só voto: a guerra!
Na bocca um só nome: Allah!

A' guerra sancta, Kabylas,
Cavalleiros de El-Mondir,
Apertae as vossas filas,
Que vos chama a voz do Emir.
Eia! á guerra, em campo aberto!
Surjam do fundo deserto
Esquadrões sobre esquadrões,
Qual, nas areias da plaga,
Sobre uma vaga outra vaga
Rompe em alvos turbilhões.

O rude facho que ondeias
Azrael, vae-lhes lançar;
Cinge do Franko as ameias
De flammas rubro cocar.
Cidade sobre cidade
Prostre o incendio sem piedade;
E este ceo, em que vou ler
Meu fatal, sangrento rumo,
Tenha por nuvens o fumo
Dos seus castellos a arder.

Em terra olivedo e palmas!
Minemos os seus covís!
Vão cair as negras almas
Nas azas negras d'Eblís!
O solo os vomite aos ares!
Devolva-os o ceo aos mares!
Por campa as vagas! Depois,
Só se apague, n'estes luctos,
A chamma dos seus reductos
No sangue dos seus heroes.

(*Abraçando-se ao estandarte.*)

Eil-o, ainda aos ceos erguido
O signal da nossa fé,
Errante e sempre temido,
Proscripto e sempre de pé.
N'esta sagrada bandeira,
Nossa esp'rança derradeira,
Ninguem mais ouse pôr mão;
E, se eu cair na batalha,
Sirvam-me inda de mortalha
As dobras do meu pendão.

Já dominaste, potente
Velho inimigo da cruz,
Desde as orlas do Oriente
Até aos fins do Andaluz.
De mil raças triumphante,
A' tua sombra gigante
Já dormiram cem nações:
Se a procella te agitava,
Metade da Europa, escrava,
Tremia nos seus grilhões!

(*Sobrevem um official francez, ferido, encostando-se ao sabre partido, guiado por um dos arabes de Abd-el-Kader.*)

O ARABE.

Nobre Emir, um prisioneiro.

O OFFICIAL.

Eu era só: elles dez.

ABD-EL-KADER (*voltando-se severamente para o arabe*).

Contra dez um só guerreiro!

O OFFICIAL.

Era egual: eu sou francez.

ABD-EL-KADER.

Vaidade! Tendo uma espada
Rendeste-te!

O OFFICIAL (*atirando-lhe aos pés o sabre partido*).

Eil-a: quebrada.

ABD-EL-KADER (*depois de o encarar longamente*).

Do Atlas sobre os fraguedos
Não nos viste a pelejar?

O OFFICIAL (*tranquillamente*).

Inflammados os rochedos
Vi sobre nós a rolar.

ABD-EL-KADER.

Não nos viste em Constantina?

O OFFICIAL.

Foi-nos gloria, e a vós ruina.

ABD-EL-KADER.

Do cimo as nuvens rasgava
O mussulmano arcabuz,
Defendendo a terra escrava
Contra os assaltos da cruz:
O triste que succumbia
Crença e patria defendia.

Vês esse solo coberto
Pelas ossadas de irmãos,
Que branqueiam no deserto?
Morreram ás vossas mãos.
Como que o morto inda lança
O rugido da vingança!

Quem vos fez armar? A inveja.
Quem vos trouxe? Impio fervor.
O signal inda negreja

Nas garras do mercador
Nos roubados ninhos d'aguia...
Quem tem a divida, pague-a!

O OFFICIAL.

Percebo: á morte disposto
Busquei-a sempre na acção;
Nem lhe volto agora o rosto,
Nem me treme o coração.
Se de sangue tens cubiça
A morte ordena.

ABD-EL-KADER.

E' justiça.

O OFFICIAL.

Vamos: Onde? e quando?

ABD-EL-KADER.

Espera,
Franko, se tens que pedir,
Falla, diz, não é de fera
A mão robusta do Emir.
Seja qual fôr teu pedido,
Voto a Allah! será cumprido.

O OFFICIAL.

A ti!... Nada!...
(*depois de pensar*)
Peço...

ABD-EL-KADER (*vivamente*).

A vida?

O OFFICIAL.

Vinga-te sem me insultar!
(*tirando do peito a cruz da Legião de Honra*)
Esta cruz por sangue havida
Has-de mandal-a entregar,
Cumprindo a palavra dada,
Dos meus na guarda avançada.

Diz' que a manda o prisioneiro,
Pois que elle mesmo não vae.
E' presente derradeiro...
Que o remettam a meu pae.
Do honrado velho a memoria
Inda se inflamma na gloria.

Tambem d'antes pela França
Dando o sangue combateu...
Era eu a sua esp'rança,
O seu arrimo... era eu!...
De tudo porém me esqueço.
Fuzilem-me: eis o que peço.

ABD-EL-KADER

(*depois de ouvil-o attento, fitando-o longamente, e restituindo-lhe a cruz*).

Leva-a tu. Estás liberto.
Filial e sancto amor
Tambem conhece o deserto.
Parte, e dize ao vencedor:
«Se a paz quereis, imitae-o.»

O OFFICIAL.

Direi que és grande!

ABD-EL-KADER (*ao arabe*).

Guiae-o!

(O arabe inclina-se e afasta-se com o official).

ABD-EL-KADER *(apoz longa pausa e meditação).*

Guerra de morte, guerra de exterminio
Emquanto a voz do crente fôr ouvida;
Mas o sello indelevel do assassinio
Não manche a juba ao leão Numida.

Da vossa sepultura profanada
Abençoae, kalifas, o guerreiro:
Mostre o filho de Agar á Europa ousada
Que inda n'Africa existe um cavalleiro!

XLVIII

A CONVERSÃO. (*)

(DE POLYEUCTE, DE CORNEILLE.)

POLYEUCTE.

Se morrer por seu rei é sorte illustre,
Morrer pelo seu Deus inda mais bello.

(*) O autor juntou ás proprias tentativas estes excerptos dos melhores mestres nos varios generos de poesia, porque, aos seus olhos, não é menos arduo e difficil o remodelar em diverso idioma a forma e o sentimento poetico das paginas que a admiração dos seculos consagrou como monumentos da arte. Julga, além d'isso, que não será talvez inutil, como estudo, a implantação e nacionalisação de taes paradigmas: pelo menos servirão para indicar em vario traslado como a nossa riquissima lingua tanto se presta a todos os movimentos, affectos, imagens, ornatos, diversidades, e até phantasias da musa, que não ha difficuldades de locução peregrina que ella não possa vencer, devendo egualar-se, senão avantajar-se, ao original, quando este der em melhores e mais peritas mãos.

PAULINA.

Qual Deus?

POLYEUCTE.

Baixo, Paulina, que nos ouvem!
Um Deus não é, absurdo como os vossos,
Sem poder, sem vontade, mutilado,
D'um tronco, d'oiro, ou pedra, quaes os tendes.
O Deus é dos christãos, o meu e o vosso;
E ceos e terra não conhecem outro!

PAULINA.

Adora-o, se te apraz, mas finge e cala.

POLYEUCTE.

Idolatra e christão a um tempo fôra.

PAULINA.

Momentos só. Partir deixa Severo,
E de meu pae acceita o beneficio.

POLYEUCTE.

Préso mais o de Deus! Salva-me ao p'rigo
Que pudera correr; e, sem ter tempo
De desviar o rosto, a immortal c'rôa
Me cinge, n'esta lide entrado apenas.
Mal sopra o vendaval, conduz-me ao porto;
E, dada a redempção, livre me torna!...
Se soubesseis quam pouco importa a vida
E que premio sem fim segue esta morte!
Senhor, sois bom? Fazei que minha seja,
Christan de coração, senão de crença,
Tem virtudes, tem meritos e prendas
Para vos conhecer e para amar-vos,

Para quebrar o triste jugo ao erro
E n'elle não morrer como nascera.

PAULINA.

Que dizes, infeliz! quaes são teus votos?

POLYEUCTE.

Os que do sangue meu sellar quizera.

PAULINA.

Antes...

POLYEUCTE.

Em vão buscaes escudo inutil.
Quando menos se espera as almas boas
Toca o meu Deus. Se ainda não veiu o instante,
Ha-de vir; não sei quando; mas de certo.

PAULINA.

Teus delirios esquece, e teus orgulhos,
Pois que dizes amar-me ainda...

POLYEUCTE.

Se amo!
Menos que a Deus e mais do que a mim proprio.

PAULINA.

Em nome d'esse amor ouve os meus rogos.

POLYEUCTE.

Em nome d'esse amor segui meus passos.

PAULINA.

Pouco é deixar-me? Queres seduzir-me?

POLYEUCTE.

E' pouco o proprio ceo se vos não levo.

PAULINA.

Capricho sem razão!

POLYEUCTE.

Verdade augusta!

PAULINA.

Cegueira estranha!

POLYEUCTE.

Eterna claridade!

PAULINA.

Entre o amor e entre a morte ainda hesitas?

POLYEUCTE.

Hesitaes entre o mundo e a eterna patria?

186...

XLIX

AS RUINAS DOS MONUMENTOS CHRISTÃOS.

(IMITADO DE ALEX. SAUMET E DE BARQUEVILLE.)

Quem não tem percorrido em lentos passos
Ermo recinto á cathedral antiga,
Em que ao Senhor seus avós oraram?

As ruinas tem falla!

O degrau sancto
Onde outr'ora, no pó sumida a fronte,
E tanta vez o coração prostrado,
Deu prantos o remorso, e a prece allivios;
O renque de sepulchros já musgosós;
Rôta a cupula, e os vasos mutilados;
Tudo attesta o poder do Tempo e Morte!

Ante o nada o mortal pára e medita.
Ao disperso conjunto a phantasia
Volve o culto solemne, o incenso e as aras.
D'um seculo atravez escuta os hymnos
Que sob a arcada a multidão cantava.

Timida noiva ali corou de pejo.
Aqui, piedoso e ufano, o adolescente,
Bello como o seu dom, puro como elle,
Ao Senhor consagrou, parco tributo,
O fructo e a flor, do sólo seu primicias!

E tudo já lá vae!

Um passo o Tempo
Implacavel deu mais; e jaz immovel
A Morte onde sorria orando a infancia.
Crescem hervas no altar. Ave funérea
Com prophetico pio dobra a mágoa.

De tempo em tempo um cenobita em lucto
Vem ali visitar o amigo extincto.
A saudade o attrahe; conhece a campa;
De lousa em lousa sua dôr passeia.
Entre ossadas e marmores partidos,
Que vae dos olhos seus regando triste,
Cava sem desmaiar o leito extremo.
O nocturno aquilão leva-lhe as rezas,
E o claustro fundo lhe repete os eccos.

Aos sanctos restos, ás paredes rôtas
Que incognito poder minh'alma prende?
A crença pura, seductora fada,
Praz-se em ligar-nos com secreto enlevo
A cada monumento a Deus sagrado.
Do martyr o sepulchro, a penha, o ermo,
Onde, em longo desterro, o anachoreta

Largos annos viveu, tudo nos falla,
E falla ao coração!

Supremo emblema
Que o universo christão prostrado adora,
Modesta cruz, qual é teu mór imperio?
E' que em muda lição aos mortaes dizes:
«Um Deus morreu por vós, cumpri seus votos!»
Quanta vez imprevisto o seu aspecto
Deu paz á penitencia, pranto aos males,
Remorso ao crime, e ao desgraçado esp'rança?

D'estes restos me afasto, o passo alongo,
E tomo, sob a copa do arvoredo,
Por entre as áleas densas e confusas
Da matta do mosteiro. A' sombra vasta
Do secular carvalho crescem livres
Os bastos espinhaes e as urzes bravas.
Mão d homem já não monda a carça agreste
No esquecido torrão da cerca antiga
Das filhas do Senhor!

Além diviso
Da casa abandonada os arcos rôtos;
E os fustes entre as vides sem cultura;
E os partidos humbraes, cobertos de hera;
E os lavores do tecto o chão juncando;
E a nave aberta, e a crypta profanada!

Eis truncada a capella suspirosa
Onde a esposa de Christo, a paz buscando,
Sagrou a Deus seus dias e seus votos.
Eis a cella, onde, humilde, á eternidade
Mandava ardendo as orações diarias,
Aqui seu coração se confessava.
Este altar muita vez bebeu seu pranto,
Negras ainda dos sagrados crepes,

Estas paredes, prolongando os eccos,
Decoraram seus canticos piedosos.
Ella mesma zelosa suspendia
Ás antigas pilastras as reliquias
D'um martyr, ou d'um sancto, e cultivava
No vergel reservado as alvas flores,
Imagens da pureza e da sua alma.

Que saudades me traz ao pensamento
O sino que açoitava outr'ora o espaço!
Quantas vézes do bronze os sons terriveis
Encheram de pavor o atheu e o impio,
Quando, á noite, essa funebre harmonia
Dizia que um mortal baixara á terra!

Luzindo a aurora, se o trinar das aves
Dava o signal do lavor campestre,
Logo o sino tangia vigilante;
Corria ao templo a turba impaciente;
E vinham todos supplicar o Eterno
Que a nascente seára lhes medrasse.

Mas, longinqua, descubro outra ruina,
Tal como estas devota e mais solemne,
A chamar-me entre as nevoas do horisonte.

Corramos para as rochas empinadas,
Negro berço de indomitas procellas,
Que se debruça nas fragosas ribas
D'esse mar infamado de naufragios,
Cujos heroes, em lenda veneranda,
O filho de Fingal cantou tremendo!

Lá vejo o velho bosque, e perto d'elle
Quasi ao cimo a chapada solitaria
Onde o gamo tosquia vagabundo
A relva dos sepulchros; espalhados,

Como dispersos por secreto anceio,
Alguns pinheiros; e a fugaz torrente
Rolando com fragor por entre abêtos;
E o trovão a rugir em ceo nevoento;
E o rouco som dos ventos e das vagas;
E o gothico relevo em claustro escuro
Vestindo o féto os lugubres ornatos!

Tudo me encanta ali, e em taes logares
Sublime horror meus olhos apavora.

Rapidas azas bate a phantasia;
Abraça a neve eterna d'esses montes,
E de mil tradições os vae povoando.
Olhando segue os pios solitarios,
Errantes sob a arcada das clausuras;
Na aragem vespertina ouve os suspiros,
E escuta immovel, muda e pensativa,
D'orgão gemente a queixa harmoniosa;

Como que ao longe accordes invisiveis
Vagos se elevam na amplidão dos ares,
E, refazendo o altar espedaçado,
A Deus offertam novo sacrificio!

1853

L

NO NAUFRAGIO DO VAPOR PORTO.

Ferve o pégo em cachões! O fraco e o forte
Ante o golpe supremo egual descora:
Com medonho stridor ruge traidora
A onda nos parceis, na onda a morte.

Fatigado o baixel, perdido o norte,
Sente a vida a fugir-lhe d'hora em hora:
Debalde o mar e o ceo e a praia implora,
Debalde a terra lhe lamenta a sorte!

Da vista e da memoria não se apaga
Esta lucta, horrorosa na anciedade,
Do homem fragil contra o mar que o traga.

Recebei-os, Senhor!... Senhor, piedade!...
Cede o lenho afinal... rebenta a vaga...
Abre-se a um tempo o abysmo e a eternidade!

1869

LI

O ECCO.

FRAGMENTO.

(IMITAÇÃO DO HESPANHOL.)

Em Burgos entrei ovante,
Ao fero som dos tambores,
Com mais honras, mais louvores
Do que sonhar nunca ousei.
Ao meu paço já chegava,
E ao transpor-lhe o atrio mudo,
Ai! minh'alma, e gloria, e tudo,
Triste á maldicção votei!

As portas vi descerradas,
Quaes se aguardado ali fôra;
Mas nem a dar-me um embora
Vi de dentro vir ninguem.
E os escudeiros, e as donas,
Que eu deixara em me apartando,
Não vinham, como affrontando
Meus loiros com seu desdem.

Pelas portas adiante
Debalde entrei pressuroso,
Chamando com brado iroso
A familia desleal.
Ecco vão, que das abobadas
Nos recantos se escondia,
Aos meus brados respondia
Com sarcasmo sepulchral.

Raivando disse:—«Esta gente
Onde ousada se concentra?»
E o ecco me tornou:—*entra!*
E entrou-me n'alma o pavor.
Clamei depois doloroso:
—«Vem, esposa, vem querida!»
E o ecco murmurou:—*ida!*
Pelo immenso corredor.

Bradei ao cabo, iracundo:
—«Nenhuma voz me contesta?»
Respondeu-me o ecco: *esta*
E o furor me transportou.
—«Quem, gritei, mesmo em meus paços
Moteja a minha esperança?»
E o ecco retumbou:—*França!*
E *França* ao longe soou.

Logo envisto o triste alcaçar
D'um vago instincto guiado;
Meus passos arrebatado,
A' capella dirigi:
Chego, e a porta cede ao impeto.
Cravo os olhos furiosos,
E, em torno do altar, chorosos,
Os meus servos todos vi.

—«Que é isto?»—disse com pasmo
Do que presente ali tinha,—
«Loucos! Julgaveis que eu vinha
«Accommetter meu solar?
«Porque fugis para as aras?
«Porque tremeis, gente treda...?»
Mas a turba, muda e queda,
Nem o resto ousava alçar.

N'isto corri desvairado
A mansão religiosa;
E, não vendo a minha esposa,
Que esperava achar em fim,
Travei, fremente, do collo
Ao que topei mais a geito,
E, pondo-lhe a adaga ao peito,
Lhe rugi em furia assim:

—«Onde se occulta a condessa?
«Dize, ou cravo-a banda a banda!»
E o ecco a restrugir:—*anda*!
Porque o pobre emmudeceu.
—«Fallae por Deus!»—disse attonito,—
«Porque tal dôr mostraes hoje?»
Minha esposa onde está:—*foge*!
Funebre o ecco gemeu.

LII

EVOCAÇÃO.

(ÀS PROTECTORAS DAS IRMÃS DA CARIDADE PORTUGUEZAS.)

Vem dos ceos, ó caridade,
Vem, ó mimosa dos ceos;
Flor que brota a humanidade
No seio do proprio Deus;
Sancta flor tornada em fructo,
Que onde mais negreja o lucto
Mais perfume exhala a flor;
Flor que nasce onde outras morrem,
Que onde mais os prantos correm
Mais tem o fructo sabor.

Gémea da Fé, da Esperança,
Resume Esperança e Fé:
Como ellas jámais descança,
Como ellas consola e crê.
No leito do moribundo,
Onde quasi acaba o mundo,
Seu mester não acabou:
Onde geme a dôr mais forte,
Onde as mãos estende a morte,
Ella a morte desviou.

Do divino lado aberto,
Co'o sangue do Rei dos reis,
Correu sobre este deserto,
Esta nobre lei das leis;
Correu, manou, sacro mixto
Do corpo e d'alma de Christo,
Do martyrio e redempção;
Correu sobre humanas dôres,
Flor que aos espinhos dá flores,
Flor que é flor do coração.

Mas esta flor é mais pura,
Mas é mais bella esta flor,
Quando ás mãos da formosura
A entrega a mão do Senhor:
N'essas mãos, em zelo ardendo,
Phenix christã, renascendo,
De si mesma renasceu:
Para ás magoas fazer guerra,
Chamam-te as graças da terra...
Vem, pois, ó graça do Ceu!

LIII

VINTE E QUATRO DE JULHO.

AO MARECHAL DUQUE DA TERCEIRA.

I

Salvè, meu marechal! Só no teu nome
Um feito se resume glorioso:
E' titulo que o tempo não consome,
E a espada que t'o deu t'o fez famoso!

As balas e as bayonetas inimigas
Nas rochas t'o gravaram da Terceira,
Dando ao brazão das gerações antigas
Os novos loiros d'immortal bandeira.

De pé, n'um serro, sobranceiro aos mares,
Dispões a palma, que ao porvir pertence,
Dos livres o pregão soltando aos ares...
E um povo accorda, e surge, e pugna, e vence!

Não recordas, ó musa, egregios feitos
Em nome dos delirios fratricidas;
Nem pretendes aqui soprar nos peitos,
Armados odios que ceifaram vidas.

Choras o sangue, que na lide ingente,
Correu de irmãos sobre a patria terra;
E, ajoelhando christã, levantas crente
A cruz da dôr sobre os tropheos da guerra!

Cantar do vencedor o esforço e a gloria
E' gloria dar ao bravo que a disputa:
Não ha valor, nem ficará memoria,
Onde o brio não fez custosa a lucta.

Todo o béllico arrojo a mente inflamma,
Como todo o soffrer piedade inspira:
Pode a tuba eccoar nas mãos da fama,
Qual da crença nas mãos gemer a lyra.

II

Um punhado de valentes
Sae das muralhas do Porto;
E, aos olhos d'um povo absorto,
Cruza os mares inclementes.
Cego arrojo lhe chamaram;
Mas os bravos avançaram
Sob o invencivel pendão.
Quem resistir-lhes, quem ha-de?
Tem na bocca a liberdade,
E a patria no coração.

Tomam terra! Armas ao hombro!
Passo dobre! Marcha á gloria!
Ante elles brilha a victoria,
Fica atraz d'elles o assombro...
Quebram malhas apertadas,
Rompem as filas cerradas
Que audaz contrario estendeu.
É-lhes já, da Europa á vista,
Cada passo uma conquista,
Cada combate um tropheu.

D'um só impeto arrojados
Chegam ás margens do Tejo,
Velozes como o desejo,
Pelo desejo chamados.
Chegam; combatem de novo!
Como Moysés, todo um povo
Juncta por elles as mãos.
Combatem; vencem! N'um dia,
Era livre a monarchia,
Eram livres seus irmãos!

III

E Terceira á frente vôa
Da phalange mais que humana,
Desde os campos do Guadiana...
Té ás portas de Lisboa.
Quem mais fez á liberdade?
Qual acção de heroicidade
Se lhe conta por egual?
Qual teve mais largo effeito?
Que valor houve em tal feito?
Diga-o toda a capital.

Applaudindo o impulso fero
Os exercitos pararam,
Como se ali admiraram
Os semi-deuses de Homero.
Todo o bravo, em toda a parte,
Ha-de hoje, ó duque, saudar-te
Em seu coração leal;
Dizer ha-de em consciencia,
Perfilando á continencia:
— «Parabens, meu marechal!»

E o veterano esforçado,
Que ao teu mando combatia,
Em vendo romper o dia
Dirá tambem transportado:
«Faz annos que ali defronte
«Por uma bala na fronte
«O meu *habito* ganhei!»
Só ao *merito*, em verdade,
Ao *valor* e á *lealdade*
O dava então justa lei.

Teu nome, não, não esquece
N'este exercito brioso;
Cada anno o laurel honroso
Mais brilhante refloresce:
Lembra o feito da Terceira,
Lembra o nome da Asseiceira,
Lembra o que é, e o que foi;
Lembra o impavido *quadrado*,
Lembra que, duque, és soldado,
E que, soldado, és heroe!

Lembra a intrepidez ardente
Dos teus bravos camaradas,
Cujas valentes espadas
Iam comtigo na frente;
Cujo dictame e efficacia
Fez que se chamasse a audacia
Mais que audacia, grande acção;
E a temeridade á gloria
Desse novos graus na historia,
E historia nova á nação!

[illegible]

LIV

A PATRIA E A MUSA.

Segues, ó musa, férvida e contente,
O impulso dos destinos,
Sagrando á patria, que te exalta a mente,
Os teus épicos hymnos.

Podes livre cantar, á lyra augusta,
Seu nome e seus louvores:
Suspeita não serás, que a mão robusta
Não tange por senhores.

A' grandeza, ao poder não te avassallas
Em torpes improvisos;
Não te hão visto esmolar, por vãos de salas
Protecções, nem sorrisos.

Já contra a força ergueste sem receio
Um brado sem pavor:
Tu só, da turba triumphal no meio,
Reptaste o vencedor.

Suspeita não serás, tendo por guias
A justiça, a verdade;
Prégando aos povos, n'uns e n'outros dias,
Razão e liberdade.

Canta, pois te não dobras, nem trovejas
Funesta imprecação;
Nem orgulhos fataes, nem vis invejas
Te hão dado a inspiração.

185...

LV

Á RAINHA DE HESPANHA,

POR OCCASIÃO DE SE DIRIGIR AO TEMPLO EM ACÇÃO DE GRAÇAS PELO SEU RESTABELECIMENTO, DEPOIS DA TENTATIVA DE ASSASSINIO COMMETTIDA CONTRA A SUA REAL PESSOA.

(DO HESPANHOL, DE MARTINEZ DE LA ROSA.)

E' ella. Não n'a vêdes? Vinde. E' ella!
Salvou-a o ceo, e brilha inda mais bella!
　　Tal o sol refulgente,
Apoz o precursor carro da Aurora,
O mundo alegra no rosado Oriente:
　　Opaca nuvem triste
　　Levanta-se traidora
E ante a face gentil passa ligeira;
　　Mas o astro do dia
Em torrentes a luz ao sólo envia,
E ufano segue a triumphal carreira.

Bemdicto Deus, que nos resguarda a vida
Da Rainha querida.
Só Deus, Deus só, lhe foi prestante escudo
Contra o golpe sanhudo;
A cruenta ferida
Com balsamo do ceo foi logo ungida:
Do horror no paroxismo
A séva morte se afundou no abysmo.

Correi, correi, velozes:
Os brados não ouvis e alegres vozes?
Ao templo vae. No rosto egual a um astro
A dôr não lhe deixou mancha nem rastro.
Seu porte é sem receio;
Tranquillo tem o seio;
Dorme-lhe um anjo nos amantes braços,
E o da guarda sollicito a acompanha
Para dita da Hespanha.

Corôas, palmas, flores!
De myrtho verde atapetae-lhe o passo;
Os cantos e os louvores
Repita o ceo, havendo enchido o espaço.
«Honra e gloria ao Senhor Deus das alturas!»
Só elle é poderoso
Tanto quanto piedoso;
Os planetas inflamma
E lhes mostra co'a forte dextra alçada
Nos ceos a clara estrada;
Elle deu brilho ao mar, azas ao vento,
E luz ao firmamento;
Com leis eternas rege
A mole do Universo;
E, rompendo vís tramas ao perverso,
Elle salva as nações e os reis protege.

1852

LVI

O POVO.

I

Amo o povo, detesto os que o pervertem!

Não o adulo sem fé. Verdades rudes
Lhe hei dicto muita vez, e frente a frente.
Não lhe acato servil sómente a força;
O ingenuo coração lhe não depravo,
Nem seu braço possante sollicito.
Rei lhe não chamo, porque povo o quero.
As purpuras do escarneo lhe não lanço
Sobre os hombros robustos; nem por sceptro,
Um signal de irrisão lhe encosto ao braço.
Grande o desejo, e para ter grandeza,
Dou-lhe por molde a virtude austera;
E amigo, não escravo, a mão lhe estendo
A fim de lhe estancar o pranto acerbo
Nas horas da agonia. Quando folga
Folgo com elle. Quando se lamenta
Lamento-lhe o penar, peno a seu lado.

Se acaso fero ameaça e ruge em furia
Aponto-lhe o Evangelho, a paz lhe indico,
E Christo, mestre seu!

Estimo o povo,
Não lhe excito as paixões, tampouco exploro
A mina dos seus odios. Não divido
Em parcellas rivaes fraterno todo.
Não sou tribuno preparando arminhos.
Aos comicios não vou, mentindo á patria,
Suffragios mendigar por vís recursos!

O povo ennobrecer é melhoral-o,
Cultivar-lhe os instinctos generosos,
Apagar-lhe as invejas e os rancores
Que sem remorso as facções lhe inspiram!
Presal-o é dar-lhe a luz, mostrar-lhe os riscos.

Amo o povo, detesto os que o pervertem!

II

Este povo onde está?

Compõem-n'o acaso
Sómente aquelles que se rojam torpes
No limo das revoltas? que não surgem,
Senão nos dias das funestas luctas, —
Social espuma, equivoca, sem nome,
Qual só pode sair á superficie
Quando a procella desentranha ao pego
Vagas e vagas que trovejam morte?

Serão esses o povo? esses que o ferro
Sem dó, sem pejo, ao coração lhe apontam?
E o lar lhe invadem? e o suor lhe usurpam?
E, n'um throno breado, lhe alevantam

Um simulacro vão? esses que á praça
Os nobres instrumentos do trabalho,
Em fogueira voraz, vão consumir-lhe,
Tripudiando em redor, — ou recostados
Nos braços da indolencia, apoz a orgia,
Sonhando orgias novas?

O povo é outro;
Sicarios não são povo! E' procural-o.
Não heis-de vêl-o assoldadado aos Syllas
Em secretas phalanges. Heis-de achal-o
No por o, na seara, na officina,
Pendido sobre o sulco, pressuroso
A patria enriquecendo, que, n'um dia,
Os horriveis combates fratricidas
Estancam novamente!

E' este o povo. E' este o que alguns impios
Saudam por monarcha, e o dilaceram
Co'as varas do lictor; este o que exaltam
Quando querem degrau; este o que espremem
Depois de ter subido; este o que expulsam
Quando, ás portas das salas, atulhadas
D'um sequito a fulgir, lhes vem faminto
Pedir pão e trabalho!

Eis o povo, pretexto muitas vezes,
E victima outras muitas!

Pobre povo!
Coitado d'elle — o povo! — que se illude,
Que illudem tantos, de quem tantos zombam,
Jurando, qual de Deus, em vão seu nome!

Ai! povo, quem me dera abrir-te os olhos,
E, bem diante d'elles, pôr-te em alvo
De alguns teus serviçaes as almas nuas!...

Eu amo-te por ti; amo-te, e creio
Nos destinos do mundo e do Evangelho.
Por isso nem te adulo nem te exploro.
Adulam-te os que o braço te requestam;
Exploram-te os que vivem da cegueira.
Tenho fé! — Povo, povo,
Tem fé tambem. Accorda, accorda um dia, —
Não co'as armas na mão, turbado e em furia,
Mas desperta a vontade e a intelligencia, —
Povo, accorda; no desengano estuda;
E se depois conservas
Motivos de queixar-te,
De ti mesmo te queixa; és digno d'isso!

185...

LVII

DIOMÉDES E HEITOR. (*)

EPISODIO DO LIVRO VIII DA ILIADA.

(VERTIDO DO GREGO DE HOMERO.)

Homerus musarum pater, et poetarum rex.
HEURNIUS.

Diomédes o fero, transportado
Pelo sabio Nestor que o carro guia,
Avança, ao proprio Marte comparado;
E no mesmo momento se veria,
Qual timido rebanho amedrontado,
Fugirem os Troyanos á porfia,
Se o rei dos deuses, pae da humana gente
Lhes não volvesse os olhos indulgente.

(*) Sabe o auctor que em conta de temeridade se lhe pode lançar este commettimento de traduzir o maior poeta antigo na forma glorificada pelo maior poeta nacional.

Allegará porém em sua defesa que não desconhece as difficul-

Recresce logo o estrépito assombroso
Do horrisono trovão; o estrondo augmenta
Do curvo monte o ecco sonoroso;
Um apoz outro livido rebenta
Relampago fugace; temeroso
Fulge o raio, que estala na tormenta,
E, ardendo, aos pés da cèlere quadriga
Cae, diante do heroe, que vôa á briga.

dades nem o perigo; e que, se a elle se arrojou, não foi por cegueiras de confiança presumida, senão por cabal persuasão e convencimento de que a oitava rimada, pela sua anchura e magestade, é a mais accommodada para dar idéa das imagens épicas em poemas de tal ordem.

O episodio, aqui vertido, toma no original desde o verso 130 do canto, ou rhapsodia, VIII (Ἔνθά κε λοιγὸς εἤν, καὶ ἀμήχανα ἔργα γένοντο etc.) até ao verso 171 da mesma rhapsodia, (Σῆμα τιθεὶς Τρώεσσι etc.) inclusivè.

A traducção comprehende apenas 12 estancias ou 96 versos.

Quem conhece a structura do verso grego, a opulencia e numerosidade de tal idioma, a latitude que aos seus poetas dava o uso de cinco dialectos, a elasticidade e variedade que d'ahi resulta, a difficuldade de trasladar o sentido exacto de *tempos* e *modos* que não teem correspondentes nas linguas modernas; finalmente, quem sabe as complicações que traz comsigo a versificação rimada, quando na rima se observam os escrupulosos preceitos que a arte ensina, poderá convencer-se de que não seria talvez muito possivel reduzir a menos as estancias e o numero de versos na traducção, nem, portanto, interpretar mais concisamente o texto.

E tal reflexão occorre ao auctor lembrando-se da versão da *Eneida* de Virgilio, por João Franco Barreto, tambem em oitava rima; pacientissimo trabalho, ás vezes admiravel como poesia, muitas mais infiel como decifração. Não podia deixar de vir á memoria uma obra d'estas em caso tão analogo, e em que ha tão poucos exemplares; nem deviam esquecer os riscos da diffusão, em que naufragou aquelle prestantissimo engenho, para os advertir e acautelar.

D'aqui se vê que, dando-se por avisado o auctor, lhe incumbia fugir do escolho; fôra pois inutil dizer que assim o tentou.

É Homero o primeiro e o mais famoso entre os epicos. Compara-o Pope, no *Ensaio sobre a sua vida e escriptos* a um abundantissimo viveiro, em que se contém (diz elle) as sementes e primi-

Em sulphur vivo os ares inflammando,
Horrida a flamma azul turba os sentidos;
Empinam-se os cavallos recuando,
Quasi o carro a tombar espavoridos;
Nestor, sem já poder impôr-lhes mando,
Que os alentos aos annos traz rendidos,
Deixa as guias cair, de horror tomado,
E assim falla ao guerreiro denodado:

ras producções de cada especie.» A estimação dos antigos ficou attestada em numerosos documentos. Lycurgo, o Legislador, fez reunir, em Lacedemonia, os seus poemas completos. Pisistrato, rei de Athenas, serviu-lhes de collector illustrado. Alexandre, o Grande, considerou-os tão importantes que se applicou em pessoa a rever, coordenar, e expurgar dos erros e falsificações dos copistas, estas obras preciosas, com o auxilio de Anaxarchas e de Calistenes. Na côrte sapiente dos Ptolomeos do Egypto era tão venerado o poeta que se pagavam expressamente, e por altos salarios, escrivães lettrados que fossem á Grecia transcrever e depurar a *Odyssea* e a *Iliada*. Antiocho, rei da Syria, incumbiu especialmente ao poeta Arato o cuidado de superintender na *Iliada*. Confirmam todos estes factos Cleomenes nos *Apophtegmas*, Plutarcho nas *Vidas dos Homens illustres*, Strabão e Suidas, Diodoro de Sicilia e Velleio Paterculo que a seu respeito se exprime n'estes termos: «Clarissimum «deinde Homeri illuxit ingenium, sine exemplo maximum, qui ma«gnitude operum et fulgore carminum solus appellari poeta me«ruit; in quo hoc maximum est, quòd neque ante illum, quem il«le imitaretur, neque post illum, qui eum imitari possit, inventus «est.»

Os povos bellicosos de Sparta e Macedonia divinisaram o cantor das primeiras batalhas hellenicas na Asia.

O pobre poeta, que vivera despresado, obscuro, e espoliado, foi, depois de morto, elevado ás honras immortaes!

Triste e sempre repetido sarcasmo da incuravel obcecação humana!

E essa ingratidão funesta, não a podem aos antigos reprehender os modernos, que deixaram morrer desesperados Camões, Chaterton, Gilbert, e ainda hontem Nerval, á falta de um pouco d'aquelle oiro, que só tarde lhes prodigalisam em ociosos monumentos, simulacros de gloria e attestações de irrisão.

Elevaram-se estatuas, instituiram-se jogos, gravaram-se medalhas, e esculpiram-se apotheoses em memoria do vate; e o que peregrinara, na Grecia culta, alugando por alguns óbolos o genio, a

—«Ó filho de Tydeo, n'essa campina
«Aos ligeiros corseis abre a carreira,
«E fujamos á colera divina.
«Não vês que Jove ameaça, e a palma inteira
«D'esta batalha ao duro Heitor destina?
«Façamol-o propicio, e talvez queira,
«Mais benigno attendendo á nossa gloria,
«N'outro dia entregar-nos a victoria.

dignidade, e o saber,—quasi esmolando da indifferença os incertos subsidios de uma existencia amargurada,—veiu a ter templos sumptuosos em Chio, Alexandria e Smyrna, e foi egualado a Apollo, o deus da sciencia e da poesia, nas invocações familiares dos de Argos.

A profusão das glorias posthumas tornou-se pelo menos egual ao abandono vergonhoso dos coetaneos. Conta Eliano que os Indios e os Persas cantavam os seus versos no proprio idioma de cada povo.

Nos primeiros seculos da Egreja, a reacção contra o paganismo, incitada da tendencia para as doutrinas de Platão que prohibira a leitura d'aquelles poemas, condemnou temporariamente a um ostracismo absurdo as prodigiosas paginas do bardo hellenico. Vê-se porém que, em despeito d'esta proscripção supersticiosa, os espiritos superiores ficaram apreciando como d'antes as incontestaveis bellezas e as vigorosas concepções do grande poeta, pois que Rufino reprehende a S. Jeronymo a leitura dos poemas de Homero, e Santo Agostinho, apesar do espirito do IV seculo, não duvida chamar-lhe: DULCISSIMÉ *vanus!*

Para o rehabilitarem, as suas ficções foram explicadas como allegorias, e d'ahi nasceu uma infinidade de systemas, mais ou menos engenhosos. Attribuiram-lhe idéas, em que provavelmente elle nunca pensou; e estas, segundo todas as apparencias, deram ulteriormente origem aos trabalhos do abbade Dupuis, ás Theogonias comparadas, e ás Analyses mysticas da nova Germania.

A poesia, como instincto lyrico, era de certo já conhecida antes de Homero. Sem retrocedermos ao mytho de Orpheo, nem recorrermos á *Bibliotheca grega* de Fabricio, que pretendeu contar setenta poetas predecessores,—nenhum dos quaes teve a fortuna de passar á posteridade,—no mesmo Homero achamos as provas da existencia de uma especie de menestreis, similhantes aos da meia edade, como se vê do VIII livro da Odyssea e do que elle mesmo refere dos dois cantores Phémio e Demódoco.

Se a poesia porém existia,—nem podia deixar de existir,—

«Qual pujança mortal, ou qual humano,
«Por afoito que seja e temerario,
«Aos decretos do Nume soberano
«Ha-de oppôr o seu animo precario?
«E' cega presumpção, é voto insano
«Armas tentar com Jupiter contrario:
«Tudo vence um esforço peregrino,
«Menos domar o indomito destino.»

como necessidade do espirito e expressão do genio popular, é todavia innegavel que Homero foi o primeiro que a fez arte. Conquistou, mereceu e consagrou elle o titulo de poeta, que antes não achámos, porque nenhum antes d'elle assim engrandecera e nobilitara tal exercicio, deixando-o perpetuado em verdadeiros monumentos, e iniciando com tal superioridade o modo de tratar os assumptos heroicos que as suas praxes ficaram constituindo regras. Testemunha-o Horacio quando affirma:

«Res gestæ Regumque Ducumque, et fortia bella,
«Quo scribent possent numero, monstravit Homerus.»

Além de poeta, Homero,—como, depois d'elle, o Dante em Italia, Shakspeare em Inglaterra, e entre nós Camões,—foi um dos raros genios impulsores que, nas obras que legam ao futuro, imprimem um andamento de seculos á humanidade.

Glorificam-lhe os criticos e commentadores as louçanias da locução e o artificio instinctivo das disposições; mas não menos lhe admiram a sciencia, prodigiosa para a sua epoca, e tal que ficou por muito tempo como codigo de sabedoria entre as familias, e monumento de educação entre os povos.

Vencidas as obscuridades do texto e as difficuldades de uma interpretação laboriosa, o que para logo maravilha é a lucidez com que diante dos olhos se levanta a imagem, já profunda, já pathetica, já scintillante, já vehemente, já arrebatada, já terrivel, passando á graça suavissima por entre os raptos do enthusiasmo. Tal é, por exemplo, o episodio de Venus ferida, no regaço de Dionéa; tal é a oração de Heitor pelo pequenino Astyanax; taes são as despedidas de Andromacha no VI canto.

Não captiva, nem encanta menos a fidelidade descriptiva, a opulencia das expressões, a energia dos contrastes, e a variedade dos quadros, entre os quaes se contam alguns tidos em conta de auctorisados repositorios de boa historia: n'este ultimo caso teem sido consideradas as acções de Tydeo em Thebas, a fundação de Rhodes,

O grão Diomedes, sem que a tal se dome,
Tôrvo responde:—«Adverso o deus bem vejo.
«Mas fugir! Faz-me horror da fuga o nome,
«E nem posso vencer o meu desejo.
«Que Diomedes temendo-o se lhe some
«Irá contar Heitor em tal ensejo!
«Não, as costas não dou aonde ha guerra:
«Antes se rasgue e me devore a terra!»

a guerra dos Etólios com os Curétes, a genealogia dos reis de Mycenas, e as particularidades do cerco de Troya, narradas com tal conhecimento da arte da guerra contemporanea, que Hermias e Sitrócles d'ali extrahiram em parte os seus tractados e escriptos technicos.

A moral e a philosophia tanto devem tambem aos seus preceitos, sentenças, maximas e aphorismos, que os gregos reconhecidos deram ao poeta por cognome *o pae da virtude*; e, ainda n'este ponto, Horacio, bom apreciador, torna a assegurar que ninguem como elle conseguíra inspirar o amor do agradavel, do util, e do bom:

«Qui quid sit pulchrum, quid turpe, quid utile, quid non,
«Plenius, et melius Chrysippo et Crantore dicit.»

Quintilianno, outro mestre, descreve com singular elegancia e concisão o admiravel conjunto dos raros dotes que o distinguem: «lætus ac pressus, jucundus et gravis, tum copia tum brevitate mi«rabilis, nec poetica modò sed oratoria virtute eminentissimus.»

Homero é ainda hoje frequentemente citado; e a veneração, que em todos os seculos lhe ajoelhou aos pés, tem-se-lhe conservado fiel ao culto tradicional. Diga-se porém a verdade: se o nome é ainda a miude invocado, os meritos são já menos conhecidos. A admiração vulgar, repetida sem consciencia, tem-se pouco a pouco tornado um como ecco automatico. Diz-se porque se ouviu,—como outras muitas coisas. Se porventura se pedisse a razão justificativa, o maior numero não a dava.

O defunto professor, o senhor Couto, tentou verter a *Iliada* em verso solto portuguez; mas, que o auctor saiba, não appareceu mais que o primeiro canto. O senhor Couto conhecia bem o mechanismo da lingua: para vencer porém todos os obstaculos de tamanha empresa era preciso maior pulso e esforço.

Estes possue-os incontestavelmente o sabio hellenista e philologo o senhor Antonio José Viale, distincto socio da Real Academia das Sciencias, que já tem consagrado ao progenitor dos epicos

— «Que dizes, filho de Tydeo valente!
«Que dizes tu!»—Nestor, o ancião, replica—
«Qual Troyano crerá que Heitor não mente
«Se Heitor por modo tal seu feito explica?
«E que o creiam! Unanime, eloquente,
«Funesta prova, a convencel-os fica
«A orphandade, chorando em vão transporte
«Tantos guerreiros que votaste á morte.»

uma parte dos seus valiosissimos cuidados e estudos; que melhor do que ninguem lhe pode fazer avaliar as bellezas; e com quem o auctor, que o respeita como a mestre, não quiz, por nenhuma forma, pleitear competencias n'este excerpto, cujas modestas dimensões attestam quão pouco lhe sobe a ambição.

A sua idéa foi sómente vulgarisar,— como tem já feito com outros modelos, e para estudo proprio,— um pequeno quadro, tirado da primorosa e vastissima galeria d'este preclaro e incomparavel pintor. Os que não podem compulsar os severos trabalhos dos hellenistas, nem são versados na lição da antiguidade, poderão ao menos, por esse trecho, bem que succinto, fazer uma idéa approximada do que, em geral, quasi só de nome é conhecido dos proprios a quem mais importaria avalial-o.

Pensou o auctor, por vezes, que tinha o direito de ensanchar o verso, corroborando o sentido e fortalecendo o pensamento; entendeu outras que poderia supprir alguns epithetos dos que profusamente abundam no poema, sem serem indispensaveis á sua percepção. Tal é o de «armado de elmo terrifico» (κορυθαιόλος) dado, quasi como sobrenome a Heitor, sem fallar n'outros, que o poeta repete constantemente quando se refere, não só a determinados individuos, senão a certos objectos e animaes, como os cavallos de Enéas, as guias do carro de Diomédes etc. A versão exacta d'estes epithetos, além de obrigar a periphrases frequentes que attenuariam o verso, traria comsigo repetições e redundancias, desnecessarias á intelligencia do essencial do texto. Em verdade são aquelles epithetos caracteristicos, assim do idioma, como dos costumes gregos; e haveria ali assumpto para curiosas aproximações e comparações phylologicas e ethnographicas. Mas, posto que n'um trabalho mais vasto e completo se não devesse por estas razões prescindir d'elles, n'um quadro resumido, com tão limitado fito, julgou o autor que lhe era licita a suppressão de alguns para maior concisão e perspicuidade: os seus esforços foram principalmente applicados a dar, com clareza e exactidão, a idéa e a imagem.

Sem se aproveitar das facilidades e licenças mais permittidas a

Findou; não mais escuta; os corseis volta,
E, por entre os dispersos fugitivos,
Os fustiga e os impelle á redea solta.
Heitor e os seus com estes incentivos
Arrojam-se, e c'os gregos já d'involta,
Os golpes dobram cada vez mais vivos.
De frechas bastas todo o ar toldando,
De Ilion o heroe assim lhes vae bradando:

já auctorisadas, o auctor não duvidou todavia modificar a expressão, quando tal modificação implicitamente se continha na idéa primordial, ou não contrariava o texto. Assim, na estancia VII, formulou d'este modo o pensamento:

«E que o creiam! unanime, eloquente
«Funesta prova, a convencel-os fica
«A *orphandade*, chorando em vão transporte etc.»

A traducção mais litteral seria: «Nem hão-de acredital-o os gregos, nem tal deixariam acreditar as lastimadas viuvas dos guerreiros magnanimos, bem armados, e no vigor da vida, a quem fizeste morder a terra.»

Acaso porém não se comprehenderá implicitamente na idéa da viuvez a da orphandade? e ficará menos verdadeiro e vigoroso o sentimento do poeta, que vê nos lamentos das familias chorando os Troyanos, mortos por mão de Diomédes, o melhor desmentimento ás jactancias de Heitor? A modificação da palavra respeita portanto escrupulosamente o espirito do texto.

Na estancia II o autor escreveu:

«. . . . . temeroso
«Fulge o raio, que estala na tormenta,
«E, ardendo, aos pés da célere quadriga
«Cae, diante do heroe, que vóa á briga.»

O seu empenho foi dar, com a propriedade e energia do original, esta imagem, em que para logo se revela o caracter de Diomédes. É preciso atirar-lhe o raio aos pés para o deter na investida.

Suscitaria aqui talvez o reparo dos eruditos a palavra «quadriga» applicada aos cavallos do chefe grego. Foi muito tempo objecto das discussões dos commentadores o averiguar se o carro de Heitor era tirado por quatro, se por dois cavallos, apesar dos quatro epithetos differentes com que, n'este mesmo canto, o heroe os distingue (Xantho, Podargo, Ethonte, e Lampo).

—«Ó filho de Tydeo, em qual conceito,
«Desenganados, te hão-de ter agora
«Os gregos, que, tomados de respeito,
«Louvavam teu valor a toda a hora!
«E te cingiram, por signal de preito,
«Laurel que os mais insignes raro enflora!
«E nos festins te davam, para honrar-te,
«A taça mais possante e a melhor parte!

Seria ocioso renovar, em relação a Diomédes, o letigio inutil que por tanto tempo atediou os aporfiosos com referencia a Heitor. No canto v refere o poeta como Diomédes conquistara a Eneas os cavallos d'este, afamados por serem da celebre raça dos do rei Laomedonte; e, pouco antes do episodio vertido, no mesmo canto VIII, Diomédes declara a Nestor que se serve já d'elles na batalha. Importa pouco saber se eram dois ou quatro, *quadriga* ou *biga*. Para auctorisar o emprego da palavra, basta saber se os gregos já usavam, ou não, da quadriga. Que d'ella usavam achamol-o confirmado no proprio Homero, e ainda no canto VIII, quando descrevê o perigo de Nestor, impedido na retirada pela queda de um dos quatro cavallos.

Na Odyssea o poeta torna a fallar nos tiros de quatro cavallos (τετράορες ἵπποι). Este costume é a cada passo indicado nos livros santos, como usança dos povos orientaes, desde os mais remotos tempos. Em Izaías, prophetisando Deus a Jerusalem a invasão dos Assyrios exprime-se n'estes termos: «*et erunt electæ valles tuæ plenæ quadrigarum* etc.» Nahum brada a Ninive, em vesperas de ser assolada pelos Chaldeos: «*vox flagelli, et vox impetus rotæ, et equis frementis, et quadrigæ ferventis* etc.»

Para consultar e colligir as diversas traducções e commentarios, criticas, analyses, e annotações, seria pouco uma vida, dado que fosse possivel tomar conhecimento das repetidas versões e imitações feitas em todas as linguas,—imitações e versões, tão numerosas já no tempo de Pope, que este não as computava em menos de mil, applicando ao poeta uma ampliação vulgar da moderna linguagem como feliz expressão de legitimo encomio.

N'uma versão acabada seria de certo indispensavel comparar e acarear a maior somma possivel de explanadores e scholiastas, e os mais auctorisados traslados, para melhor entrar no verdadeiro espirito e sentido do texto, e poder nacionalisal-o com fidelidade incontroversa. N'este caso porém, tratando-se apenas d'um extracto, o auctor, instado das estreitezas do tempo, e obrigado a repartir continuamente a attenção por variados deveres, differentes es-

«Quão diverso no modo e no sentido
«Acharás seu fallar! e quão mudado
«O respeito em despreso convertido!
«Não, guerreiro não és em pugna armado!
«Como inerte mulher eis-te transido!
«Vae, não pares, esconde-te apressado,
«Qual virgem tremula, a quem tudo assombra,
«E foge com terror da propria sombra.

tudos, e oppostos generos de composição, pensou que lhe era licito limitar-se ao mais essencial, e pôde apenas soccorrer-se á *Clavis homerica*, da edição de Londres, de Samuel Patrick; á versão latina de H. Stephano, *Ed. Patavii*, de Lederlino e Berglero; á de Paris, de 1740; a Spondano; á traducção franceza de madame Dacier, Ed. de Leide, que vale um pouco mais pelas notas do que pelo texto, raso, secco, e descolorido; e accessoriamente ás memorias de mr. Fourmont e do abbade Banier.

Do exame das traducções em prosa, e especialmente da de madame Dacier, concluiu o auctor que debalde se procurará fazer apreciar verdadeiramente um poeta, trasladando-o para esta forma. A idéa pode ser fielmente interpretada; mas falta-lhe a pompa que a reveste, o fogo que a anima, o sentimento que a recommenda, o movimento que a exalta: é a mesma, ella; mas não é o mesmo o seu effeito.

Os tres vultos que apparecem no episodio escolhido são dos principaes em toda a *Iliada*. Nestor é a personificação humana da sabedoria e da prudencia; Diomédes talvez o mais irreprehensivel e vigoroso caracter, entre aquella pleiada de heroes, pelo arrojo dos traços e logica nunca desmentida das acções: Heitor, o orgulho e melhor baluarte da cidade de Priamo, serve, com arte infinita, de realçar pela propria grandeza a gloria dos gregos.

O quadro é resumido, mas sufficiente para entrar na intimidade das bellezas do poeta.

Como é canto o conselho de Nestor! Como contrasta a venerabilidade do ancião com o tumulto da lucta a que o levam os deveres do cargo e os costumes de um povo guerreiro! Como é grande esta figura, tão acatada pela auctoridade da palavra, acceitando de Diomédes o logar secundario de auriga, para dar inteiro ao combate o braço valido do guerreiro vigoroso! Com que fera hombriedade Diomédes, que ousa pelejar com os deuses, affronta a colera celeste e hesita em voltar o rosto! Com que arte sapiente o poeta o faz sair mau grado seu do combate, symbolisando a prudencia a salvar a temeridade! Como a arrogancia de Heitor, na ephemera vi-

«Não és tu, não, que escalarás de assalto
«Nossas torres, prostrando-me os teus cortes;
«Nem has-de ir ateiar, galgando ao alto,
«A rubra chamma nas muralhas fortes;
«Nem tampouco aos baixeis, de espolios falto,
«Nos levarás captivas as consortes:
«Primeiro encontrarás, em liça aberta,
«N'esta mão que te busca a morte certa.»

Diz; e o bravo Diomédes novamente
Nuta, de taes ultrajes incitado:
Por tres vezes, volvendo a face ardente,
Quiz á pugna tornar mais irritado.
Mas outras tantas Jupiter potente
Dos pincaros do Ida trôa irado,
Dando aos Troyanos, de quem zela a gloria,
Previdente o presagio da victoria.

ctoria, justifica a vindicta e attenua a piedade da catastrophe que já lhe anda imminente! Emfim, como o poderoso epico sabe glorificar os seus heroes até nas derrotas, pintando-os vencidos, não por homens, senão por numes!

Não serão estes os grandes elementos da arte, os modelos admiraveis de que não deviam arredar olhos quantos ingenuamente pensam que a poesia consiste apenas na sonoridade das rimas e na symetria do metro?

Comprehendidas as tres figuras do quadro, será facil intender claramente o pensamento do poeta n'esta pequena acção, em que intervem os deuses, como no resto do poema,—gigantesca alliança do ceo com a terra, tão bella e tamanha, que seduziu os mais afamados epicos a imital-a depois servil e escusadamente.

Se para alguns leitores são superfluas estas reflexões, mesmo assim resumidas, para um grande numero não serão porventura totalmente inuteis.

LVIII

INDIANNAS.

I

VASCO DA GAMA.

Gentes vereis, e terras escondidas,
Onde, se um raio da verdade assoma,
Amansando-as tereis na turba immensa
Outro reino maior que a Europa extensa.
DURÃO, *Caramurú*.

Foi-se a tempera dos peitos
Dos portuguezes leões!
Quem sabe de que eram feitos
Seus robustos corações?
No turbilhão da matança
A ponta da adversa lança
Lhes gravava eterna a herança,
Dos giganlescos brazões.

Foi-lhes nas faces graval-os
A cimitarra sem dó;
E tão fundo, que apagal-os
Nunca pôde o sangue e o pó!
E eram todos pela frente;
E cada um d'elles, ingente,
D'estes heroes do Occidente
Ao mundo fallava, só!

Se algum caía por terra,
Sob a turba, ou pelo ardil,
Dava-lhe as honras da guerra
O proprio moiro anafil.
Eram-lhes feras mortalhas
D'Ormuz e Diu as muralhas,
Nas homéricas batalhas
De quarenta contra mil. (1)

Dae logar, nações absortas,
Dae-nos o nosso logar:
Vae abrir do Oriente as portas
O capitão d'Além-mar!
Tal feito, que a mente inflamma,
Foi preciso á nossa fama,
Para commettel-o um Gama,
Um Camões para o cantar.

D'esse Gama o vulto infindo
Quem o pode ir hoje erguer?
Era um Nestor reflectindo,
Um Ajax a combater.
Não cansa o braço possante:
Ganha um mundo; segue ávante;
E vae depois, como Atlante,
O mesmo mundo suster.

(1) Veja-se, para exemplo, a descripção do combate de Duarte Pacheco na India.

Inda todo salpicado
Do sanguinoso matiz,
Leva o saio arregaçado
Trasbordando de rubís.
Ao seu rei sagra contente
As novas joias do Oriente,
Arrancadas ao crescente
Da c'rôa dos Çamorís.

Quando a juba sacudia
O leão occidental,
Goa arfava, Adhem tremia
No seu leito de cristal!
N'um gesto, heroe generoso,
Do teu braço glorioso
Chamaste um rei venturoso,
Fizeste um povo immortal.

Erecto, na pôpa altiva
Do teu nobre galeão,
Sóltas á brisa lasciva
O portuguez pavilhão.
És monarcha d'esses mares;
E, senhor dos indios lares,
Tomas posse dos palmares
Do Sabayo e do Hyd-al-kão.

Entre as dobras da bandeira
Pendente do mastareo
Involta a figura inteira,
Qual em novo, regio veo,
Os castellos constellados
Revistas, como soldados
Pela costa perfilados,
Pés no mar, frontes no ceo.

Cae o Malaio transido,
Com assombro dos rivaes,
A vez primeira vencido
Sobre a terra de seus paes.
Não te impede força ou traça:
Pões o pé na astuta raça
Sobre as pedras de Mombaça,
Entre os ferros dos Çaimaes.

Emtanto o reino, de ovante
Fita o olhar no espaço azul,
Quando lhe mostra o almirante
As primicias do Cabul.
É elle que, em nova empresa,
Lhe abre a estrada da riqueza,
E as galeras de Veneza
Deixa ás portas de Stambul.

No elephante inda sentado
Sobre um throno de marfim,
Manda á côrte o aprisionado
Rume, ou Naire, ou Abexim.
De Cambaya nos pavezes
Crava a lança; e, bastas vezes,
De Calecut nos arnezes
Mede as páreas de Cochim.

Vaes aos cryptos monstruosos
Dos Brahmanes e dos reis,
Em-poz dias tormentosos,
Aos teus guerreiros fieis
Escolher as sepulturas:
Não achas, em vão procuras...
Não davam taes estaturas
Nem as indicas Babeis.

Para terem, Titães novos,
Sepulchro digno de ti
Vences povos sobre povos
Até dizeres: «aqui!»
No espaço não te constranges;
Dás ás prostradas phalanges
Por campa, o leito do Ganges
Por loisa, os serros d'Elhi.

E dás por Deus aos domados
Do teu gládio a ferrea cruz!
Se elles indagam pasmados:
—«D'onde vens? quem te conduz?»
Logo a replica te occorre:
—«O sol só meu berço corre;
«Minha patria nasce e morre
«Onde morre e nasce a luz!»

D'esses oceanos athleta,
Venceste até no louvor:
Póde a penna do poeta
Mais que o ferro do esculptor.
Em vão, porque o Athos dome,
Alexandre se consome;
Mas Camões gravou teu nome
Na face do Adamastor.

185...

LIX

INDIANNAS.

II

DIU.

(AO SR. MARQUEZ DE FRONTEIRA E DE ALORNA.)

> Basiliscos medonhos e lioens,
> Trabucos feros, minas encobertas,
> Sustenta Mascarenhas c'os baroens,
> Que tão todos as mortes tem por certas.
>
> CAMÕES, *Lusiadas*.

I

Nos tempos venturosos de algum dia,
N'esses tempos de crença e de esperança
Em que a chamma da patria n'alma ardia,
Praticámos acções de tal pujança,
Que não podem cobrir-lhes a valia
Nem as façanhas da moderna França,
Que tanta gloria pelas armas toma,
Nem os velhos annaes de Grecia e Roma.

Que o diga o poder todo de Cambaya
Em torno a Diu unido em cerco estreito;
E, entre as hostes sem fim que ao longe espraia,
O Rume-Kão feroz, á guerra afeito,
Contando que a postrema pedra caia
Só por dizer, ufano de tal feito,
— «É meu, e assim vinguei tantos revezes,
«Este pó que foi já dos portuguezes!»

Dos defensores são apenas centos,
São dos contrarios muitos os milhares;
Crescem, estes, a todos os momentos;
Tem contra, aquelles, os tufões e os mares;
Combate com propicios elementos
O moiro e o persa á porta de seus lares;
Longe dos seus o luso, em tal desterro,
A um tempo a mingua affronta e empunha o ferro.

Mas debalde o sultão embravecido
Seus thesouros empenha e seus estados;
Duro o turco e o janizaro aguerrido
Debalde envia em batalhões cerrados.
Coge-Çofar, o capitão temido,
Blasphemo expira aos pés dos seus soldados:
Rebenta o bronze, que as trincheiras fende,
Cae tudo; mas a praça não se rende.

Diu! Eterno padrão! Que acções honradas
Dos egregios avós ao mundo contas!
Mostra as tuas ameias mutiladas,
E os tropheos com que a injuria desaffrontas!
Mostra o que foste ás gerações prostradas,
Alerta, prompto o braço, as armas promptas,
Desvelada em continuos sobresaltos,
E mais firme depois de vinte assaltos.

É pequena esta voz da debil ode,
Frouxo o hymno de humilde *engenho e arte*!
O sudario dos seculos sacode,
Falla tu mesma, ó Diu! Em toda a parte
Attesta quanto o humano esforço póde;
E basta, e sobra, para eternisar-te,
Ante o povo, e ante a fé, por quem te empenhas,
O nome e o coração de um Mascarenhas!

II

As bombardas retroam fulminantes,
Com rouco estrondo que o pavor espalha;
Abrasado das chammas crepitantes,
Ferve o sangue no fogo da batalha;
Treme de horror nas pedras vacillantes
O roto spectro do que foi muralha;
Mas ovantes pompeiam nas ruinas,
Nas mãos da fama fusilando as quinas.

Tufa o vento do golpho, mais tremendas,
As largas pregas, confusão dos moiros.
Festejando estas inclitas contendas,
Prognostico feliz de novos loiros,
Sorri-lhe o ceo azul por entre as fendas
Abertas pela furia dos peloiros:
Cravado em cinzas, o estandarte ingente
O imperio portuguez firmou no Oriente.

Mas quantos, quantos jazem moribundos
Á sombra tua, triumphal bandeira!
Quantos d'elles, terriveis em dois mundos,
Te dão, tombando, a saudação guerreira!
Mais d'um, tirando ao peito os sons profundos,
Murmura na agonia derradeira:
—«Minha alma entrego a Deus, meu nome á gloria!»
E cae morto nos braços da victoria.

Outros, revendo em ti, por seu tormento,
A patria ausente, e os prantos da consorte,
Vão abraçar-te, recolhendo o alento,
Para acabarem como acaba o forte;
E, enviando-te o adeus do passamento,
Dobram, calando a dor, saudando a morte,
No chão rubro o joelho espedaçado,
Que a Deus sómente,—e ao rei,—tinham dobrado.

Qual das veias arranca a frecha hervada,
E vae sagrar-t'a aos pés, fero holocausto
Que prova como, proximo do nada,
Inda sobra o valor no peito exhausto!
Qual a charpa beijando ensanguentada,
Prenda saudosa d'um amor infausto,
Suspira um nome, incognito gemido,
Que só dos anjos póde ser ouvido!...

III

Do bravo sitiador a sanha ardente,
Crescendo co'as derrotas repetidas,
Porfia astuta, lavra cautamente
Com traça nova occultas investidas;
E rasga, por tal arte que a não sente
A prudencia que zela tantas vidas,
Nas entranhas da propria fortaleza
A cratéra que em breve estala acesa.

Renova o moiro infido os seus furores,
Como que em franco assalto combatendo;
Mas, pondo a mira nos ardis traidores,
Larga o campo, sagaz retrocedendo,
Porque já, sob os pés dos vencedores,
A serpente de fogo vae correndo...
Rompe a chamma, o ar foge, a terra parte;
E, feito um cahos, vôa o baluarte.

Os barbaros com feros alaridos
Tornam de golpe aos bastiões desfeitos,
Mas encontram, reparos não rendidos,
Sobre os escombros invenciveis peitos;
Assombram-se; e, volvendo espavoridos,
Nem sequer, mais crueis que satisfeitos,
Quando o vacuo medonho surge á vista,
O inflammado vulcão tem por conquista.

Cinco, — só cinco! — impavidos ousaram
Suster o impulso aos bastos assaltantes;
O braço ao braço oppondo, a turba encaram,
Mais que heroes n'uma lucta de gigantes;
Entre um bosque de lanças sustentaram
A brecha horrenda, firmes como d'antes;
E viu-se, com braveza desusada,
No mesmo golpe entrar mais d'uma espada.

Ai! cara gloria, feito doloroso,
Que ao crestado laurel murcha a verdura
Com tanto sangue, e sangue tão precioso!
Ali acharam morte e sepultura
Coutinho, Sousa, Almeida, e o Grão-Reynoso,
O temerario Ajax, — audaz figura,
Que nem ao raio quer voltar o rosto,
E deixa a vida, mas não deixa o posto.

Tambem lá foste, ó Castro (1) denodado,
Gentil mancebo, digno, por tua alma,
De tal pae, de tal nome, e de tal fado.
Do leito mórbido em que a dôr se acalma
Saes a buscar a campa do soldado,
E do soldado achaste a heroica palma,
Antepondo com brios sobre-humanos
A flor da heroicidade á flor dos annos.

(1) D. Fernando de Castro, filho mais novo do *Viso-Rey* D. João de Castro.

Mas ficam outros, a quem move a lança
Irresistivel furia ao ver tal scena:
A' frente d'elles, a bradar vingança,
Esforça a todos, e por todos pena,
O grande Mascarenhas que não cança:
Soldado e capitão, combate e ordena;
Mais que um pae nos desvelos que o consomem,
Nas acções de guerreiro mais que um homem.

Um ataque apoz outro é repellido,
O exemplo e a voz animam a peleja.
Onde o risco é maior, mais atrevido
De Mascarenhas o guião flammeja.
O proprio sexo fragil, destemido,
Aos mais fortes varões causando inveja,
Com despreso da morte á lucta accorre,
Auxilia, combate, incita... e morre!

IV

Uma vela! outra! e outra! — Grato instante!
São as galés do vice rei que chegam.
Cada qual mais intrepida e arrogante,
Empavezando as flammulas navegam.—
São Jorge, e a elles! Pela brecha! Avante!
Largas ondas de sangue as praias regam,
E o ecco d'este embate furibundo
Vae d'Asia á Europa, sae da Europa ao mundo!

1857

LIVRO III

ALAÚDE

LIVRO III

ALAUDE

LX

A ROSA BRANCA.

A que mal houve medo
Quem os monstros no mar, que vão nadando,
Com olhos seccos vio? quem o ceo cuberto
De triste noite, e quedo
Sem deffensam, c'o corpo só esperando
Está a morte cruel, que tem tam perto?

A. Ferreira, Odes.

I

Negra era a noite, e a praia solitaria,
E pesados os ares,
E tremendo o tufão que Deus mandara
Varrer os largos mares.

Em serras altas levantado o pégo
Ia os ceos insultar;
Em abysmos cavado ameaçava
A terra devorar.

E as liquidas montanhas alvacentas
Co'as nuvens entestavam ;
E raivando bramiam furibundas,
E quasi as salpicavam.

Nem sequer uma estrella, — uma promessa! —
Ao viajante perdido!
Nem clarão de esperanças reluzindo
Em ceo de dó vestido!

Nem astro, nem pharol, nem luz, nem facho!
Nada. Rochas escuras,
A praia solitaria, o mar immenso...
E Deus lá nas alturas.

Livido o raio atravessando as nuvens
Veloz fendia o ar,
E com fita de fogo immensuravel
Ao ceo prendia o mar;

E a chamma fugacissima, rompendo
As trevas carregadas,
Mostrava as rochas nuas, quaes se fossem
Gigantescas ossadas.

Enxofrados clarões, correndo ao largo,
Os campos inundavam;
E mil estranhas formas despertando
Incertas vacillavam.

Ruge, ruge, tormenta desvairada,
Ó filha do deserto;
Na selva ruge, ruge nos rochedos,
Ao longe ruge e ao perto.

Da antiga serra o tronco mais antigo
A scentelha inflammava;
Ardendo d'alto a baixo, ignea serpente,
Silvando colleava.

Pallida e triste, a flor medrada a custo
Na fenda de um rochedo,
Pendido o calix, tremula vertia
Como um pranto em segredo.

Do vendaval cortada, foi seu fado
Nascer, sorrir, findar :
Teve por salva o estrondo da tormenta,
E por sepulchro o mar.

Mais longe, sob as arvores da encosta,
D'ellas filha, outra flor,
Sòlta do ramo, o chão beijava arfando,
Como um perdido amor.

Na densa matta o secular carvalho,
Da força imagem fera,
Possante contrastava até na morte
A flor da primavera.

Não vergou, nem cedeu curvando a fronte
Ao braço impetuoso
Do bulcão furibundo : o tronco duro
Lhe oppoz, de si vaidoso.

Não vergou, mas quebrando nas raizes,
Revolto e destroncado,
Foi ludibrio do vento, e do combate
Despojo malfadado.

. . . .

E o rijo turbilhão corria ao largo,
Sem fim, sem rumo certo:
Ruge, ruge, tormenta desvairada,
Ó filha do deserto.

II

Na angustia d'alma em que o pavor murmura
Orava tudo ao Deus, que tal mandara,
E invocando o seu nome na amargura,
Ia a cruz abraçar.
Selvas, praias, e mar
As iras do Senhor repercutiam
Erguendo vozes mil e mil clamores;
Mas, terra a dentro, ao longe reluziam
Palacios de senhores.

Um d'elles, mais que os outros fulgurante,
Por cem vermelhas boccas trasbordando,
Derramava no campo circundante
Torrentes de harmonia
E de luz, que fingia,
Ao largo, na campina desolada,
Vista da praia concava e deserta,
Chamma pequena em selva emaranhada
A vislumbrar incerta

Como a rôla amorosa ia, plangente,
Uma nota perdida e gemebunda
Afagar os rochedos mansamente,
Suspiro similhando, —
Que o mudo horror quebrando
Atravez do rugir da tempestade, —
Humilde prece, arfar de seio terno,
Do mundo se elevava á immensidade,
Buscando os pés do Eterno.

E além, nas vastas salas, reflectindo
Mil astros no cristal, mil fogos n'alma,
E dois brilhantes soes no rosto lindo
De cada formosura,
Havia só ventura?...
Ai! qual e quanta dôr por entre flores
O veneno fatal occultaria!
Quantas penas, remorsos e terrores!
Quanta lenta agonia!

Como a lucta cruel dos elementos,
Na convulsa voragem revolvidos,
Mais branda talvez fôra que os tormentos
Com que um peito sincero
Minara fado austero!
E como a funda sombra da procella
Seria luz amena, comparada
A' noite d'alma em que não fulge estrella,
A' noite irmã do nada!

....

O festivo palacio illuminado,
Figurava, com olhos reluzentes,
Vedeta no pavor do descampado,
A procella espreitar...
E tudo a negrejar!
E a montanha tremendo de assombrada!
E a tormenta a rugir ao longe e ao perto!...
Ruge, ruge, tormenta desvairada,
Ó filha do deserto.

III

Pelo oiteiro da ermida a virgem triste
Descia lastimada:
Alvas roupas diaphanas e leves;
Madeixa ao vento dada.

Sobre os negros cabellos lhe alvejava,
Entre nuvens estrella,
Uma rosa, como ella amortecida,
E pallida como ella,

O curto pé, que as sedas molestavam,
Descendo a penedia,
Nos urzes da charneca não trilhada,
De rubro se tingia.

Era o corpo gentil como a palmeira
Que morre em chão contrario:
Sobre faces sem côr olhos sem vida;
O passo lento e vario.

E era ainda formosa! Linda e triste
Como o lyrio abatido,
Estatua amada de esculptor poeta,
Ou seraphim perdido!

Julgàreis ser um sonho dos sentidos,
Visão da madrugada,
Virgem d'Ossian, vestida de vapores,
De nevoas coroada.

Rijo o vento do sùl co'a trançà negra
O rosto lhe açoitava;
E a donzella, insensivel á tormenta,
Inerte caminhava.

Mais d'uma vez, lascado pelo raio,
    O tronco da espessura,
Lacerando-lhe o collo, lhe manchara
    Ao jaspe a neve pura.

Quem era? D'onde vinha assim vestida?
    Quem a rosa lhe dera?
Quem dôr tão muda e tão desesperada
    No rosto lhe puzera?

Porque, trajando dos saraus as galas,
    Todo este horror buscara?
Porque a tepida sala, e o baile, e a festa,
    Pelo bulcão trocara?

Anticipado hynverno
Murchara-lhe o porvir?
Ou vira a flor da vida
Cortada aos pés cair?

Contente e alegre as portas
Do mundo tendo entrado,
Cerrara-lh'as com penas,
Depois avesso fado?

Ouvira pouco a pouco
Morrer-lhe a melodia,
Que n'alma recolhera,
E d'alma a Deus subia?

Sentira que o thurybulo
D'incenso perfumado,
Que ardera no seu peito,
De todo era quebrado?

Vivera sem ter fito?
Amara sem ter crença?
Com prantos apagara
A occulta chamma intensa?

Morrera-lhe a ventura?
Fugira-lhe a esperança?
Turbara-se do peito
A placida bonança?

Na primavera d'alma
Que engano, ou que paixão
Sem dó lhe consumira
O ardido coração?...

IV

Na vida caminhava alegremente
Em liso chão, por sendas mais que amenas,
Debaixo de seus pés brotando amores,
E á tristeza sabendo o nome apenas.
Orava a Deus no ceo, na terra amava
A quanto em tôrno d'ella lhe sorria.
Estrella da manhã, no ceo da aurora
Sem mancha reluzia.

Como orvalho mimoso da alvorada,
Da terna mãe os prantos amorosos,
Por vêl-a tão perfeita, lhe corriam
Dos olhos, no futuro já cuidosos.
Preparavam-lhe o leito regalado
Brandura, amor, caricias e desvelos:
Tinha n'alma o prazer, no rosto as graças,
E o ceo nos olhos bellos.

Se entrava pelas salas perfumadas,
Da festa fulgurante e buliçosa,
Por mais que as outras encantar buscassem,
Ella só parecia ser formosa.
E nem tinha a cecem maior candura,
Nem um anjo do ceo mais innocencia:
Dissereis ser incognito reflexo
De sobre-humana essencia.

Nunca a mente mais férvida sonhara
Donzella assim. Dos olhos lhe manava
Uma fonte de amor, que entrava n'alma,
E, n'alma não cabendo, trasbordava.
Astros do coração seus olhos eram,
Seus olhos em que o Empyreo se revia...
Matava de ternura se os baixava,
Matava se os erguia.

Rubra flor em botão maravilhoso
Cortado nos jardins do Paraiso,
Se os labios purpurinos descerrava
Era para exhalar meigo sorriso.
A doce voz, que os ares perfumava,
Tormentas d'alma em doce paz fundindo,
Era um hymno de affectos, incessante
Da terra ao ceo subindo.

Amara! Fôra seu amor incendio,
Fôra oceano de incognitas delicias,
Fôra a mente sonhando mil extremos,
O coração desfeito em mil caricias.
Um homem d'alma nobre e vivo engenho,
Capaz de grande esforço e paixão rara,
De santa inspiração na fronte escripta,
A isempção lhe quebrara.

Dois anjos d'azas candidas, nascidos
Ao sopro do Senhor em mundo estranho,
Unidos peito a peito aos pés do Eterno,
Não tinham, não, de certo, amor tamanho,
O sol, e o ceo, e a natureza inteira,
Em si mesmos andavam contemplando;
E o duplo olhar dizia uma só alma
Dois corpos inflammando.

Não lhes turbava a limpida existencia
Dos homens vãos tumultuar profundo:
No meio do revolto mundo ignaro
Viviam d'outra vida e n'outro mundo.
De sonhos, de illusões, de paz, de encantos
Em golpho illimitado se empégavam;
E os olhos, já da terra desviados,
Nos puros ceos cravavam...

V

Era a noite fatal da tempestade.
Refulgiam do baile os esplendores;
E a donzella folgava-se, guardando
Riso nos labios e no peito amores.
Nos braços da ternura e da esperança
Aspirava os prazeres sem cuidado,
Sem ver sumir-se ao longe a sua estrella
No horisonte cerrado.

Ramos e lustres, musicas suaves!
E a delirante embriaguez das festas!
E os perfumes, e as joias,— e outras joias,
Mais bellas, mais esplendidas do que estas!
Vago rumor, secretas confidencias,
Confuso gorgeiar de mil gorgeios,
E a walsa reflectindo o gyro e as ondas
Nos palpitantes seios!

E tudo a rescender! a viver tudo!...
Ella, inquieta, aspirando outra doçura,
Aguardava impaciente quem podia
Tornar-lhe este prazer uma ventura!
Oh Deus! não vem.— Não vem! Porque?—Silencio!
Quando corria ao baile alvoroçado,
Em fundo precipicio o derribara
O corsel empinado!

—Morreu?—Morreu.— É certa a nova?—É certa.
A triste, ao saber tal, não verteu prantos,
Nem queixumes, nem gritos, nem desmaios,
Nem ais, nem preces, nem mortaes espantos.
Nada. Pallida, immovel, insensivel,
Sorriu, parece. Ouviu-se-lhe um gemido;
E de jaspe ficou,— truncada imagem
D'um sonho interrompido.
....

VI

E o baile proseguira, recrescendo
Em bulicio, em fulgor, em doidas fallas;
E a pobre afflicta, que a razão perdera,
Vagava á tôa nas festivas salas;
E todos se illudiam vendo o riso
Que em seus labios parados se fixara;
E a solicita mãe, já brando o susto,
Como os mais se enganara.

Notando mal o gelo de seus olhos,
E o peito a arfar, e o mudo gesto absorto,
Uns pensavam comsigo: «que impiedade!»
Outros diziam: «pobre do que é morto!»
E as fundas magoas, n'alma accumuladas,
Que a vida, a vida inteira, lhe partiam,
Dôr que d'um golpe tudo lhe levara,
Ai! que não lh'a intendiam.

Que insolito penar! que acerba magoa!
Que tormento cruel! que sorte crua!
Fôra explendida flor, do prado orgulho,
Erma perla ficou em rocha nua.
Com as rosas do rosto lhe fugira
Dos mesmos que encantava o bando vario:
Assim, ó mundo ingrato desamparas
Martyrio solitario!

Volvera um'hora apenas, e de tantos
Nem um sequer na misera pensava...
E ella, tomando o travo á propria angustia,
Sombra estranha, entre todos vagueava.
Ás janellas chegou. Ali seus olhos,
Cansados já da festa, e da agonia,
Saudaram rindo a tempestade horrenda
Que lá fora rugia.

Dobrara-se-lhe a dôr no peito anciado,
E até com isso a pobre se alegrara!
Se triplices horrores vomitasse
A procella cruenta, mais folgara.
E fôra quanto lhe alterara o rosto,
Que se ia em quedo marmore tornando:
Se algum este folgar lhe percebera
Passara gracejando!...

Chegara ao grau mais alto o baile ardente.
Torrentes de prazeres delirantes
Corriam pela turba, que embatida
Em vagas ondulava susurrantes.
Sem frémitos, sem voz, e sem suspiros,
Qual de bardo infeliz quebrada lyra,
Os grupos distrahidos transpozera,
E das salas saíra.

Em convulso stertor, em ancia muda,
Arrancando os adornos preciosos,
Ao solo os arrojara, quaes se fossem
Vís emblemas de tratos tenebrosos.
Branca rosa, que o noivo desvelado
Na vespera lhe dera, só guardara ;
E, sem olhos volver, saira ao campo,
E nunca mais tornara !...

V

Nas agruras solitarias,
Pela fraga bronca e dura,
Exposta ao vento da noite,
E aos terrores da espessura;
Sem mãe para te cobrir,
Aonde irás tu dormir?

Sem o teu Christo doirado,
Com quem tanto te apegavas,
Sem a tua linda imagem
Da Virgem, por quem chamavas;
Sem mãe para te abraçar,
Aonde irás tu parar?

A chuva, que alaga a jorros,
Te ensopa os raros vestidos;
Os teus membros delicados
Em breve serão transidos;
Sem mãe para te aquecer,
Aonde irás tu jazer?

Longe do mudo piano
E das tenras avesinhas,
Que por tua mão creaste
E a quem tanta affeição tinhas,
Sem mãe para te beijar
Aonde irás tu findar?

VI

Pelo campo vagara a desgraçada
Com seu constante rir,
Dos espinhos do matto retalhada
E sem nada sentir;
E depois de fartar-se de tormentos
Com tanta crueldade,
Sobre a rocha mais alta se assentara
Sorrindo á tempestade.

E a tormenta passava
Na rocha e sobre o mar;
E a misera sorria,
Sorria sem parar.

Figurava, ali posta solitaria,
Como nevoa delgada,
C'roando a negra rocha, ha tantos tempos
Sobre o mar empinada:
Perdida assim no espaço a forma incerta
Cuidàreis suspeitar
Anjo ou nympha, que a mente mal podia
Confusa imaginar;
Só quem no rosto oppresso lhe attentasse
Veria com espanto
Pelas faces correrem-lhe dois rios
De acerbo e mudo pranto.

E as lagrimas continuas distilavam
Sobre os labios ridentes;
Elles sem vida, gelidos, marmóreos,
Ellas acres e ardentes!

E a tormenta passava
Na rocha e sobre o mar;
E a misera chorava,
Chorava sem parar.

VII

Já da noite funesta as grossas trevas
Delgadas se tornavam;
Já das serras d'além, titães prostrados,
Os cimos alvejavam.
No horisonte fugia a tempestade
Negro manto arrastando,
Inda a rugir, qual fera insaciada
De longe ameaçando.

Vinha, apoz o tufão, toda caricias
A matutina aragem;
E, afagando o arvoredo, suspirava
Pela fresca ramagem.
A natureza sofrega bebia
O renascente goso,
Sacudindo o seu manto de vapores
Sobre o prado amoroso,
E o mar, soltando a espaços um gemido,
Na vaga inda fremente,
Pouco a pouco alisava os rolos crespos
Cedendo obediente.
Depondo as iras abraçava a penha,
Que entre as coleras medra,
Um osculo de paz levando a custo
Aos seus labios de pedra.

O veo de horror da tétrica procella
Caira já desfeito;
Cessara o pelejar dos elementos
Luctando peito a peito.
Já, por fim, sobre o oiteiro da ermidinha,
De parras coroado,
Desciam como uns raios de sol novo
Do horisonte doirado.
E toda a creatura começava
Um hymno ao Creador...
Dera a hora suave em que no mundo
Respira tudo amor!

VIII

No vallado a flor abria
O seio púdico ao beijar do orvalho;
A vida resurgia:
Era o principio do geral trabalho.
Na selva e no penedo
Murmurios de existencia começavam;
Da noite os olhos tristes
Do ceo nas solidões já se apagavam;
E as sombras rareando
O campo á fresca luz iam largando.

A' voz da creação
Desperto o mundo ao somno refugia;
Reflexo purpurino
Dos ceos altos a face lhe accendia:
Em rosto de donzella
Não fòra, não, tão viva a côr do pejo
Quando o noivo anhelante,
Luctando entre os melindres e o desejo,
Ensaiasse as primicias
Das primeiras e tremulas caricias.

Nem fôra tão mimosa
Como a facha de rosas estendida
Sobre o largo horisonte,
Iris de amor, esp'rança d'outra vida!
Do valle pelo arroio
Os contornos louçãos da selva umbrosa
Alongados tremiam
Pelo remanso d'agua priguiçosa,
Fugindo, ali pintadas,
Outra selva e outras arvores sonhadas.

IX

Da vida os mil rumores
Incertos acordavam,
E ao campo, morto ha pouco,
Alentos já tornavam.

De canticos recentes,
De canticos extinctos,
Variavam-se os acordes,
Já vagos, já distinctos,

Confusas melodias,
Apenas esboçadas,
Cortando os mansos ares
Aos ceos eram levadas.

De quanto Deus creara
De quanto a Deus sorria,
No espaço o aroma puro
Nadando rescendia.

Festiva a natureza
De galas se adornava:
Trajava alegres côres
Perdendo a côr de escrava,

Na frente verdes c'rôas,
Nas quaes o sol folgava,
No seio joias limpidas
Onde outro sol brincava.

E pelo oiteiro abaixo
Descendo vinha o dia:
Tapete d'alvas flores
A terra lhe cobria.

Ao chão as arrojara
D'a tempestade o vento,
Extrema despedida,
Ou candido lamento.

E a cada flor, caida
No solo abandonado,
Aos raios do sol novo
Brilhar inda era dado.

X

Brilhae, brilhae, ó flores,
Que rides entre os ais;
Brilhae; passado um dia,
Não brilhareis jámais.

Quando outra vez a noite
Volver a visitar-vos,
Quando outra vez o sol
Vier para afagar-vos,

Achar-vos-hão já seccas,
O' flores sem abrigo,
Achar-vos-hão sem vida
Ao pé do tronco amigo.

E quando o pastor lerdo
Da alpestre serrania,
Buscar da matta as sombras
Em vindo o Meio-dia,

Os tristes restos vossos
Sem dó vos calcará,
E nem que ali vivestes
Passando lembrará.

E avante hade ir, scismando
Nos rudes seus amores,
Sem dar-vos um suspiro,
O' minhas pobres flores,

E nem dirá comsigo,
Turbado n'alma dura:
— « Aqui vos deixo um pranto,
O' flores sem ventura! »

Se alguem alheios males
Regar dos prantos seus;
Se alguem, do mundo longe,
Viver comsigo e Deus;

Nas horas solitarias
Ess'hade recordar-vos,
E breve campasinha
No peito levantar-vos.

Hade ir, carpindo triste
As furias do bulcão,
Já quando nem lembrardes
Chorar sobre esse chão,

Tambem vós, pobresinhas
Tereis vosso cantor;
Tambem chorada morte
Terá d'um dia a flor.

XI

E *ella* estava no cimo do rochedo,
Estatua como d'antes;
A bocca descerrada, as mãos pendidas,
Os olhos gotejantes.

Da palpebra mortal na face immovel
O pranto inda pendia,
Gelada pela nevoa da alvorada,
Que a misera encobria.

No templo do Senhor como que orava
Em rapto divinal:
Era-lhe o ceo docel, o mar concerto,
E a rocha pedestal.

Chorae, anjos de Deus, almas da terra,
Chorae-lhe a infausta sorte:
Amor lhe dera o ser, de amor vivera,
Por amor teve a morte.

Triste, triste da mãe que a busca anciosa!
A que o leite lhe deu,
E contra o seio, infante e pequenina,
O rosto lhe aqueceu,

Não pode, já não pode hoje aquental-a,
Nem os beijos maternos
Lhe farão mais viçar aquellas faces
Feitas lyrios eternos!

Golpe fatal! Volvendo a madrugada,
Volvera a dôr e o sizo;
E, sem um ai soltar, soltara um nome
Por entre o pranto e o sizo!...

XII

Que nome foi, qual é, o que, invocado
Por alma que encerrara tanto fogo
Em centro limitado,
Mal do peito lhe sobe á flor dos labios
Da existencia lhe leva os restos logo?
Que nome, e que paixão tão desmedida,
Que, ao dar-lhe o desafogo,
Com tornar-lhe a razão lhe acaba a vida?

XIII

Vibrando-lhe o mais puro de seus raios
Ás faces de alabastro
Deu-lhe um osculo, o sol. Era o primeiro.
Só pôde dar-lh'o um astro!

Sem ancia, nem turpor, sem brado extremo,
Fugira-lhe a alma assim...
Aos cherubins do throno do Deus vivo
Crescera um cherubim!

184...

LXI

Á MEMORIA DO CORONEL CARDOSO. (*)

(MORTO NA REVOLUÇÃO DE 1851, ABRAÇADO ÁS BANDEIRAS DO SEU REGIMENTO.)

I

Musa da patria, que o dever inspira.
Vibra o canto indignado;
Toma o laùde a Ossian, em vez da lyra,
E deplora o soldado.

(*) Todos conhecem, e todos lamentam de certo, o desgraçado e heroico fim do bravo coronel nos quarteis do campo de Santo Ovidio. O auctor modificou expressamente as expressões, que podiam importar aggressão a caracteres publicos, porque, hoje, ao cabo de annos, a paixão, mesmo justa, seria inopportuna. Deseja elle sinceramente contribuir, quanto em suas forças caiba, para a extincção dos rancores e para a conciliação do paiz. Com tal intuito desterrou d'este livro todas as composições de caracter exclusivamente politico. Nas nossas funestas dissensões civis todos os partidos teem culpas

Não vês inanimada, em terra e exangue,
A victima primeira?
Não vês as manchas do mais nobre sangue
Sobre a lusa bandeira?

Não vês as provas dadas tantas vezes
Em campos de batalha,
E a honra, que aos guerreiros portuguezes
Servia de mortalha,

E a voz dos feitos, e as memorias santas,
E a antiga lealdade,
Calcado tudo das paixões ás plantas
Em noite de ebriedade?

Não vês pôr a divisa ensanguentada
No braço audaz do crime?
Não vês assim no tumulo ultrajada
A devoção sublime?

graves; e, se quizermos sinceramente reconquistar, como elle tem fé que podemos, o nosso logar na Europa, a primeira virtude do presente deve ser o esquecimento do passado.

Sejam porém quaes foram as situações, os interesses convulsionados, as idéas em ebulição, e as tempestades sediciosas, para a ordem social e ante as leis salutares da disciplina, a catastrophe, em que succumbiu o honrado coronel, é um acontecimento deploravel; o seu procedimento uma lição de dever e um exemplo venerando; a violencia que o privou da vida um crime nefando, que, se tivesse muitos imitadores, em breve abalaria pelos fundamentos a sociedade.

Tal é o pensamento capital que se conserva n'este pequeno poema, inspirado, logo em-poz do conflicto, por um enthusiasmo cheio de irritações, então naturaes, agora excessivas. D'essas expurgou cuidadosamente o auctor esta composição ao revêl-a, sustentando porém a penalidade moral do acto, na qual persiste, e em que não transige.

II

Foi acaso o perjurio, embora tome
Um titulo mais serio,
Que fez tão respeitado o nosso nome
N'um e n'outro hemispherio?

Foi elle que rasgou do vasto Oriente
Os segredos profundos,
Pondo ao povo nos braços, por presente,
A c'rôa de dois mundos?

Foi co'o perjurio que os heroes do Tejo
O Ganges dominaram,
E o nome de *fieis* em tanto ensejo
A' patria e ao rei provaram?

Era em perjurios que o valor brilhava
Sobre os padrões da gloria?...
Não. Passa a febre; fica a dôr, e trava
O amargo fructo na historia!

III

Salvè, misero Cardoso,
Nobre martyr do dever:
Teu exemplo generoso
Modelo eterno hade ser!
Tu, portuguez e guerreiro,
Tu és magnanimo herdeiro
Das antigas tradições;
Quando dava a luz da crença
Ao denodo a recompensa,
A' lealdade os brazões.

E essa invicta, augusta herança
Não se perde, ó martyr, não:
Findar não pode a esperança
Onde a fé tem tal acção.
Que homem d'alma e de coragem,
Aos manes teus a homenagem
Do seu culto negará?
Quem, na vida honrada e pura,
Quem, na heroica sepultura,
Seguir-te não quererá?

Ai! dorme em paz, ó soldado,
A' sombra dos teus tropheos:
Dorme! na terra invejado!
Dorme! bemdito nos ceos!
Por esse caro ataúde,
Que encerra tanta virtude,
Não passarão teus irmãos
Sem os joelhos dobrarem,
Sem as armas inclinarem,
E sem erguerem as mãos.

E não passa o veterano,
Que aprendeu a não faltar,
Sem fazer, magoado e ufano,
A saudação militar!
Osculando a cruz guerreira
Do gladio, que á cabeceira
Vela, funebre, por ti,
Diz ao moço camarada:
—«Era d'um bravo essa espada.
«Eil-o! Vês? Aprende ali!»

E na rude face austera,
Que o pó cobre e o sol queimou,
Uma lagrima sincera
Quasi a furto deslisou.
Não lh'a arrancaram feridas,
Em cem pelejas renhidas,
Ao trovejar do canhão:
A dôr funda da saudade,
O respeito á heroïcidade
Chamou-lh'a do coração.

Dorme em paz! Essas bandeiras
Em que o sangue teu jorrou,
São divisas das fileiras
Que a traição não maculou!
Dorme em paz! O teu martyrio
Fez ver o horror do delirio
Aos que um delirio perdeu;
E, ao funeral glorioso,
Um exercito brioso
Por guarda d'honra te deu.

IV

E o vulto do que jaz com fera ameaça
No festim das facções, á morte acceito,
Torvo surge, e lhes serve a rubra taça
Que enche no golpe que lhe rasga o peito;

Quem ousará beber do fluido ardente,
Na presença do spectro lacerado?
Se ha tal impio, que trague juntamente
Co'o delicto o remorso misturado.

E, para mais horror e mais tormento,
Se ousar inda encaral-o, veja logo
Na fronte ao martyr, por fatal portento,
O protesto do sangue escripto em fogo.

E a voz do heroe, por quem o pranto corre,
No tom da maldição, que os reos opprime,
Brade austera: «sabei como se morre
Quando a morte é dever, e a vida é crime.»

1851

LXII

DOR SYMPATHICA.

Á CIDADE DO PORTO, CONSTANDO O NAUFRAGIO DO VAPOR
DO MESMO NOME.

Luctantes ventos, tempestatesque sonoras.
VIRGILIO, *Eneida.*

I

Eil-o vem. Nova esperança
Pallidas faces corou.
Já risonha a vista alcança
A patria, o lar que deixou.
Os riscos do pego incerto
Esquecem quasi. Está perto,
Contra os impetos do mar,
Suspirado o porto amigo!
Vão no porto achar abrigo,
E no abrigo a vida achar.

Eil-o. . . Não quiz o destino!
Eil-os. . . Que scena fatal!
Perdão, Arbitro divino,
Se afrouxa o peito mortal.
Tantas familias feridas!
Tanto affecto e tantas vidas,
Que leva o horrendo cachão! . . .
Basta, que a musa delira:
Lance-se um veo sobre a lyra,
E outro sobre o coração!

II

Alaúde dos funebres gemidos,
Harpa dos longos crepes, eu te empunho,
Oppresso de terror.
Trocando o fero carme em ais sentidos,
Anjo da morte, imprime o negro cunho
Nos lamentos da dôr!

Ai! raro os sons te peço, e raro ouviste
Os hymnos meus, no mundo das grandezas,
Festivos eccoar.
Desprego-te nos lutos. Harpa triste,
Roubo-te ao pó para cantar tristezas
E os tristes consolar.

Amo o canto á desgraça consagrado!
Canto a dôr, canto a patria quando chora,
A gloria, e o meu paiz;
Canto a gloria do heroe abandonado,
E a do genio sem pão que o pão implora;
Canto a gloria infeliz.

III

A ti, cidade eterna, este meu canto!
Da angustia acerba nos funestos dias;
A ti o canto meu!
Não tenho mais que dar-te, e dou-te o pranto;
Nem mais podem humanas sympathias,
Que mais só pode o ceo.

Homem, presava as largas cicatrizes,
Que na face viril a mão da guerra
Te estampou immortaes;
Portuguez, se és provada n'estas crises
Dobro a fronte no peito, ó nobre terra...
E preso-te inda mais!

185...

LXIII

O CEDRO DA MONTANHA.

.... il cachait dans les cieux
Son front audacieux.

RACINE.

Folha a folha cae por terra
Do bosque o manto virente:
Tambem o cedro alteroso
O rigor do hynverno sente.

Fôra o cedro dos mais troncos
Invejado em toda a edade,
Por ser só e por ser grande,
Por ter gloria e magestade.

Já longo tempo brilhara
Em pompa, gala, e verdor,
A's debeis mattas do valle
Causando assombro e terror.

Mas eis que o vento do sul
Leva as ramas invejadas,
E alastra o dorso da serra
De seccas folhas mirradas.

Adeus brilho, adeus grandeza!
Triste o cedro lastimoso
Ergue os braços descarnados,
E inclina o cimo choroso.

Nem mysterios annuncia,
Nem dá sombras a quem passa,
Nem causa inveja aos mais troncos...
Fel-os eguaes a desgraça!

Folha a folha cae por terra
Do bosque o manto virente:
O cedro, bem que alteroso,
O rigor do hynverno sente.

184...

LXIV

O HYNVERNO.

> **Viderunt te aquæ, Deus, viderunt te aquæ**
> **Submersi sunt... in aquis vehementibus.**
> EXOD. 15, *Canticum Moysi.*

Apraz-me, á noite e só, no cimo agreste
Do pincaro mais alto da montanha,
Junto ao funebre tronco d'um cypreste,
Erecto e firme em solidão tamanha,
    Apraz-me contemplar
O ceo negro, a terra escura e triste,
A lugubre mudez de quanto existe,
    E os desertos do mar.

Contemplo; e meço então co'o pensamento
A pequenez de um animo apoucado,
Que treme quando ás portas bate o vento,
No silencio e nas trevas encerrado;
Que nos dias formosos
Passa incuidoso orgulhos ostentando,
E que apenas, se as sombras vem chegando,
Tem prantos vergonhosos.

Eu, que fujo do mundo, á tempestade
Venho pedir os temerosos brados,
O trovão que rebomba, e a magestade
D'um dédalo de fogos encrusados.
No meio d'esse horror,
Quando tudo ou combate ou se lamenta,
Eu só, de pé, no seio da tormenta,
Canto um hymno ao Senhor!

Deleita-me escutar a penedia,
Sobre as ondas convulsa debruçada,
A gemer os queixumes da agonia
Se é do raio do Eterno visitada.
Arrebata-me ouvir
No concavo da praia o mar que anhela,
E d'entre as rôtas nuvens da procella
Ver a lua surgir.

Pelas quebradas das serras
Mugem as aguas ferventes;
Crescem, pulam, incham, descem,
Precipitam-se em torrentes,
E o dorso vestem das rochas
Alvos mantos transparentes.

Cada fenda, cada pedra,
De negro musgo coberta,
Chora em fio, transformada
Em fonte perenne e aberta:
Solta discorre a tormenta
Pela campina deserta.

E o valle é todo engolido
Por estas aguas caudaes;
A' rouca voz das torrentes
Eccos respondem com ais;
E as ondas que vem da serra
Cada vez crescendo mais!

Em turvo pego revolto
O valle se converteu,
E a rasa chã da campina
Co'a côr o nome perdeu:
E' ilha a serra orgulhosa,
Mar o campo, e fonte o ceo.

Apraz-me, á noite e só, no cimo agreste
Do pincaro mais alto da montanha,
Junto ao funebre tronco d'um cypreste,
Erecto e firme em solidão tamanha;
Apraz-me contemplar
O ceo negro, a terra escura e triste,
A lugubre mudez de quanto existe,
E os desertos do mar!

184...



XLIII

GLORIA E MARTYRIO.

(NO ANNIVERSARIO DA MORTE DO DUQUE-IMPERADOR.)

« Quelque part qu'il étende ses mains dans l'ombre,
« il touche les cendres de ses peres.»

CHATEAUBRIAND.

I

Armas em funeral! Rolae tambores,
Rufae lugubremente!
Soltae da guerra, ó bronzes troadores,
O gemido fremente!

Dos olhos dos valentes do Mindello
Corre o pranto calado!
Guerreiros, não córeis: o pranto é bello
Nas faces d'um soldado!

Em quanto nas ameias consagradas
Vibra o dobre saudoso,
O crepe das bandeiras inclinadas
Varre o chão luctuoso.

Um vulto, grande em feitos e ascendentes,
Passou da gloria ao Horto.
Filhos da liberdade, as nobres frentes
Curvae. O Heroe é morto.

Armas em funeral! Rolae tambores,
Rufae lugubremente!
Soltae da guerra, ó bronzes troadores,
O gemido fremente!

Inteira uma nação aos pés da loisa
Ajoelha na amargura;
Co'o regio bemfeitor, que ali repoisa,
Repoisa-lhe a ventura.

Aquella mão robusta, ora tombada,
Deixou-nos na orphandade:
Já não leva, apertando a nobre espada,
A' gloria e á liberdade!

O ferro vencedor, pendente ao lado,
Pelo Heroe vela, só!
Guarda do nome seu o nosso fado,
Eil-o: foi sceptro; é pó!

Armas em funeral! Rolae tambores,
Rufae lugubremente!
Soltae da guerra, ó bronzes troadores
O gemido fremente!

II

Ao recinto funerario
Levae-lhe, vós, filhos seus,
Cem bandeiras por sudario,
Trinta canhões por tropheos;
Ponde-lhe ás plantas mirradas
As bayonetas enfeixadas;
Vossos tumulos quebrae,
Heroes das nossas batalhas,
Surgi, despindo as mortalhas,
E em torno d'elle formae.

Tomae logar na fileira,
Tomae o vosso logar,
Vós, soldados da Asseiceira,
Vós, ó bravos do Pilar;
Formae a vossa cohorte,
Qual nos dias em que a morte,
Ceifando co'as negras mãos
Muita vida e muita gloria,
Ou na campa, ou na victoria,
Tornava todos irmãos!

Mostrae nas faces austeras,
Que o sol dos campos tisnou,
A idéa das novas eras
Por que preço triumphou;
E, em torno do sarcophago,
Maxima prova do estrago,
No cortejo funeral
Dizei aos povos absortos
Porque os guerreiros são mortos,
Porque é morto o general!

N'esse estadio, todo sangue,
Quanto sangue se verteu!
E quanto martyr exangue
Cae; surgiu; recae... morreu!
Contae-lh'o vós, ó soldados;
Mostrae-lhe nos rotos lados
Os abertos corações,
E bradae: — «Vinde, illudidos,
«Ousae dar agora ouvidos
«Ao grito das sedições!

«Mocidade, vinde ao templo,
«Seus portaes francos estão;
«Vinde estudar n'este exemplo,
«E aprender n'esta lição
«Vós, que ostentando ferezas,
«Jogaes por vãs subtilezas
«Coisas de tanto valor,
«Podeis ver, entre taes lidas,
«Sem vergonha estas feridas?
«Este féretro sem dôr?

«Olhae quanto nos custaram
«Os dons que vós despresaes!
«Livres estes vos tornaram;
«Vós tornastes-vos rivaes!
«Sois porém da mesma raça:
«Se hoje o irmão ao irmão se abraça,
«Pode negal-o ámanhã?
«Pode, nega!... E amar-vos hade
«Vossa mãe, a liberdade,
«Mais a gloria, vossa irmã?

« Nós demol-as; foi a herança
« Que vos deixámos apoz:
« E' dos netos a esperança
« Legada pelos avós!
« O testamento paterno
« Não se engeita, rege eterno:
« Nem vós esquecer podeis
« Que não separa a memoria
« O astro da vossa gloria
« Da estrella dos vossos reis!»

Armas em funeral! Rolae tambores
Rufae lugubremente!
Soltae da guerra, ó bronzes troadores,
O gemido fremente!

III

Caiste! Foi teu prazer
Luctar, intrepido athleta,
Sem jámais desfallecer:
Ao tocar porém na meta
Paraste... para morrer!

Indomavel luctador
Ao chão foste mal seguro,
Saudando aurora melhor;
E a palavra do futuro
Nos labios sumiu-t'a a dôr!

Não tinhas inda cumprido
Inteira a tua missão;
Foi-te o fio interrompido:
No teu grande coração
O resto ficou perdido!

Armas em funeral! Rolae tambores
Rufae lugubremente!
Soltae da guerra, ó bronzes troadores,
O gemido fremente!

IV

Quem soube aos teus designios generosos
A audaz profundidade?
Deixaste-nos! a nós, orphãos saudosos,
Viuva a liberdade!

Egual na sorte ao vencedor do Egypto
Caiste muito cedo!
Tropeçaste na campa, — estava escripto! —
Como elle n'um rochedo.

Escala de Titães, o teu projecto
Derribaram-t'o os fados:
Na base do edificio não completo,
Ficamos nós... pasmados!

Oh! Deus! como esse vulto magestoso,
Reclinado na espada,
Hade encarar, sorrindo lacrimoso,
Este vaidoso nada!

Perdão, meu general! Olhos afasta
D'esta misera scena!
Perdoa, Imperador, ó sombra vasta
D'estr'outra Santa Helena!...

Armas em funeral! Rolae tambores
Rufae lugubremente!
Soltae da guerra, ó bronzes troadores
O gemido fremente!

186..



LXIV

ANJO-PRINCEZA.

(NO OBITO DA SERENISSIMA SENHORA D. AMELIA DE BRAGANÇA.)

O esp'rito deu a quem lh'o tinha dado.
CAMÕES.

O sepulchro dos Reis, eil-o negreja
Vestindo crepes novos!
O cypreste curvado lhe goteja
O pranto de dois povos!

I

Radiante as azas bateu
Sôlta já do humano encerro:
Era a terra o seu desterro;
A sua patria era o ceo!
— «Minha Mãe, a dôr modera»
Diz sorrindo-se: «Elle espera!...»
Filha dos Cezares, vae;
Desce ao Paço derradeiro
A consolar o guerreiro,
Matar saudades de Pae!

E, livre o espirito, foi!
Foi juntar-se pressurosa,
Sombra adorada e formosa,
A' grande sombra do heroe!
Como em longo abraço estreito
Elle a cinge ao forte peito!
Como em seus labios fartou
Paixão dos que tanto amara!...
No mundo a filha deixara,
No empyreo um anjo encontrou!

Outros anjos, seus irmãos,
Vem saudal-a triumphante;
Na bocca um hymno incessante,
As palmas d'oiro nas mãos.
Em vez do fragil diadema,
Que a potestade suprema
Lhe fez na campa tombar,
Sobre a fronte de alabastro
Põe-lhe Deus por c'rôa um astro
Que ninguem pode apagar.

E o guerreiro, que a reviu
Atravez de lucto e gloria,
Qual vira outr'ora a victoria,
Da terra as dôres sentiu:
Desvelado em seus extremos,
—«Filha minha» diz «oremos.
«Ouves? Pedem-te a oração.
«Anjo novo, ajoelha e óra,
«Por um povo que nos chora,
«Pelos teus que chorarão!

Radiante as azas bateu
Sôlta já do humano encerro:
Era a terra o seu desterro,
A sua patria era o ceo!
— «Minha Mãe, a dôr modera»
Diz sorrindo-se: «Elle espera!...»
Filha dos Cezares, vae,
Desce ao Paço derradeiro
A consolar o guerreiro,
Matar saudades de Pae.

II

Musa, que o ceo contemplavas,
Baixa os olhos sobre a terra:
Não vês tu que o espinho cravas
Na augusta dôr que se encerra?
Não. E' doce na amargura
O ausente bem recordar:
Alma que ás almas murmura
Que outra causa hade escutar?

Ouvi pois, ó Magestade!
A musa só vos repete
A sympathica saudade
Que em dois mundos se reflecte.
Ai! nem outra encher podia
O ermo, o vacuo, a solidão
Que n'essa santa agonia
Vos circunda o coração.

A vossa noite, Senhora,
Só tem agora uma estrella!
E o seu pallor vos namora,
E vós namoraes-vos n'ella!
Cedeu da morte aos impulsos,
Casto lyrio murcho em flor,
Sob os osculos convulsos
Do materno immenso amor!

Dois anjos pela existencia
Vos guiavam, Magestade:
Era o anjo da innocencia?
E o anjo da caridade.
Hoje, nos rudes caminhos,
Um só ficou!... Honra egual
A' vossa c'roa de espinhos,
E á vossa c'rôa ducal!

Radiante as azas bateu
Sôlta já do humano encerro:
Era a terra o seu desterro,
A sua patria era o ceo.
—«Minha Mãe, a dôr modera»
Diz sorrindo-se: — «Elle espera...»
Filha dos Cezares, vae
Desce ao Paço derradeiro
A consolar o guerreiro,
Matar saudades de Pae.

III

Soldados não volteis a face adusta;
Não fica o pranto mal!
Soldados, vae passar a Filha Augusta
Do vosso general.

Não vêdes sobre o feretro estendida
Essa rota bandeira?
Ai! é o manto da gloria que, sem vida,
Cobre da gloria a herdeira.

No rosto dos guerreiros do Mindello
Corre o pranto calado!
Ha pouco vol-o disse: o pranto é bello
Nas faces de um soldado.

IV

Se impavidos já cruzastes
Vossos ferros na batalha,
E a tormenta da metralha
D'olhos fitos affrontastes,
Essas armas denodadas
Voltae ao chão, camaradas;
Aspergi c'os vossos louros,
Em sycómoros tornados,
Estes restos malfadados,
Hontem de graça thesouros.

Plantae os tristes cyprestes
Em torno á fria morada:
Sorrir-vos-ha, penhorada,
A irmã das virgens celestes!
Cultivae co'as mãos callosas
A roseira d'alvas rosas,
Que, velando a toda a hora
Outra flor que ali repoisa,
Lhe hade chorar sobre a loisa
O orvalho de cada aurora!

Radiante as azas bateu
Sôlta já do humano encerro:
Era a terra o seu desterro,
A sua patria era o ceo!
—«Minha Mãe, a dôr modera»
Diz sorrindo-se: « Elle espera!...»
Filha dos Cezares, vae,
Desce ao Paço derradeiro
A consolar o guerreiro,
Matar saudades de Pae!

185...

XLV

AVE, CÆSAR!

(Á MORTE DE CARLOS ALBERTO, REI DO PIEMONTE.)

> J'ai vu mes tristes journées
> Decliner vers leur penchant:
> Au midi de mes années
> Je touchais a mon couchant.
>
> J. B. ROUSSEAU.

I

Eil-o, o teu defensor, ó liberdade;
Eil-o no extremo leito! A' humanidade
O tributo pagou!
Da nobre espada á lamina abraçado,
Viveu soldado-rei, e, rei-soldado,
Sobre a espada expirou!

Rasgou-lhe ovante as margens do destino,
Foi-lhe rota bordão de peregrino
Essa espada leal!
Hoje é cruz! Do aço puro a cruz só resta.
Sentinella da campa, ao mundo attesta
Que o heroe era mortal!

Os Œdipos de um drama incerto e vario
Talharam-te na purpura o sudario
Deixaram-te ermo e só!
Salve, ó rei! Rei no solio e no abandono;
Mais rei no exilio, do que os reis no throno:
Rei até sobre o pó!

II

Salve, ó martyr, coroado
Dos espinhos da paixão;
N'uma nova cruz pregado
D'uma nova redempção!
O teu Gólgotha foi este.
Aqui te cobre um cypreste
Muita gloria e muita dôr;
Aqui teu marco plantaste;
Vencido, aqui triumphaste
De ti mesmo vencedor!

O calix já trasbordava:
Bebeste-o. Foi Deus que o quiz!...
Deu a vida á Italia escrava,
E a sua alma ao seu paiz.
Não dobra a fronte suprema:
Impondo o pé no diadema
Dos estranhos foge á lei,
E, holocausto derradeiro,
Expia a dôr do guerreiro
Na sepultura do rei!

Foi longa aquella agonia!
Foi curta aquella afflicção!
Desceu rapida n'um dia
Da cabeça ao coração.
Entre as balas despedidas,
Entre as phalanges caidas,
Ficou, tranquillo e de pé,
Como o cedro da montanha,
Que, da tormenta na sanha,
As selvas prostradas vê!

Pela Italia, Hespanha e França
Depois, calado, galgou;
E por momentos descança
Onde o mundo lhe faltou!
Chega, observa, scisma e pára.
O soldado de Novara
Quer ter por leito final,
Quer por leito das batalhas
Este berço de muralhas
Que fez livre Portugal.

Onde a nossa liberdade
Martyr, heroica nasceu,
Pela sua a magestade
Heroica e martyr morreu.
Das glorias tuas, ó Douro,
Accrescentaste o thesouro.
O que é ligando ao que foi,
Cingiu teu braço robusto
D'um heroe ao resto augusto
A memoria d'outro heroe!

Ambos firmes combateram
Para a patria libertar;
Ambos do throno desceram
Para a vida á patria dar;
Ambos reis, ambos soldados,
Ambos fieis a seus fados,
Mostraram que no porvir
Podem ambos muitas vezes,
No triumpho ou nos revezes.
Eguaes da historia surgir.

III

Ferve o sangue, troveja a batalha!
Tine o ferro, rebomba o canhão!
Pavorosa sibila a metralha,
Varre as filas, dispersa-as no chão.

Lá galopam, se imbebem, se enlaçam
Uns nos outros rivaes esquadrões;
Corpo a corpo ferventes se abraçam
Em sanguentos, crueis turbilhões.

No lampejo do gladio vermelho
Fulge o raio que a morte vibrou!...
Sem seu filho a gemer deixa um velho,
Sem esposo uma esposa deixou!

D'essa immensa procella de guerra,
D'esse ardente, confuso stridor
Que ficou? Uma c'rôa por terra,
Uma bella captiva, um senhor!

Pobre Italia, tão bella e tão triste
No teu vasto, florido jardim!
Foi-te ingrata a fortuna, caiste;
Mas a queda d'um povo tem fim!

Iufelizes! Da turba guerreira
Fica um resto, que, prompto a morrer,
Cobre a face co'a rota bandeira,
Para ao menos a affronta não ver!

Mudos prantos os rostos consomem
Dos valentes do Goito... Que adeus!...
Era a sombra d'um rei e d'um homem,
Que passava em silencio entre os seus!

E passava. Expirar não lograra
Sob o golpe que em vão procurou;
Mas a vida que o ceo lhe deixara
Entre os braços da patria a deixou.

IV

Salve, salve, ó magestade
Moribunda a succumbir!
Como o espinho da saudade
Te havia fundo pungir!
Como o homem soffreria
Do monarcha na agonia!
Longe do que era tão seu,
Da esposa e filhos briosos,
E dos campos seus formosos,
E do seu formoso ceo!

— « Patria, adeus! Italia minha,
« Oh! terra que tanto amei!
« Se não te fiz ser rainha
« Não quiz mais tambem ser rei!
« Adeus, margens do Tessino,
« Sentença do meu destino!
« Adeus, povo que escolhi;
« Sê tu justo, e livre e forte,
« Possa dar-te a minha morte
« O que em vida não venci!

Assim diria; e, lançando
Os olhos em de-redor,
E vendo afflicto e chorando
Outro povo aquella dôr,
Resoluto accrescentara:
— « O soldado de Novara
« Morre contente afinal,
« Morre ao ecco das batalhas
« N'este berço de muralhas
« Que fez livre Portugal!»

1850.

LXVI

O DIA DE FINADOS NO CAMPO.

(IMITAÇÃO.)

> Vale, vale, vale. Nos te ordine quo natura premiserit sequemur!

I

Novembro contou já
O dia seu primeiro,
Iniciando ao anno
O epithome agoireiro.

Ai! como co'a saudade
A pensativa dôr
Percorre lenta, á noite,
Estes valles sem côr!

Da matta os ermos busca,
E praz-se ao susurrar
Do vento gemebundo
Que as folhas faz voar.

Esse rumor soturno
Tambem minha alma encanta,
Que os restos do passado
O escuro veo levanta.

II

Na quadra fria e triste,
Que despe o bosque e a terra,
Grave a religião
No seio os crepes cerra.

Seguindo antigos usos
Vem hoje a sua voz
Abrir o asylo funebre,
Morada dos avós.

Por entre as densas nevoas
A aurora já raiava,
E o bronze da campana
Os eccos acordava.

Mesclando os sons funéreos
Ao sibilar do norte,
Eil-a annuncia ao mundo
O festejar da morte.

O povo do Logar
Inteiro corre ao templo,
Onde preside o cura
Que a todos dá o exemplo.

Lê só do Deus de amor
As phrases mais tocantes,
Sem despertar as pugnas
D'escolas militantes;

Ignora as subtilezas
E os reptos ao divino
D'um Próspero, um Thomaz,
Um Pelagio, um Calvino.

E' pobre, nutre o pobre,
Reparte-lhe o seu pão,
E diz, á cabeceira
Do moribundo ancião:

— « Irmão meu, não temaes
« Da morte os negros veos:
« Deus desce para vós;
« Vós subis para Deus.

E' este quem prepara
O augusto sacrificio,
E, alçando as mãos, implora
Dos ceos o beneficio.

III

E' bello ver os porticos
Que o musgo vae toucando;
E a gothica vidraça
Frouxos raios coando;

E o lampadario augusto,
Que, já na antiguidade,
Symbolisava o sol,
E o sol a eternidade;

E o pranto, o incenso e os votos
Que sobem ao Senhor;
E as pudicas donzellas
Orando com fervor!

E' bello ouvir do orgão
O frémito lethal
No culto augusto e pio
Da pompa funeral.

IV

Os grupos que pranteam
Já se vão alongando:
Dos mortos á mansão
Caminham soluçando.

A santa cruz precede
Os passos contristados,
Com magestosos psalmos
A' morte consagrados:

O ruido os acompanha
Precursor das tormentas,
Toldando todo o ceo
Tristes nuvens cinzentas.

As frontes inclinadas
E os lùgubres cantares
Conformes são ao lucto
Dos campos e dos ares.

V

Eis todos vem chegando
Da aldêa ao cemiterio,
De tilia, murta, e heras,
Abandonado imperio.

As silvas em redor
Lhe crescem tristemente;
Debruça-se, orvalhado,
Curvo chorão pendente;

Susurra-lhe o sueste
Na copa amarellenta,
E ao pé se espraia um rio
Que aos devaneios tenta.

Indica o duplo aspecto
Das aguas e da loisa
Quanto se move eterno,
Quanto eterno repoisa.

Cada qual pressuroso
Reconhecer buscava
Ora a pedra, ora a relva
Que os seus já lhe occultava.

VI

Que afflicto quadro vejo!...
Largo um gemido sôa,
E no recinto agreste
Confusamente eccôa.

Logo as preces e os gritos
E os soluços refremem:
Todos os olhos choram,
Todas as vozes gemem.

Só, entre as mais, é muda
Uma linda donzella,
Cuja dôr, mais profunda,
E' tacita como ella.

Seu pranto todavia
Lhe desce ardente ao seio;
Os olhos já divagam,
E os pés vacillam, creio.

Ai! misera perdera
O noivo que adorava,
A quem seu coração
Esposo já chamava.

Beijando a terra fresca
Da nova sepultura,
Ao morto inda promette
Que não será perjura.

Mais longe uma viuva
Por seu marido implora;
E com ella, a seu lado,
Um innocente chora:

Tres annos conta apenas,
Ignora este penar;
Não chora por ser orphão,
Chora de a ver chorar.

Outra mãe dolorosa
Lamenta ao filho a morte,
E quer a pedra estreita
Cingir em vão transporte.

Além, da aldêa os velhos,
De frontes enrugadas,
Os joelhos dobram tremulos
Nas folhas já crestadas.

As mãos levantam sùpplices
Como escutando a voz
Com que da terra os chamam
Sepultos os avós.

VII

Tres vezes corre a turba
O espaço sepulchral,
E o cura por tres vezes
Lhe lança a agua lustral.

Os eccos do sepulchro
Ao povo que ali jaz
Saudosos repetiram:
— « *Irmãos, repouso e paz* !

185...



LXVII

DO HORTO AO SEPULCHRO.

Via dolorosa,
Via redemptionis!

A' sepultura vae, mortal encerro
De grandeza divina:
Fugindo d'este ephemero desterro,
A humanidade ensina.

Preside o pranto ao pobre saímento,
Levando-o, dolorosos,
De entre os braços da cruz aos do moimento,
Os sequazes piedosos.

Na face, que resgata a humana sorte,
Brilha a serenidade;
Não tem a loisa horror, nem gelo a morte
Em tanta magestade.

Do Rei dos Reis o corpo macerado
Cabe hoje n'um sudario...
A'manhã o universo libertado
Ser-lhe-ha breve sacrario!

1857

LXVIII

GLORIA E SAUDADE

AO EMINENTE POETA

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT.

Bem o vês, o alaude caiu-me
D'estas mãos que não teem já poder;
E o som derradeiro fugiu-me
Do hymno eterno que ergui ao nascer.

GARRETT — *Flores sem fructo.*

I

Não morreu! Volveu só a terra á terra!
O que era fragil cinza, a sepultura
No avaro seio para sempre encerra.

Vê-se ali dentro quanto é mal segura
Essa, que o vulgo cego julga a vida:
Ficou d'elle outra vida que mais dura.

Uma alma d'estas, nobre foragida,
N'esse mundo, em que tudo lhe é saudade,
Vaga attonita, achando-se perdida.

Chega a morte? Sauda a liberdade.
Rompendo o carcere, a viver começa
Porque trouxe comsigo a eternidade.

Quem ha que o vôo audaz hoje lhe meça?
Esvae-se a vista na amplidão do espaço
A que o espirito ardente se arremeça.

As azas fecha a mente de cansaço,
E as que ess'alma soltou deixam, fulgindo,
No ceo da patria um luminoso traço.

N'este é que vive os raios espargindo,
Que, não cabendo na morada estreita,
A foram lentamente consumindo.

A argilosa prisão tornou, desfeita,
Ao pó d'onde saira; e o que era gloria,
Dom de Deus, a immortalidade acceita.

Perece o que não lega uma memoria:
Para o que a deixa ás gerações, que ensina,
A morte é mais esplendida victoria.

Se um seculo, apoz outro, a fronte inclina
Ante o espirito, que ficou presente,
É que este brilha e vive: é rei, domina!

Dorme o corpo, e dos males, que não sente,
Alcança a paz. Depois, o tempo corre,
Sem achar presa, despota impotente;
Porque espirito assim, nasce, e não morre.

II

Que importa? Esta que tanto
O grão-Poeta cantou,
Doce mãe de amargo pranto,
Eterna, como esse canto,
Para choral-o ficou.

Ai! poeta da saudade,
Quanta saudade aqui vês!
Rompe a tua immensidade,
E, luctuosa realidade,
Hasde encontral-a a teus pés.

A pintura que fizeste,
Animada pela dôr,
Toma as côres que lhe deste;
E, da sombra do cypreste,
Surge, viva e triste flôr!

Sobre a lyra, que o ataude
Converte em sacra mansão,
Suspira um pobre alaude:
Se não vale o canto rude,
Valha n'elle o coração.

Suspirar! Elle sabia:
Nós sabemos só gemer!
Essa divina harmonia
Muda está; e quem lh'a ouvia
Não mais a pode esquecer!

Quem á magoa e á formosura,
Quem deu realce melhor?
Quem a patria e a desventura
Levantou com fé mais pura,
Celebrou com voz maior?

Ao seu canto, perfumado
Da casta musa natal,
Grande, qual foi, venerado,
Resurgiu todo o passado
D'este, que era Portugal.

E jaz! Só lhe vive a gloria
Que diz: «rival de Camões!»
E a musa, que precede a historia,
Entoa á sua memoria
O ecco das proprias canções.

A ti, ó povo, a quem fallo,
O cantor vem de legar
Um nome para guardal-o:
Saibamos nós conserval-o
Como elle o soube ganhar!

III

Camões, Garrett! Tres seculos ajoelham
Ante o abraço fraterno que ora daes,
No mutuo olhar os mesmos dons se espelham:
Onde sois, irmãos ha, não ha rivaes!

E dos avós o grupo heroico, — cheias
De loiro as mãos, as bocas de louvor, —
Lhes forma em torno festivaes cadeias
Pasmando cada qual do seu cantor.

Ao recem-vindo, que no rosto estampa
Jubilo celestial, uma voz diz:
— «*Quem entre os goivos te esfolhou da campa,*
«Ó flor da patria, a quem tão d'alma quiz!»

Era a voz do poeta, que á tormenta
As estrophes sem par tanta vez deu.
Depois, em tom sollicito, accrescenta:
— «O meu filho, como eu, tambem morreu?»

IV

Não morreu! Tornou só a terra á terra!
O espirito glorioso está presente:
Era da campa quanto a campa encerra.

Dorme o corpo, e dos males, que não sente,
Já logra a paz; mas vive sempre a idéa,
E o tempo abate o sceptro de impotente;
Porque espirito assim, o tempo enfrêa!

1854.

XLIX

GARRETT E CAMÕES.

(NO ANNIVERSARIO DA MORTE DO VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT.)

I

Entre os nomes d'aquelles que não passam.
Gravou-se eterno de Garrett o nome!
Seculos apoz seculos se espaçam,
E a acção d'elles taes nomes não consome.

Dão-lhes, prostrados, mais augusto vulto,
Porque a historia os resgata do abandono;
E as gerações lhes fazem, para culto,
Do tumulo um altar, da campa um throno.

Do tempo a onda, na voraz procella,
Não n'os cobre dos rolos fugitivos:
Cresce, elevando-os para Deus com ella,
E, mais perto do sol, brilham mais vivos.

E sobem mais nas orlas d'este oceano,
E o curvo firmamento vão abrindo,
Té que, engastados no horisonte humano,
Estrellas novas, ficam refulgindo.

II

Garrett é d'estes! Vívido suspira
O espirito nas azas da memoria:
Não morre o canto onde sôa a lyra,
Não morre o nome onde vive a gloria.

E vive! A flor d'um povo egregio o acclama,
Pondo-lhe aos pés o loiro inda virente,
E a patria ingrata do cantor do Gama,
Remindo o seu passado, honra o presente.

Não vêdes os dois genios abraçados?
Um rijo e austero, como o arnez que veste,
Sizudo o outro, como os seus cuidados,
E ambos cingindo as c'rôas de cypreste?

III

Eil-os, Garrett e Camões,
Filho e pae da mesma raça,
Bebendo na mesma taça
As mesmas inspirações.
Eil-o, o poeta soldado!
Pelo rosto mutilado
Deixa, grave, transluzir
O sorriso, triste e raro,
Ao ver o filho preclaro,
Que lhe vae aos pés cair.

Sobre elle a fronte pendendo,
E co'a fronte o laurel santo
D'onde goteja inda o pranto
Que o fez grande, martyr sendo,
A mão lhe estende possante,
Que, trabalhando incessante,
Luctou c'o o mar, sua escola,
Brandiu na espada a victoria,
Ergueu um templo de gloria,
E acabou... pedindo esmola!

Diz-lhe depois: — «Vem, meu filho,
«Vem descansar nos meus braços:
«Não deplores terreos laços,
«Não chores mundano trilho.
«Eu vivi! Fui peregrino!
«Poz-me á boca o meu destino
«D'um veneno o longo travo.
«Deu-me essa vida amargosa
«A miseria por esposa,
«E por amigo um escravo.

«E que pedia, Senhor,
«Da vã fadiga quebrado?
«O que a ninguem é vedado,
«Um raio de sol e amor.
«Nem isso, filho! Perdido,
«Sem voz, sem alma, vencido,
«Implorei,—vergonha immensa!—
«Rota a lyra, a esp'rança morta,
«Dos umbraes da minha porta
«A caridade á indiff'rença.

«Não soubeste ao menos, não,
«Como dóe esta agonia,
«Que a alma torna em cinza fria,
«Cinza de extincto vulcão;

« Nem como, gasto o desejo,
« De tanto fogo, o do pejo
« Sobre o rosto só ficou;
« Nem quanto as minguas consomem,
« Nem como, emfim, chora um homem,
« Quando chora o que cantou!»

« Não, pae, não, mestre,» — exclama
O outro fervido poeta, —
« Caistes, rendido athleta,
« Mas deixando eterna fama.
« Tres seculos, inclinados,
« Ao mundo tem dito, em brados,
« A vossa gloria e tormento;
« E o povo, a quem destes tanto,
« Repetirá vosso canto
« Nos degraus d'um monumento.

« Essa c'rôa, que venero,
« Cobre espinhos, rutilante;
« Teve-a o Tasso, teve-a o Dante,
« E a vós legou-vol-a Homero.
« Sei que esses amargos louros
« Custam da vida os thesouros;
« Sei-o, mas sei que, afinal,
« A par dos reis hospedado,
« Da injuria será vingado
« O Homero de Portugal.»

« Vingaste-me tu,» — replica
Do Oriente o grande cantor, —
« Meu monumento maior
« No que me ergueste me fica.
« Entraste nos corações
« D'um Bernardim, d'um Camões;
« Recolheste a nossa herança;
« Resurgiste-nos altivos,
« *C'os desejos sempre vivos...*
« *E sempre morta a esperança!*

« Cantaste, e do olvido eximes
« Quantos em torno a ti vejo.
« Repara ; é longo o cortejo
« De tantas sombras sublimes.
« Eis um Sousa, eis um Pombal,
« Aben-Afan, e Bernal ;
« E o Alfageme, que, á batalha
« Levando a espada mais dura,
« Como o povo, que figura,
« Peleja se não trabalha.

«Eis Alda, a pudica rosa,
«E Adozinda, e seu condão ;
«Eis a virgem de Lorvão
«Menos feliz que formosa.
«Flores do campo ou da serra,
«Filhas são da nossa terra.
«Eis, toda graça e harmonia,
«Como um grupo de Canova,
«A imagem, candida e nova,
«Da etherea e casta Maria.

IV

« Estes são, » — segue em voz alti-sonante
Do Adamastor o vate sublimado,—
« Estes são teus brasões ; estes ávante
« Teu nome hão de levar, e o triste fado
« De que a lyra tentou fazer prestante ;
« D'estes formaste o monumento [illegible],
« Que as nações saudarão, de toda a parte,
« Por que á patria o sagrou *engenho e arte.*

« Mais que os bronzes e os marmores robusto,
« Aos vindouros dirá que o luso solo
« Virgilios teve, se não teve Augusto;
« Mau grado ao esquecimento, inveja, ou dolo,
« Dirá que, inerte emfim, vencida a custo,
« Á gloria a ingratidão subjeita o collo,
« E a eternidade extrahe do horror profundo
« Quem, como Atlante, já susteve um mundo.

« Marmores! bronzes! Tardo e ocioso preito
« Que cinzas guarda, que a vaidade cobre!
« Tenue porção d'esse metal suspeito,
« Co'a voz do affecto, o óbolo do pobre
« Util levara ao despresado leito,
« Que o mundo fez de dôr, e Deus fez nobre,
« E onde o genio, esquecido do universo,
« Junto ao sepulchro, amaldiçoa o berço!

« D'estes não foste. Mais do que eu ditoso,
« Viste ainda, na extrema despedida,
« Alvorecer teu astro, e, luminoso,
« Dourar-te a c'rôa que te foi cingida.
« A voz dos povos fez-te glorioso,
« A mão dos reis agradeceu-te em vida;
« E eu vejo, emfim, aos raios d'essa aurora,
« Que avança o mundo, e o seculo melhora!»

V

Disse, e calou. Dizer-lhe mais quem hade?
Fallem agora, ouvindo-o, as vossas almas:
Melhor que a minha voz, a da saudade
Lhe viça os loiros, e lhe enflora as palmas.

Bradae-lhe vós, que ahi seu genio inspira,
Clamae-lhe vós, que honraes sua memoria:
« Não morre o canto onde vibra a lyra,
« Não morre o nome onde vive a gloria! »

1855.

L

ANTE O SOLIO E O TUMULO

NA CHORADA MORTE DE SUA MAGESTADE A SENHORA D. MARIA II,
A VIRTUOSA.

I

> « La morte, que tu plains, fut exempte de blâme :
> « Et le triste accident qui termina ses jours
> « Est le seul déplaisir qu'elle ait mis dans ton âme ! »
>
> LE PRESIDENT MAYNARD.

Cinja os crepes a lyra ! A fronte dobre
A musa dolorida !
Dobral-a pode aos Reis, quem, ante o pobre,
Não sabe tel-a erguida.

Das lagrimas o fio cristalino
Reflecte a côr do lucto ;
E, em silencio deplora, que o destino
Levasse a Flôr e o Fructo !

O louvor da que teve um berço augusto
Hade a historia contal-o
Da que inda é Mãe, gosando o premio justo,
Hãode as mães proclamal-o!

Foi-lhe pesada a Cruz! A Magestade
Amargou os arminhos!
Sentiu, pagando o feudo á humanidade,
Sob a c'rôa os espinhos!

Curtiu saudade em terras de desterro!
Provou magoas no Throno!
Era Rainha! É livre! Rôto o encerro,
São prantos seu abono!

Prantos geraes, que sobre o cenotaphio
Derrama o pesar novo!...
Reis do universo, olhae! Lêde o epitaphio
Que, mudo, lavra o povo!

II

« Orphãos tenros, do bafo teu nutridos,
« Sem ti, forçando em vão atroz lamento,
« Se lhes tardas, afogam-se em gemidos!»
(SANTOS SILVA.—T. A.)

Regios braços vos ensinam
Senhora, o templo da gloria;
Que, em torno á vossa memoria,
Sete seculos se inclinam!

Nossa esp'rança nos revezes,
Neta dos reis portuguezes,
A portugueza nação
Culto vos rende completo,
Tão cheio d'amor e affecto
Como o vosso coração!

Velam a Real Finada,
Assombrando o egregio estrado,
A cruz do templo d'um lado,
D'outro lado a cruz da espada!

Só, Rainha, os dons nos restam
Que esses symbolos attestam!
Pois que á patria, e á liberdade
Faltam já vossos extremos,
Para nós, que vos perdemos,
Pedi a força e a piedade!

Do cypreste debruçado
Goteja em perlas o pranto,
Tão nobre, tão puro, e tanto,
Qual nunca um povo ha chorado.

Honra ao sob'rano ataude!
Joelho em terra á virtude!
«Tudo o que tinha vos dei»
(Clama o espirito voando)...
Vêde-nos todos orando
Rei Viuvo, e Orphão Rei!

Dorme em paz, ó Magestade!
Tanto lucto em tanta vida
Faz que apenas seja crida
A funesta realidade!

Final consolo aos que deixas,
Sirvam-te as nossas endeixas
No funeral de tropheo,
Que em cinza a cinza repoisa!...
Filhos, beijemos a loisa;
Christãos, fitemos o Ceo!

III

« Angeli amaré flebunt. »
(ISAIAS.—XXXIII, 7.)

Ao rouco tom de lugubres tambores,
Da intensa magoa suffocando os gritos,
Marcham lentos os bravos lidadores:

Olhos, que o ferro e o fogo crusam fitos,
Rasos d'agua, a palpebra fremente,
Baixam, co'as armas, para a terra, afflictos!

Impavido, mais d'um, na pugna ardente,
Contra a morte voara, e não tremera;
Mas quanto não sentira agora sente!

Sente uma dôr, que indomita o lacera;
E a voz, que dava aos batalhões cerrados,
Trémula a solta, como nunca a dera!

Succumbe o som nos labios desmaiados;
Pela primeira vez hesita e pára;
Olha em torno: vê filhos, não soldados.

Vê filhos a chorar a Mãe preclara;
Não soldado, que morre erguendo o canto,
Inda jovial, que a bala lhe truncara!

Timida assoma, de si mesma espanto,
A lagrima, que oscilla envergonhada;
E a arder na face o pejo bebe o pranto!

Mas corre; e a mão, das armas calejada,
Busca infructifera estancar-lhe a fonte,
Rubra de o ver a cicatriz honrada!

Vão bem queimados loiros sobre a fronte
Adusta e fera; e é mais bello o fio
Que a dôr suspende, sem que as magoas conte,

Fio de mudo choro aljófra o brio,
Qual perla que enriquece a concha rude,
E em roble annoso o matinal rocio.

Chorae, chorae soldados! É virtude
As virtudes honrar! É grande e é bello
Prantos verter perante esse ataude.

Não é lisonja. A morte poz-lhe o sello.
Sumida a luz, não fulge o sol favores
No reino pávido em que tudo é gelo.

Quando o orvalham assim as grandes dôres,
Soldados, o laurel é mais virente:
Deixae correr o pranto livremente
Ao rouco tom de lugubres tambores.

Sentido! Eis marcha o préstito
Dos mortos á mansão;
E do silencio fúnebre
Só surge a oração.

Dos lados d'este féretro
Se crusam mãos rivaes;
E encontram-se sem colera,
E apertam-se com ais.

Até, curva, a calumnia,
Dobrando a audaz cerviz,
Forçada á penitencia,
O arrojo vil desdiz,

Á morte fez unanime
A dôr nos peitos sãos;
E os que luctaram férvidos
Saudam-se hoje irmãos.

Alçando os braços tremulos
Com tremulo fervor,
Entôa tudo unîsono
Um cantico de amor!

Sentido! Em pé no ádito
Do lugubre portal,
Ergue-se o vulto lívido
Do augusto General.

Estende a mão sorrindo-se
Á que elle, heroe, c'roou;
E em voz, que sabe o tumulo,
Diz: — « vem aonde eu vou.

« Á minha espada encosta-te,
« Filha, que tanto amei;
« E, na funerea abobada,
« Entra como entra um rei!

« Bem hajas, que, solícita,
« Trazes o povo teu,
« Para que o veja, o rapido
« Instante que inda é meu!

« Antes que sobre a lápida
« Sem fim volva a dormir,
« Ao rei dos reis prostremo-nos. . .
« Filha, vamos pedir!

«Camaradas indómitos,
«Vós, não menos heroes,
«Graças vos dou equânime...
«Quaes nossos paes vós sois!

«Um neto deixo: incólume
«Vós todos m'o guardae,
«E o Esposo que hoje próvido
«Rei, d'outro Rei é Pae!

Rei Viuvo, Orphão Rei, perdão, Senhores,
Se a triste inspiração
Ousou chegar-se a Vós! Mas a taes dôres,
Não foge o coração!

Sei bem que só n'ellas é conforto
O aspérrimo pesar!
E sou ecco d'um povo em magoa absorto
Que chora.... e quer amar!

1853.





LI

FLEBILIS ILLE!

À MEMORIA DE MEU TIO,

O DESEMBARGADOR FRANCISCO DE BORJA FERREIRA, VIGARIO DE SANTA MARIA DE LOURES.

> Os que na vida morriam por vós,
> na morte morrem comvosco.
>
> VIEYRA, *Serm.*

I

Levou-m'o Deus! Emfim quiz dar-lhe a palma
Que ao justo guarda, e cingir-lhe aprouve!
Eterna magoa o implora, que não houve
Em mais chorado corpo maior alma.

A saudade, que o chama e que o procura,
Mal pode crer que espirito tão recto,
Tamanho coração, tão vasto affecto,
Jaz para sempre em muda sepultura!

É fria aquella bocca sem vaidade,
Que as almas para os ceos alevantava,
E verdades singelas ensinava
Na singela cadeira da verdade!

Immoveis são aquellas mãos piedosas,
Que a caridade e as bençãos repartiram,
Tres gerações guiaram, tres uniram,
E outras tres soccorreram generosas.

E foi-se tudo ao solo derradeiro!...
De mim mesmo uma parte está sepulta!
Primeira dôr de tanta dôr occulta,
Foi-se comvosco o meu amor primeiro.

Longe a morte já vae, mas deixou perto
Fundo sulco de prantos derramados,
Que, se uns annos sobre outros são passados,
Inda lagrimas sangra o golpe aberto.

Mais vos devo que ao mundo e que á sciencia;
E, se algum fructo dou, vós o plantastes,
Mestre d'alma, que inteira me formastes
Com a voz da razão a consciencia.

Raro a vós se acercou chegando a ver-vos
Sem grato vos ficar por varios modos.
Cada qual perdeu tudo! E eu, sobre todos,
Mais que todos perdi só com perder-vos.

Ó sombra, de que é sombra este meu lucto,
Antes que o extremo dia me desponte,
Do regaço de Deus pendendo a fronte,
Ouvi-me attento o funebre tributo.

Feudo saudoso de tristeza infinda,
A lyra sepulchral do pó levanta,
Surge, ó musa das campas, surge e canta
Como pode cantar quem chora ainda!

II

Ai! sonhos da minha infancia
Aos raios da minha aurora,
Sonhos, que me faz, agora,
Mais sensiveis a distancia!
Jazeis-me ahi confundidos,
Sonhos vagos e perdidos
D'uma quadra passageira,
Na penumbra escura e fria
Da cruz relvosa e sombria
Que lhe vela á cabeceira!

Essas imagens amadas
D'aquelles annos ditosos
De puros singelos gosos
Tenho-as no peito gravadas!
Era a minha primavera.
Inda a taça não bebêra
Da fatal experiencia.
Sorria quando cantava,
E a lyra, que eu ensaiava,
Tinha as cordas da innocencia.

N'este espelho da memoria
Vejo o sol em aureo ambiente
Sobre o throno do Occidente
Deixando a purpura e a gloria.
O azul cabeço do monte
Vejo no rubro horisonte,
E no valle solitario
Ouço a voz, piedosa e lenta,
Do bronze, que se lamenta,
Na ogiva do campanario.

Ás mornas tardes d'estio
Quantas vezes, sem cuidado,
Não as passei reclinado
Junto aos sinceiraes do rio!
Correndo os placidos ares
Vinha a brisa dos pomares
Da remota e florea estancia,
A rescender docemente,
Como escrava do Oriente,
Trazer-me ao rosto a fragancia.

Como então rompia os veus
D'essas pallidas visões
Que ás longas contemplações
Fallam de amor e de Deus!
E como suave então
Me afagava o coração
A fugaz melancolia,
Que passa, mysteriosa,
N'aquella hora saudosa
Que não é noite nem dia!

III

E as noites? Noites, aquellas
Que eram tanto os meus amores!
A terra um vaso de flores!
O ceo um crivo de estrellas!
E o lume, que vinha d'ellas
Vertendo um terno mysterio
Do ermo no mudo imperio!
E as horas, que em doces fallas
Eu passava a conversal-as
No eirado do presbyterio!

Pois os serões de leituras,
Quando a voz do grave ancião
Claras me abria á razão
As parábolas escuras
De um texto das escripturas;
Em quanto a chuva, aos gemidos
Dos turbilhões repetidos,
As vidraças açoitava,
E o suéste sibillava
Vergando os chôpos despidos!

Praz-se o espirito enluctado
Nas longinquas perspectivas,
Que se alongam redivivas
Nos contornos do passado.
Este enlevo amargurado,
Que d'entre os tumulos vem,
Não parece que d'além
Já nos está namorando,
E os olhos nos vae levando,
Olhos e almas tambem?

Vão-se os meus atraz do encanto
Da sua propria saudade;
Vão-se, que fazem piedade,
De chorarem tanto e tanto!
Cresce a vida, cresce o pranto,
Porque é sentença da sorte
Que siga o homem seu norte,
Plantando com mão sentida
Pelos caminhos da vida
Os tristes marcos da morte!

IV

Muita tarde de estio, e noite amena;
Em verde oiteiro muita branca herdade;
Muita paysagem varia á luz serena;

Muito mais d'isto vi. Mas, em verdade,
Nunca mais sem toldar-lhe a formosura
Com triste veo de prantos a saudade.

Nos meus dias de jubilo e ventura
Falta-me sempre ao espirito esse affecto,
Sempre aos olhos me falta essa figura.

Falta do nobre ancião o grave aspecto,
E a austera voz, que, branda, me ensinava
A ler a obra de Deus em cada objecto.

Falta-me ver um povo que o adorava,
Beijar-lhe a mão curvada a juventude,
Descobrirem-se as cans quando passava.

Qual lhe exaltava a pròvida virtude!
Qual bemdizia o pão, que o soccorrera
Na longa enfermidade e inverno rude!

Do pedido segredo a lei severa
Outro quebrava, a cauta acção contando
Que ao ermo lar nova abundancia dera.

Ouvia-os elle, o homem venerando,
E aquella humilde grey, pastor sizudo,
Nos trilhos do Senhor ia guiando.

Tudo vejo, recordo-me de tudo,
E tem-me sido o nobre e santo exemplo
Da vida incerta o mais proficuo estudo.

Sereno olhando ao ceo inda o contemplo
Orando, no degrau da longa arcada,
Sob as vastas abobadas do templo.

Ali deixou a vida, consagrada
Ao piedoso dever que amava tanto;
Ali dura a memoria abençoada,
Perenne sempre em sempre vivo pranto.

V

Sem pompa jaz em campa sem vaidade,
Qual foi a vida sua;
Mas esse pranto, filho da piedade,
Correndo sobre o humilde cenotaphio,
Na pedra lisa e nua
Eterno lavra o maximo epitaphio.

Rejeitando as insignias da grandeza,
Presava o seu estado
Com raro amor, mais rara singeleza.
O impulso da ambição era-lhe estranho:
Não quiz outro cuidado,
Nem outro premio além do seu rebanho!

Amada sombra, adeus! Adeus, memoria
Que esta alma triste encanta.
Goteje o loiro, se me é dada a gloria,
O triste orvalho da saudade infinda;
E tu, ó musa, canta
Como pode cantar quem chora ainda!

Dezembro, 30 — 1857.



LII

MARE MAGNUM!

(A A. DE S., F. P., E A. T.)

Combien de patrons morts avec leurs equipages !
L'ouragan de leur vie a pris toutes les pages,
Et d'un souffle il a tout dispersé dans les flots.
Nul ne saura leur fin dans l'abyme plongée,
Chaque vague en passant d'un butin s'est chargée;
L'une a saisi l'esquif, l'autre les matelots!

V. HUGO

I

Não vos lembraes amigos? — Purpurino
Um raio do poente
As moveis aguas inflammava ardente,
Incerto como a imagem do destino.

Um lago cristalino
Era a estreita bahia,
Que discreta poz Deus, como um segredo,
Nos labios d'um decrépito rochedo.
Contra as lascas da cava penedia
Quebrava o mar; e apenas, alvejante,
Um leve fluxo a onda entumecia,
Que na praia arenosa
Se espraiava amorosa,
Arfando como um seio palpitante.

Lembraes-vos? — O recife, sentinella
Da risonha abrigada,
Eterno se desvela
N'uma eterna attitude á sua entrada,
Guarda-lhe elle o tranquillo e claro nivel
Do louco affago, do furor insano
Dos elementos varios, insensivel
Aos gemidos e ás colèras do oceano.

Não vos lembraes? — Além do manso pego,
O mar, que vem do largo, e que não cessa,
Da vaga arquêa a cuspide irritada,
E, com impeto cego,
A' insensata escalada
Dos immoveis penhascos se arremessa.

Quem hade commetter a louca empresa
De tentar a passagem tortuosa
Que alguma convulsão da natureza
Abriu sobre a voragem tenebrosa?
Do rolo immenso a curva ameaçadora
Investe, galga, apruma-se, desaba;
E quando o turbilhão, que o ar devora,
Trovejando rebenta,
Parece que á tormenta
A terra não resiste e o mundo acaba.

Pelas rugas da penha sacudida,—
De niveos flocos inda guarnecida,—
Depois que o mar bramindo atraz volvera,
Um veio d'agua, rapido e sombrio,
Deslisa; qual em rude face austera
De um triste ancião, que a edade encanecera
O pranto corre em fio.

II

Olhae: não vêdes sobre o dorso ingente
D'uma vaga, que audaz se precipita,
Um ponto, baloiçando intermittente
Na solidão da órbita infinita?

Um ponto é só, que surge e foge incerto
Nas convulsas palpitações do abysmo;
Que os olhos seguem no voraz deserto
Entre as ancias mortaes d'um paroxismo.

N'esse ponto, a boiar quasi invisivel,
Co'a morte á vista a todos os momentos,
O homem, das ondas na refrega horrivel,
Affronta a immensidade e os elementos.

Eil-o. É tenue batel, debil composto
De quatro frageis taboas mal cerzidas.
Ali ao mar immenso dão de rosto
Cada dia lidando muitas vidas!

Lá vem, fugido ao furibundo braço
Do vendaval que ao largo ruge iroso;
Em demanda lá vem do estreito passo
Onde o cachão referve temeroso;

Lá vem o lenho minimo, voando
No declive da liquida eminencia;
Lá commette os parceis, o curso instando,
Como quem põe nos pulsos a existencia.

Era a equipagem do batel ligeiro
Um homem já maduro, e uma creança:
Sovertel-os ameaça o mar ponteiro,
Na praia tem a unica esperança.

O homem tenta, vergado sobre os remos,
A ressaca vencer forçando a voga;
A creança, inactiva em taes extremos,
Ajoelha, as mãos levanta, e auxilio roga!

Lucta baldada! Torna a onda á carga
Antes que a proa a lâmina recorte.
Eis o homem volve o rosto, os remos larga,
E, ajoelhando tambem, aguarda a morte.

Alveja em flor um circulo de espumas,
Na voluta, que avança, e pende, e traga:
Traças de salvação não ha nenhumas;
Lacera a rocha quanto poupa a vaga.

Cae despenhado o mar com furor novo;
Rebentou mais veloz que o esforço o damno:
Apoz um grito, que desmaia um povo,
Fica o mudo terror... e a voz do oceano!

III

Em torno do parapeito,
Sobreposto á breve enseada,
Observando o triste effeito,
A turba, afflicta e prostrada,
Soluça pranto desfeito.

Suba em preces o pesar
Em quanto as lagrimas correm;
Não cesseis, irmãos, de orar
Pelos que vivem e morrem
Sobre essas aguas do mar.

São dos pobres pescadores
As mães, as filhas e esposas;
E são eguaes seus terrores,
N'estas horas lastimosas,
Porque são communs as dôres.

Ninguem mais appareceu!
A multidão circunstante
Instinctiva a um tempo ergueu,
Com a angustia no semblante,
Olhos e mãos para o ceu.

Um velho, da mesma lida,
Contempla o mar tristemente,
Só, na praia humedecida,
Encostado ao curvo dente
D'uma ancora partida.

Vê que, em desastre tão forte,
Toda a diligencia é van,
E fita immovel a morte...
Quem sabe se ella ámanhan
Terá tambem egual sorte?

Oremos juntos no lar,
Pois que taes lagrimas correm,
E não cessemos de orar
Pelos que vivem e morrem
Sobre essas aguas do mar!

Ericeira, 1857.



LIII

NECROPOLE.

> « Tout passe, tout s'ecroule sous la puissante
> « et mysterieuse action du temps. »
>
> G. SAND.

I

A minha musa é triste: ama o segredo,
E a muda quietação;
A noite na cidade, o sol no campo,
E Deus na solidão!

Ama os ramos espessos, enredados
Na matta suspirosa,
O dia refulgente, a roxa aurora,
E a tarde harmoniosa.

Inleva-se no ceo, quando enrubesce
O outeiro levantado,
E o silvestre caminho se enche ao longe
De fulvo pó doirado.

Ama a terna oração nas aras santas,
E as heras sepulchraes,
E o vago amor, e os pudicos affectos
Das almas virginaes.

Ama a crença abraçada c'o mysterio,
C'o mysterio a saudade,
A esperança com ambos, e com todos
Amiga a eternidade.

Um templo em que se prostre, a lyra, um ermo
Onde medite em paz,
Deus por seu guia, por seu astro a gloria,
Eis tudo o que lhe apraz.

Deixem-n'a pois interrogar austera
O pó que já viveu,
E o mysterio do tempo, arregaçando
Dos seculos o veu.

II

Musa, onde estamos? Que tropel é este
De capitaes caídas, vultos grandes
Ao triste escuro de mór sombra postos?
Pela mão do destino confundidas
Eguaes as ligam do sepulchro as heras
Que em multiplice, estreito, immenso abraço
Unem Roma a Carthago, Sparta a Roma.

Rentes do chão, as infesadas relvas,
Que as trevas amam, timidas assomam
N'aquelle acervo informe de muralhas,
Como em craneo despido raras brancas.
Reune, ó musa, as vértebras partidas
Do gigante arcabouço d'esses monstros,
Mastodontes da historia; palpa, inquire
Co'a a temeraria mão, affeita ás cinzas,
Cada longo squeleto de cidade.

— Esta, dize, qual é?

— Memphis é esta
Culta mestra da sabia Grecia culta.

— Est'outra?

— Est'outra é Thebas portentosa,
Por sonoro prodigio levantada,
Por lei fatal da sorte destruida.

— Eis outra Thebas, não?

— A das cem portas
Abertas como engastes preciosos
No cinto dos seus muros egypciacos.

— Aquella?

— Aquella inerte foi Corintho,
A cidade dos marmores.

— Aquella?

— E' Tyro a opulentissima, que outr'ora
O mundo d'oiro e purpura vestia.

— Aquell'outra?

— E' Palmyra, a celebrada;

A dos templos e campas; a famosa
Por suas inscripções. Luzida gloria
E longo affan te deu, ó sabio Huntington,
Que primeiro tentaste do passado
Ali arcanos ler; e a ti, ó Dawkins;
E a vós Smith, Wood, Halley, Bernard, Jacobo,
Que entre aquellas ruinas meneastes
Successivos o facho da sciencia!

—Que vejo mais? Que denso labyrintho!

—As catacumbas vês de Alexandria!
Paços, muralhas, mausoleos são cinza;
E mal dé tanto haver ficaram, restos,
Dois marmores partidos, e dois nomes;
Um, vermelho obelisco; outro, columna;
Cleópatra e Pompeo; marmores, nomes,
Caducas testemunhas do que é ido,
Do que hade vir attentas atalayas;
Ambos já pelo tempo assignalados
Na rija fronte, ha seculos erecta.
A rainha do Euphrates, derribada
Sem voz n'aquella terra que ella enchia,
Uma ossada figura sobre a margem,
Que alveja pallida á raiz do Tauro,
Onde as serras da Armenia ao mar se inclinam.
Além verás tambem Sydon, Ecbátana . .
—E aquella, mais soberba que prostrada,
Que além dos évos inda affronta os tempos,
E, convertida, ostenta a cruz de Christo
Onde outr'ora imperava a idolatria;
Aquella, que entre as outras reclinada
Parece ter na queda conservado
De força e gloria uma attitude eterna,
Musa, aquella qual é?

—Aquella é Roma!

A Roma antiga, a Roma soberana,
A Roma dos tribunos e dos Cesares,
A tyranna do mundo, escrava d'elles!

Visitemos, ó musa, visitemos
Mais de perto estes restos. Cuidadosa
Aproxima esse facho dos meus olhos.
Povoa-me estes montes dos que outr'ora
Foram taes quaes são hoje as sombras suas.
Reconstrue-me estes muros, estes arcos,
Palacios, vias, porticos e templos.
Vivifica essa turba que murmura,
Que se grupa, e se aperta, e burburinha,
Basto enxame, que eu sinto e que não vejo.
Saccode-me o teu facho n'estas sombras,
E faz'-me fagulhar milhões de estrellas
Pelos vãos, e reconcavos limosos,
Das profundas ab badas sombrias.
De minha alma turbada o pensamento
Faze, ó musa, surgir, qual, deslumbrante,
D'entre nevoas irrompe o sol do outono.

Musa, mostra-me o Fôro, fervoroso
Como em dias de turbidos comicios;
E o Capitolio, e o Palatino, e o Circo;
Mostra, mostra-me o Circo, variegado,
Sonoro, inquieto, ardente, estrepitoso!
Escuta, Musa. Cuido ouvir ainda,
Atravez do silencio das edades,
O rugido fatal do povo tigre,
Que os pés assenta na vermelha arêna
Como em regios tapetes! Olho, e vejo
Que lhe é purpura o sangue! O rei triumpha
No banquete humanivoro e selvagem!
Farta a sede que o queima! Empina ancioso
A rubra taça do festim cruento
Escorrendo na terra! Bate as palmas,

E corôa, e engrandece, e glorifica
O melhor dos convivas seus, a morte!

Eis Cesar e as Vestaes; eis Roma e o Circo.
E' fera aqui, é horrido e tremendo,
Mas sublime este povo. Musa, entremos.

III

Ferve ardente o phalerno impetuoso
Espumando nas amphoras disformes,
Que cinge o myrto verde, e que circulam
De braço em braço percorrendo o Circo.
Da turba as furias dobram. Sobe ás nuvens
O espantoso clamor. Arquejam peitos,
Ardem olhos crueis, affrontam labios
A terra, o proprio ceo, o Deus que os soffre.
A vista flammejante pede sangue,
Sangue pedem phreneticos, immensos,
Da louca multidão os gritos bravos.
O leão popular fraterno chama
Os leões do deserto; instiga a raiva;
E alçando a voz convulsa em ancia horrenda
De terror fere o mundo e o ceo de pejo.

O mel d'Hybla tempera em taças d'oiro
Mais custoso licor. Em ricos vasos,
Que um grego artista experto recamara
De soberbos, phantasticos relevos,
Consome o Oriente os varios seus perfumes
Rescendendo em aromas preciosos.
Do purpureo balcão a espaços foge,
Da plebe entrecortando a grita immensa,
Femineo rir que gela, e que no peito
Comprime o coração de horror e magoa.
São as damas de Roma, o sexo brando

Que assim aguarda a morte, e as horas mata
Da longa espera conversando amores.

Ostentam a crueza e a impudicicia,
Almas de ferro em corpos de alabastro!

IV

Musa, que é isto? O turvo pego humano,
Ha pouco tão revolto e procelloso,
De repente amainou. Mal se percebe
Anciado resfol'gar, sustido a custo,
E a custo presentido em tal silencio!
Musa, Musa, que é isto? Quem tão prompto
Emmudecer logrou tão brava turba?

No ardor viril dos annos gentis moços,
Tristes virgens na flor da formosura,
Intrepidos anciãos de porte augusto,
De alvo diadema pela edade ornados,
Entrar na arena vejo. Em côro harmonico
Do Eterno os hymnos placidos entoam,
Como em festa propicia de triumphos.

Eis rebentam de novo, mais sedentos,
Mais horriveis tambem, mais pavorosos,
Os brados mil e mil do Circo inteiro.
D'entre as pregas vermelhas e os recamos
Da esplendida tribuna, consagrada
A' casta Deusa, Vesta Protectora,
Signal as virgens dão. As portas rangem,
De golpe as feras saltam. Por instantes
Na mó da multidão vociferante
Os attonitos olhos rubros fitam
Assombradas de tanto a verem émula.

E os martyres cantando!

Agora, ó Musa,
Ai! agora saiamos. Calca o facho,
Apaga-m'o, escurece-me, não deixes
Que eu veja tanto horror. Não deixes, Musa,
Que eu sinta as faces minhas salpicadas
Do sangue a espadanar; que as mãos me açoitem
Da atassalhada carne as fibras tépidas.
Que espanto! Musa, ai! não! Venda-me os olhos,
Essa luz importuna esconde, esconde-a;
Afasta-me d'aqui. Musa, saiamos!

V

Dos martyres o côro já vae frôxo.
Mal o sinto cadente suspirando
Atravez da blasphema grita hedionda.
Afraca mais e mais... susurra apenas...
Já na terra expirou... No ceo revive
Hymno eterno de amor, de paz e gloria!

VI

Ao cabo surgir vejo, ó Musa minha,
Do meio da confusa turba incerta
De victimas, de povos e tyrannos
De barbaros, carnifices e feras,
O madeiro de Christo, a cruz sublime!
Regenerada vejo a humanidade,
Levando á frente alçado o glorioso
Novo estandarte, caminhar liberta
Ao sol eterno que alvorece ao mundo;



E, como Titão forte, sobrepondo,
Qual monte a monte, os seculos aos seculos,
Mais feliz pela fé, mais consolada,
Colher nos ceos a esp'rança, e dar á terra
Outra vida, outro affecto e melhor patria.

VII

Era o circo a forja ardente,
Em que a cega idolatria
Das nações encadeadas
As algemas derretia;
Preparava a liberdade,
E a liberdade não via:
Foi, no sangue derramado,
O evangelho baptisado!

«Avè, Cesar» — destemido
Exclamava o gladiador,
Expirando satisfeito
De expirar por seu senhor.
«Avè, patria minha, ó patria
Do meu Deus e Redemptor» —
Brada o martyr em transporte
Sobre a arena achando a morte.

Mas do escravo o grito ancioso
Não passou do solo immundo;
E do martyr o suspiro
Retumbou por todo o mundo;
A's thebaidas do deserto
Um ecco levou profundo,
E, ascendendo á eterna luz,
Proclamou gloriosa a cruz.

Pela propria mão soberba
Na sanguenta arena crava
Velha crença o pendão novo,
Que espedaçar intentava.
O povo das catacumbas
Faz-se livre em terra escrava.
Roma o passado alluia
Mas, insensata, applaudia!

Quebram feras as cadêas,
Rugem soltas, medo é vêl-as;
Mas aquelles gastos ferros
São do mundo, não são d'ellas.
Da nação omnipotente,
Zombam timidas donzellas:
Eis aberto, entre mysterios,
O sepulchro dos imperios.

A aguia audaz do Capitolio
Em abutre se tornou;
A Germania, a Gallia, a Iberia
De rubras pennas juncou,
E da frôxa garra o gladio
Mal seguro escorregou:
Ama o sangue, as mortes ama;
Mas pousada ao Circo as chama.

Essas raivas clamorosas,
Esse cruel desatino,
Os derradeiros furores
São da loba de Quirino;
Contra o chão lhe esmaga o collo
O ferreo pé do destino:
Lacerada, e já vencida,
Foge-lhe a furia co'a vida.

Sobre os despojos humanos,
Sobre os escombros ardentes
Surge o estandarte sagrado,
E, em suas dobras frementes,
Lê-se o texto de Deus Homem,
Novo codigo das gentes:
Hontem seita peregrina,
Hoje augusta lei divina.

VIII

Não mais: aqui paremos, e saiamos
Da necrópole vasta.
A palavra do Eterno sobre as campas
Lemos, ó Musa. Musa minha, basta.

Romeiros dos sepulchros, sacudamos
Os pés, nos trilhos novos,
Da poeira, em que jazem confundidos
Thronos e leis, religiões e povos!

1848.

LIV

(AO DR. S.)

SICUT LILIUM INTER SPINAS!

C'est ici le mélange
Des roses et des pleurs.
C'est l'asyle d'un ange :
Qu'il dorme sous les fleurs.

MAD. DESBORDES VALMORE, — *Elegies.*

Era um tumulo entre rosas,
Todo de roda assombrado
De um denso spinhal em flor!
Enlevava o coração,
E medrava-se, afagado
Pela sollicita mão
D'um desvelado cultor,
Que entendia o que era amor.

Sobre um cómoro funéreo
Uma columna partida,
E em torno a matta florida!

Ria ali a natureza;
Mas, não sei porque mysterio
Senti minha alma vencida
D'uma infinita tristeza,
Que do ceo m'a tinha presa.

Tal emblema em tantas flores,
E tão frescas, e tão bellas!
Ai! meu Deus! julguei ver n'ellas
Um grupo de irmans formosas,
Que, á luz tenue da manhan
Se inclinavam graciosas,
Para verem curiosas
Adormecida outra irman!

D'entre as tarjas do Occidente
Vinha, avivando a fragancia,
Uma frôxa claridade
Que allumiava aquella estancia
Da aurora da eternidade.

Pendia a flor da saudade
Das hastes de cada flor,
Esquecida a forma e cor;
E n'esta melancolia,
Que o mesmo ceo lhe vertia,
Viçava a idéa do amor.

Era um sorriso entre lagrimas!
Demorei-me não sei quanto,
Fugindo o tempo instantaneo
Não sei se longo, se não;
Sei que, tentando afastar-me,
Senti por dentro lavrar-me
Como um desejo de pranto,
Que me subia espontaneo
Aos olhos, do coração.

Voltei, fitando a columna,
Que erguia o fuste lascado
Como um destino incompleto,
Que foi no mundo quebrado
E com Deus ficou secreto.

Não posso dizer que affecto,
Qual instincto, ou pensamento,
Me fez, — levantando o veo
Que ás vezes sombrio existe
Sobre os pallidos amores, —
Ver ali um sentimento,
Eterno como este ceo,
Como este symbolo triste,
E vivo como estas flores!

Entre a esmaltada verdura,
Naturalmente encostada
A' columna mutilada,
Uma cruz, como remate,
Alvejava na espessura.

A cruz é dôr e resgate!
A flor, que o seu germe encerra,
Tem as raizes na terra
Mas aspira para o ceu;
E, revivendo-a na cova,
Cada primavera nova
Nova existencia lhe deu.

Flor plantada no passado
E colhida no futuro,
D'um affecto santo e puro
Assim revive a lembrança!

Do monumento piedoso
O sentido emfim alcança
Meu espirito, agitado
D'um fervor religioso:
Era o padrão da tristeza
Entre o signal da esperança
E a imagem da natureza.

Via-se ali a cultura
D'um prazer doce e cruel:
Uma ausencia prematura,
E uma memoria fiel!

Quem era? Se o sei, não digo.
Sobre os degraus do jazigo
Apagou seu facho o amor!
Era um anjo. E' cinza agora.
Desmaiou, como descora
Debil astro em noite obscura.
Voando aos ceos, foi depôr
O segredo da ventura
No regaço do Senhor!

Sobre essa campa saudosa
De interrompidos amores,
Alvo jasmin, lyrio e rosa,
Chovei lagrimas e flores!

1858.

LV

ULTIMA DESPEDIDA.

Sires have lost their children, wives
Their lords, and valiant men their lives
LORD BYRON — *Ballad.*

— Adeus, minha vida, adeus meu thesouro!
— Já partes? — E' força. — Permitte, meu bem,
Que a espàda te aperte, flagello do mouro.
— Pois queres? — Eu mesma. Se quero! Que tem?

— No arnez, e nas chapas de ferro esculpido
Magôas o seio. — Não sinto. Convem
Que a espada te cinjo, senhor meu marido,
Melhor que o teu pagem, melhor que ninguem.

— Convenho. — Não partes? — Não posso em teus braços:
A patria me chama, essa voz me detem.
— Pois fica. — Vil fico. Desata esses laços,
Se a honra me présas, e a tua tambem.

— E' tanto? — A almenara já deu ao sol posto
Signal de agarenos nas serras d'além.
— Vae, parte, e desculpa. Que fogo em teu rosto!
Não podem render-te, nem vinte, nem cem!

Partiu. Noite e dia, no seu miradouro,
A esposa procura se vê vir alguem...
Quebrara-se a espada, flagello do mouro,
Nas mãos de um cadaver. O esposo não vem!
1858.

LVI

. . . Te della natura estremo vanto
Mise sotterra ; e me, ch'ir dovea pria,
Lascio qui in preda al duol eterno e al pianto
Ne saprei dir se fu piu iniqua e ria,
Troncando un germe amato e caro tanto,
O no sterpando ancor la vita mia.

ANGELO DI COSTANZO — *Soneto*

Orava a mãe lacrimosa
No degrau da campa breve:
Tem ali, na terra, o anjo,
Que no seio e braços teve.

« Não chores, mãe, » diz-lhe o mundo
« Gosa a esp'rança e a formosura ! »
Mundo, ignoras o que a triste
Vê n'aquella sepultura.

N'um só pensamento absorta
Esqueceu-se do universo,
E a mesma pedra que abraça
Não sabe se é campa ou berço.

Fugir viu aquelle espirito,
Saudoso do paraiso,
Acabando n'um suspiro
O começado sorriso.

Como foi, e como póde
Escorregar-lhe dos braços
Para um sepulchro o innocente
Que prendiam tantos laços?

Não lhe lembra, mal distingue,
E tanto a illusão a tenta,
Que ás vezes, mesmo entre os prantos,
Em vez de orar, acalenta.

A existencia, se lh'a dera,
Levou-lh'a elle comsigo:
Por isso ali chora immovel
Como a estatua do jazigo.

Por fim, da urna o contacto
Seio e coração lhe gela...
E quando vão procural-a
Acham-n'a fria como ella.

1858.

LVII

A EPIDEMIA!

(Á CIDADE DE LISBOA.)

> D'estes extremos e intemperança dos ares, nascerão umas taes enfermidades, tão executivas, e malignas, que se povoarão as sepulturas de mortos, e se despovoarão muitas casas de vivos.
>
> P. ANDRÉ DE BARROS — *V. de Vieyra.*

I

Benigna Providencia, eu te saúdo,
Esperança do misero mortal!
Teus beneficios vejo e adoro em tudo,
No gosar e soffrer, no bem, no mal!

Uma cidade inteira por Deus clama,
Como a angustia por Deus sabe clamar,
E o coração co'as lagrimas derrama
No chão das campas, nos degraus do altar.

A solidão da capital deserta
Funebre corre o livido terror:
Co'a mão de spectro indica a valla aberta,
E na valla abraçada á morte a dôr.

A' sua voz, tremenda e lastimosa,
Dos labios mais festivos foge o rir,
Nas faces mais gentis desmaia a rosa,
Que o longo pranto veiu desflorir.

A vasta povoação, como um só homem
Sente o mal, fita o ceo, pára a tremer
Das ancias que as entranhas lhe consomem,
Da febre que lhe faz o peito arder.

Que é isto? D'onde surge? Que destino
Este açoite de Deus vibrou sèm dó?
Que é isto, que em funesto desatino
Tanto affecto sepulta em tanto pó?

São segredos do Eterno! A Divindade,
Que o exemplo deu nas penas de Jesus,
Quando quer depurar a humanidade
Põe-lhe aos hombros o peso de uma cruz.

Cruz pesada foi esta, e taes seus fructos,
Que hoje ainda o negrume dos vergões
Apparece na sombra d'esses luctos,
Que recordam profundas afflicções.

Ai! Senhor, que implacavel nos feristes,
Como, outr'ora, aos ingratos d'Israel!
E o quadro pavoroso em olhos tristes
Tristes memorias estampou cruel.

II

Cercado da familia agonisante,
Este agonisa. Aquelle affronta o ceu,
Ao ver a luz das tochas no semblante
Que ia rubrar o facho de hymeneu.

Est'outro esconde a um tempo a dôr e o rosto,
Pregando os labios na gellada mão,
Que pende inerte do fatal encosto,
E, no extremo, um prodigio pede em vão.

Cae a virgem, que leda volteava
Sob a vista enlevada de seus paes,
E o mesmo ramo, que no baile a ornava,
Vae servir-lhe aos emblemas sepulchraes.

Vestiu-lhe a morte do alabastro as cores,
Sem lhe tocar no mimo juvenil.
Vivera uma estação. Murchou co'as flores,
Que Outubro leva como as trouxe Abril.

Perde a mãe o que a vida lhe renova,
O filho em que estremece quanto amou;
E tanto se debruça para a cova,
Que o segue lá, bradando-lhe: «aqui estou!

Aqui o irmão prantea o roto laço.
O amigo pelo amigo implora além,
A esposa chora o esposo; e em seu regaço
A orphandade sem pão chora tambem.

O ancião, vendo fugir-lhe a prole cara,
Murmura a custo as orações christans;
E, já só, co'as mãos tremulas ampara
A c'rôa do martyrio sobre as cans.

Revendo-se nas lousas apinhadas
Da propria geração, que tem aos pés,
Ajoelha sobre as cinzas invejadas,
E brada: «quando chega a minha vez?»

São cinzas da sua alma, e partes d'ella
Que estão servindo á morte de tropheus!
Ficou-lhe a vida ainda, para vêl-a,
E carpil-a entre immoveis mausoleus!

O mal inverte as leis da natureza,
E o prematuro fim comsigo traz,
Que onde a vida acha mais, com mais crueza
Sedento exerce a furia pertinaz.

Ostenta-se, cortando a flor dos annos,
Rigoroso, lethifero, qual é;
E para os golpes dar mais deshumanos,
Deixa os ramos no chão e o tronco em pé.

Lugubre é tudo! Em ambito fulgente
Verte a morte, sorrindo, um ceo azul
Qual venenos dardeja o sol do Oriente
Nas infectadas ruas de Stambul!

Bem os vêdes, meu Deus. Eil-os exoram,
Co'a a funda prece que de dentro sae,
Piedade contra os damnos que os devoram.
Sois clemente, Senhor! Senhor, sois pae!

III

Sollicita escutava a Providencia,
Que dos crentes o espirito bemdiz;
E, no ardor da maléfica influencia,
Estende a mão ao supplice infeliz.

Erguendo-a da funesta lethargia
Alento infunda á timorata grey;
E, em proporção do mal, o auxilio envia
Na pessoa e virtude do seu rei.

Doe ao monarcha lastima tamanha,
Corre, abertas as mãos, benigna a voz,
E attesta, em christianissima campanha,
A heroica intrepidez de seus avós.

Um zelo, em quantos vivem a seu lado
Por sangue e autoridade, egual se dá,
O povo, como Lazaro evocado,
Surge, despe a mortalha, e espera já.

Ao doloroso brado de quem soffre
Accodem promptos os instinctos bons,
E a ardente caridade em amplo cofre
Com largo empenho accumula os dons.

Aos tristes lares onde soa o pranto
Volve a piedade os corações e as mãos:
Contempla a Europa, com louvor e espanto,
Na dor da crise uma nação de irmãos.

O sacerdote, o medico zeloso,
Affronta os riscos, sem temer nenhum;
E, no leito, que vela cuidadoso,
Quando o enfermo levanta, cae mais d'um.

Cae martyr, e dá honra co'a memoria
Ao evangelho, á sciencia, á patria, e a si. . .
Ao menos diga ao mundo a voz da gloria
Que o brio do dever vive inda aqui.

E o ingrato, que o patente beneficio
Logo esqueceu, para o negar depois,

Saiba que Portugal é chão propicio
A' herança dos apostolos e heroes.

Nem erga, sem medir o como e o quando,
Banal censura em frivolo sarau,
Sómente exemplos sordidos citando;
Que em toda a parte existe bom e mau.

Deshonra o sangue, é quasi um parricida
O filho que o seu berço infama assim.
Quem, se o lustre lhe rouba n'esta lida,
Hade o seu nome respeitar por fim?

IV

Finda o canto co'as palmas á virtude,
Musa, que a dor visitas como irman,
E, encostando aos sepulchros o alaude,
Co'a dextra aponta o ceo, Deus .. e ámanhan.

Na luz mais viva d'esse quadro breve
Erguido o vulto augusto saudareis
D'um rei, que n'este exemplo servir deve,
De gloria ao povo, de modelo aos reis,

Benigna Providencia, eu te saúdo
Esperança de misero mortal:
Teus beneficios vejo, e adoro em tudo,
No enlevo e dor, no bem como no mal.

1858.

FIM.

ERRATAS ESSENCIAES.

LIVRO I.

Pagina 37, verso 25, onde se lê:

Gloria a vós, irmans, anjos de luz fagueira

Deve lêr-se:

Gloria a vós, ó irmans, anjos de luz fagueira

Pag. 45, v. 26, onde se lê:

Gasta a vida apenas fujo ao berço!

Deve lêr-se:

A vida gasta apenas fujo ao berço!

Pag. 47, v. 3, onde se lê:

Do abysmo todo o fundo.

Deve lêr-se:

Do abysmo toco o fundo.

LIVRO II.

Pag. 157, v. 26, onde se lê:

De ver um tygre devorar-te um filho

Deve lêr-se:

De ver um tigre devorar-te um filho

Pag. 194, v. 14, onde se lê:

Vestindo flores, e palmas, e brocados,

Deve lêr-se:

Vestindo flores, palmas, e brocados,

Pap. 206, v. 2, onde se lê:

Povo de tygres se fez

Deve lêr-se:

Povo de tigres se fez.

Pag. 217, v. 2, onde se lê:

Morrer pelo seu Deus inda mais bello

Deve lêr-se:

Morrer pelo seu Deus inda é mais bello.

Pag. 290, v. 13, onde se lê:

No vallado a flor abria

Deve lêr-se:

No valle a flor abria

Pag. 294, v. 11, onde se lê:

Gelada pela nevoa da alvorada

Deve lêr-se:

Gelado pela nevoa da alvorada.

Pag. 295, v. 4, onde se lê:

Por entre o pranto e o sizo

Deve lêr-se:

Por entre o pranto e o riso

Pag. 334, v. 4, ondé se lê:

Que os restos do passado

Deve lêr-se:

Que aos restos do passado

Pag. 381, onde se lê:

— Aquella?
— Aquella inerte foi Corintho
A cidade dos marmores
— Aquella?
— É Tyro a oppulentissima que outr'ora
O mundo d'oiro e purpura vestia

Deve lêr-se e emendar-se a collocação do seguinte modo:

— Aquella?
— Aquella inerte foi Corintho
A cidade dos marmores.
— Aquella?
— É Tyro a opulentissima que outr'ora
O mundo d'oiro e purpura vestia.

Pag. 400, onde se lê:

Que o longo pranto veiu desflorir.

Deve lêr-se:

Que o longo pranto veiu a desflorir.

